

UNIVERSIDADE ESTADUAL DE PONTA GROSSA
SETOR DE CIÊNCIAS EXATAS E NATURAIS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM GEOGRAFIA
MESTRADO EM GEOGRAFIA

THIAGO TISON DE OLIVEIRA

CAMINHANDO COM OS DEFICIENTES VISUAIS DA APADEVI EM PONTA
GROSSA-PR: A PAISAGEM COMO ENGAJAMENTO COM O MUNDO

PONTA GROSSA
2025

THIAGO TISON DE OLIVEIRA

CAMINHANDO COM OS DEFICIENTES VISUAIS DA APADEVI EM PONTA
GROSSA-PR: A PAISAGEM COMO ENGAJAMENTO COM O MUNDO

Dissertação apresentada para obtenção do título de
Mestre em Geografia na Universidade Estadual de
Ponta Grossa.

Orientador: Prof. Dr. Almir Nabozny

PONTA GROSSA
2025

O48 Oliveira, Thiago Tison de
Caminhando com os deficientes visuais da APADEVI em Ponta Grossa-PR: a paisagem como engajamento com o mundo / Thiago Tison de Oliveira. Ponta Grossa, 2025.
145 f.

Dissertação (Mestrado em Gestão do Território - Área de Concentração: Gestão do Território: Sociedade e Natureza), Universidade Estadual de Ponta Grossa.

Orientador: Prof. Dr. Almir Nabozny.

1. Paisagem. 2. Deficiência visual. 3. Teoria mais-que-representacional. I. Nabozny, Almir. II. Universidade Estadual de Ponta Grossa. Gestão do Território: Sociedade e Natureza. III.T.

CDD: 910



UNIVERSIDADE ESTADUAL DE PONTA GROSSA
Av. General Carlos Cavalcanti, 4748 - Bairro Uvaranas - CEP 84030-900 - Ponta Grossa - PR - <https://uepg.br>

TERMO

THIAGO TISON DE OLIVEIRA

"CAMINHANDO COM OS DEFICIENTES VISUAIS DA APADEVI EM PONTA GROSSA-PR: A PAISAGEM COMO ENGAJAMENTO COM O MUNDO"

Ponta Grossa, 20 de fevereiro de 2025

Dissertação aprovada como requisito parcial para obtenção do grau de Mestre em Gestão do Território, no Programa de Pós-Graduação em Geografia, Mestrado em Gestão do Território, Setor de Ciências Exatas e Naturais, da Universidade Estadual de Ponta Grossa, pela seguinte banca examinadora:

Prof. Dr. Almir Nabozny - UEPG

Profa. Dra. Bianca Beatriz Roqué - UNIFAP

Prof. Dr. Daniel André Fernandes Paiva - ULISBOA



Documento assinado eletronicamente por **Almir Nabozny, Professor(a)**, em 24/02/2025, às 12:35, conforme Resolução UEPG CA 114/2018 e art. 1º, III, "b", da Lei 11.419/2006.



Documento assinado eletronicamente por **Bianca Beatriz Roqué, Usuário Externo**, em 24/02/2025, às 13:40, conforme Resolução UEPG CA 114/2018 e art. 1º, III, "b", da Lei 11.419/2006.



Documento assinado eletronicamente por **Daniel André Fernandes Paiva, Usuário Externo**, em 29/04/2025, às 03:55, conforme Resolução UEPG CA 114/2018 e art. 1º, III, "b", da Lei 11.419/2006.



A autenticidade do documento pode ser conferida no site <https://sei.uepg.br/autenticidade> informando o código verificador **2426071** e o código CRC **8D0500AD**.

AGRADECIMENTOS

Agradeço à minha mãe, Margarete Tison Hellmann, e ao meu pai, Ivan Nascimento de Oliveira, pelo suporte e apoio que me proporcionaram durante toda a minha vida. Por acreditarem em mim e me oferecerem oportunidades pelas quais sou profundamente grato.

Ao meu amor, Camila Cury Caruso, por estar sempre ao meu lado, incentivando-me e ajudando-me em todos os momentos. Obrigado por acreditar em mim.

Obrigado ao professor Almir Nabozny pelos anos de orientação, desde a Iniciação Científica até o mestrado. Agradeço por todo o aprendizado, tanto no âmbito acadêmico quanto para a vida, e por me mostrar que a Geografia é múltipla, com inúmeras possibilidades para o conhecimento geográfico. Sou grato pela dedicação durante a orientação e por tudo que aprendi com você.

Agradeço aos professores Daniel Paiva e Bianca Beatriz Roque, que aceitaram o convite para compor a banca de defesa da dissertação, ajudando-me a expandir minha pesquisa com suas considerações.

Sou grato à APADEVI por me acolher durante minha pesquisa, auxiliando e possibilitando o desenvolvimento deste trabalho.

Também agradeço aos caminantes que me acompanharam nesta pesquisa pelos aprendizados e vivências que compartilhamos. A todos os amigos, obrigado, vocês fizeram a diferença em minha vida.

RESUMO

Este trabalho tem como objetivo compreender o que é paisagem para os deficientes visuais usuários da APADEVI-PG. Utilizou-se a metodologia de caminhada para realizar uma análise aprofundada das experiências vividas pelos participantes, realizando-se dois exercícios de caminhada: um dentro da instituição APADEVI (caminho conhecido) e outro no Parque Monteiro Lobato (caminho novo). A análise baseou-se nas teorias mais-que-representacionais, permitindo uma compreensão das interações sensoriais além da visão. Durante as caminhadas, as conversas foram gravadas, transcritas e analisadas à luz dos fundamentos teóricos sobre paisagem. Observou-se que pessoas com deficiência visual são profundamente envolvidas pelas paisagens, afetando e sendo afetadas por meio de sentidos físicos como audição, tato e olfato. Essas interações ressaltam a impossibilidade de generalizar a paisagem como uma experiência puramente multissensorial, já que cada indivíduo constrói sua percepção de forma única. Conclui-se que a percepção da paisagem por pessoas com deficiência visual é um processo dinâmico e relacional, que integra múltiplos sentidos na construção do espaço percebido, enriquecendo a compreensão geográfica e promovendo uma abordagem mais inclusiva e representativa.

Palavras-chave: Paisagem, Deficiência visual, Teoria mais-que-representacional.

ABSTRACT

This work aims to understand the concept of landscape for visually impaired individuals from APADEVI-PG. The walking methodology was employed to conduct an in-depth analysis of the participants' experiences, involving two walking exercises: one within the APADEVI institution (familiar path) and another in Monteiro Lobato Park (new path). The analysis was based on more-than-representational theories, allowing for an understanding of sensory interactions beyond vision. During the walks, conversations were recorded, transcribed, and analyzed considering theoretical foundations on landscape. It was observed that visually impaired individuals are deeply engaged with landscapes, affecting and being affected through physical senses such as hearing, touch, and smell. These interactions highlight the impossibility of generalizing landscape as a purely multisensory experience, as each individual constructs their perception uniquely. It is concluded that the perception of landscape by visually impaired individuals is a dynamic and relational process, integrating multiple senses in the construction of the perceived space. This enriches geographical understanding and promotes a more inclusive and representative approach.

Keywords: Landscape, Visual impairment, More-than-representational theory.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 - Localização de Ponta Grossa-PR	25
Figura 2 - Caderno de anotação de campo	27
Figura 3 - Vista área via Google Earth da APADEVI-PG	33
Figura 4 - Foto aérea de parte do Parque Monteiro Lobato	84
Figura 5 - Pessoas praticando yoga perto das churrasqueiras do parque	85
Figura 6 - Tateando a árvore.....	86
Figura 7 - Tateando a mesa de xadrez.....	88
Figura 8 - Distribuição dos usuários do Arquivo Morto da APADEVI - distribuição por sexo	141
Figura 9 - Tempo de permanência dos usuários na APADEVI (registrados no Arquivo Morto).....	142
Figura 10 - Distribuição do tempo de permanência dos Registros	142
Figura 11 - Distribuição dos laudos no Arquivo Morto.....	143
Figura 12 - Espacialização de usuários APADEVI (Arquivo Morto).....	144
Figura 13 - Espacialização de usuários APADEVI (Arquivo Morto).....	144

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

APACD	Associação Pontagrossense de Assistência à Criança com Deficiência
APADEVI	Associação de Pais e Amigos do Deficiente Visual
AS	Assistente Social
CAEDV	Centro de Atendimento Especializado ao Deficiente Visual
CAPES	Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior
CEFET	Centro Federal de Educação Tecnológica
DEE	Departamento de Educação Especializada
EUA	Estados Unidos da América
IBC	Instituto Benjamin Constant
IBGE	Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística
LDB	Lei de Diretrizes e Bases
LGPD	Lei Geral de Proteção de Dados
LIBRAS	Língua Brasileira de Sinais
MEC	Ministério de Educação
NRE	Núcleo Regional de Educação
ONU	Organização das Nações Unidas
PCD	Pessoa com deficiência
PG	Ponta Grossa
PR	Paraná
RPG	<i>Role Playing Game</i>
SEED	Secretaria Estadual de Educação
TATU	Tecnologia Assistiva no Turismo
UEPG	Universidade Estadual de Ponta Grossa
UFAL	Universidade Federal de Alagoas
UPA	Unidade de Pronto Atendimento
UTFPR	Universidade Tecnológica Federal do Paraná

SUMÁRIO

CONSIDERAÇÕES INICIAIS.....	10
CAPÍTULO 1 – CÍRCULOS DE INTERSUBJETIVIDADE	19
1.1 HISTÓRIA DA INSTITUCIONALIZAÇÃO DA EDUCAÇÃO DE DEFICIENTES VISUAIS NO BRASIL	20
1.2 A APADEVI-PG	24
1.2.1 História da instituição	31
1.3 CONVERSAS NO HODIERNO	38
1.3.1 Primeira conversa no grupo	39
1.3.2 Segunda conversa no grupo	41
1.3.3 Terceira conversa no grupo.....	45
1.4 EXERCÍCIOS DIRIGIDOS DENTRO DA APADEVI	49
1.4.1 Participante W	52
1.4.2 Participante G.....	54
1.4.3 Participante C.....	58
1.4.4 Participante M	61
1.5 CONSIDERAÇÕES SOBRE OS EXERCÍCIOS DE CAMINHADAS INTERNOS NA APADEVI.....	67
1.6 O CORPO: UMA (NÃO) CONCLUSÃO DO CAPÍTULO.....	68
CAPÍTULO 2 - EXERCÍCIO ETNOGRÁFICO	71
2.1 METODOLOGIAS DE CAMINHADA.....	72
2.2 EXERCÍCIO ALÉM DOS MUROS.....	74
2.2.1 Desvendando o caminho.....	76
2.2.2 Avião de brinquedo.....	84
2.3 A PAISAGEM E OS SENTIDOS	92
CAPÍTULO 3 – TRAJETÓRIAS DAS PAISAGENS: DOS CONCEITOS CLÁSSICOS A PAISAGEM COMO ENGAJAMENTO COM O MUNDO	94
3.1 A PAISAGEM CLÁSSICA: A PRIMAZIA DA VISÃO E A REPRESENTAÇÃO	94
3.2 UMA GUINADA ALÉM DAS REPRESENTAÇÕES: TEORIAS MAIS-QUE-REPRESENTACIONAIS	99
3.3 A VISÃO E O LUGAR DO OLHAR NA GEOGRAFIA.....	107
3.4 PAISAGEM COMO ENGAJAMENTO DOS CEGOS NO MUNDO	109
CONCLUSÃO: PAISAGEM COMO FRAGÂNCIA DA ALMA	111

REFERÊNCIAS.....	114
APÊNDICE A – TRANSCRIÇÃO EXERCÍCIO NA APADEVI	119
APÊNDICE B – CARACTERIZAÇÃO DOS USUÁRIOS	140

CONSIDERAÇÕES INICIAIS

Por muitas vezes a paisagem guiou o meu caminho dentro da academia, pautando meus estudos e fazendo meu interesse pela pesquisa surgir. As trajetórias dessa pesquisa foram inúmeras, entretanto, apresento brevemente os caminhos percorridos, para esse trabalho ser concluído.

Embora a maioria dos trabalhos científicos escritos em português prefira um estilo mais impessoal, nesta seção optei por utilizar tanto a primeira pessoa do singular quanto do plural. Essa escolha tem como objetivo preservar as perspectivas individuais dos participantes (Nabozny, 2014). Considerando a diversidade das fontes utilizadas, essa abordagem permite uma maior conexão entre o autor e os relatos que serão descritos. Reconheço, entretanto, que este trabalho não teria sido possível sem a colaboração essencial de diversas pessoas. Expresso minha gratidão àqueles que participaram das atividades e caminhadas, contribuindo significativamente para a construção desta pesquisa.

Durante meu estágio de docência na graduação em Licenciatura em Geografia, tive o primeiro contato com uma pessoa deficiente visual, uma aluna do segundo ano do Ensino Médio. Para permitir a participação dela, narrava as imagens projetadas durante minhas aulas. Ao mostrar uma foto da queda do muro de Berlim, ela comentou:

“Nossa, professor, que foto tensa” - Aluna do segundo ano.

Essa interação me levou a refletir sobre como ela percebia e compreendia a paisagem, despertando meu interesse em pesquisar sobre como pessoas com deficiência visual interpretam o ambiente ao seu redor, tornando-se o foco da minha dissertação. Confesso que a premissa dessa pesquisa, causa uma certa indagação, ou trazer um conceito essencialmente visual, para pessoas que não tem, ou tem de forma parcial a visão.

Iniciei então a busca por pessoas com deficiência visual para poder conversar, fazer entrevistas e interações. Por indicação de um amigo, descobri a Associação de Pais e Amigos do Deficiente Visual (APADEVI). Inicialmente, a comunicação foi um desafio. Após tentativas sem sucesso através do telefone fixo encontrado no Google, consegui contato com uma secretária no segundo dia tentando conversar.

Ela me direcionou para uma das diretoras, com quem marquei uma reunião para apresentar minha proposta de pesquisa e solicitar acesso à associação para conversar com os usuários¹ da instituição.

Em minha primeira abordagem para esse tipo de pesquisa, senti nervosismo. Entretanto, sentia que era a primeira vez que estava fazendo uma pesquisa de minha própria vontade, tendo a responsabilidade enquanto pesquisador de conduzir essa pesquisa. Conversei com uma das diretoras presentes, expondo meu interesse em realizar um estudo na instituição. Perguntei se poderia contribuir de alguma forma para a APADEVI. Acordamos que faria um levantamento do arquivo morto e criaria um mapa da distribuição espacial dos usuários, assim como, o retorno da pesquisa para os a instituição e usurários dela.

Se faz importante o retorno para a instituição, como forma de firmar uma retribuição. Dentro desse contexto Lacoste (2017, p. 84) afirma:

De fato, é preciso constatar que muitos dos pesquisadores têm boa vontade, mas eles não veem como poderiam, cada um em seu próprio nível, comunicar utilmente resultados de sua pesquisa aos homens e mulheres que são objetos dela. Pensamos que, sem esperar a transformação da sociedade, os pesquisadores, para quem importamos problemas políticos, deveriam tentar modificar, no que lhes diz respeito, a relação pesquisador/pesquisados e aceitar confrontar sua e experiência neste domínio. A eficácia e o rigor da investigação científica não perderão nada com isso, bem pelo contrário (Lacoste, 2017, p. 84).

Na instituição, há uma preocupação perceptível devido à prática de alguns pesquisadores que utilizam o espaço e interagem com os usuários para coletar dados e conduzir projetos de pesquisa. No entanto, após a conclusão da coleta de dados e dos procedimentos da pesquisa, falta um encerramento adequado com as pessoas que frequentam a instituição. Isso faz com que os usuários, relatem que se sentem muitas vezes meros objetos de estudo, deixando de reconhecê-los como seres humanos.

Após essa conversa, a diretora me conduziu para conhecer a infraestrutura do local. Com o tempo, o nervosismo diminuiu, e me senti mais calmo, anotando as informações recebidas. Foi a primeira vez que me senti verdadeiramente como um pesquisador, sendo tratado e referido como tal. Fui apresentado às pessoas que trabalhavam na instituição, com as quais teria convívio futuro devido à dinâmica de

¹ Em conformidade com a instituição, optei por chamar as pessoas com deficiência visual que frequentam os espaços e utilizam os serviços da APADEVI de "usuários", pois eles mesmos são chamados usuários para os devidos fins.

uso do espaço. Conheci as salas de aula, sessões e espaços comuns como o refeitório, e finalmente, pude conversar com a primeira pessoa com deficiência visual.

Depois deste primeiro contato, continuei frequentando semanalmente a instituição durante mais de um ano. Em partes para realizar o levantamento do arquivo morto e digitalizar o arquivo vivo, em outras vezes, eu realizava anotação de conversas e interações com os usuários.

Com os dados levantados do arquivo morto, foi realizado um trabalho de análise de dados, referentes a necessidades da direção sobre seu público. Foram gerados gráficos e mapas, que não se enquadram dentro da temática da presente pesquisa em si, mas que fizeram parte da jornada da minha pesquisa. Esses dados estarão localizados nos anexos, junto com as transcrições das conversas.

Por último, esse trabalho se faz na esfera das pesquisas mais que representacionais². Espero que este trabalho possa contribuir para essa área da Geografia, assim como a auxiliar para um entendimento da relação entre os deficientes visuais e a paisagem.

A presente pesquisa tem como foco abordar o que é paisagem para os deficientes visuais usuários da Associação de Pais e Amigos do Deficiente Visual de Ponta Grossa-PR (APADEVI-PG). Neste sentido, o pesquisador insere-se no cenário pesquisado com a finalidade de identificar como este fenômeno acontece no cotidiano dos deficientes visuais. Portanto, ainda que a paisagem se inscreva no escopo conceitual da ciência geográfica, no campo das artes, da Arquitetura, entre outros campos do saber; o enfoque é o acontecimento cotidiano dos deficientes visuais – no diálogo com os expedientes da linguagem (a palavra e os sentidos possíveis) dos campos dos conhecimentos que atravessam o fenômeno.

No escopo geográfico o estudo sobre paisagem costuma privilegiar a esfera visual (e os sentidos da visão), uma vez que o conceito de paisagem, em si, na evolução de sua abordagem parte de uma premissa da visualidade. A paisagem, é objeto de inúmeros estudos na Geografia, o enfoque maior em trabalhos, recorre sobre a percepção e a representação da paisagem. Entretanto, conforme as primeiras imersões de campo na APADEVI – como ponto de partida pode-se afirmar que a paisagem pode ser diferente para os deficientes visuais.

² Neste trabalho iremos partir de uma “Teoria não-representacional” e chegar posteriormente a “Teorias mais que representacionais”. Essa distinção de nomenclatura, se deve ao fato da utilização de ambos os conceitos, sendo eles, parecidos, se diferem na sua utilização, por autores, enfatizando perspectivas, modos conceituais e metodológicos de pesquisas distintas dentre deste campo da geografia (Seemann, 2015).

Segundo Lombardi (2018), a luta das Pessoas com Deficiência (PCD)³ é acompanhada pelos estudos acadêmicos chamados de *Disability Studies* (Estudos da Deficiência), uma área que está em forte crescimento, tanto com um compromisso político, mostrando a opressão vivida sobre os PCD, aspirando também a uma sociedade mais inclusiva. Na Ciência Geográfica, esses estudos são chamados de *Geography of Disability* (Geografia da Deficiência). Ou seja, já há um subcampo de pesquisas na ciência geográfica com trabalhos científicos orientados a produzir inteligibilidade à realidade vivida pelos PCDs – contudo, o presente trabalho segue uma linha exploratória do tema, isto é, reconhece a importância do subcampo *Disability Studies* na Geografia, mas segue uma outra abordagem. Não obstante, segundo o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE, 2010) são estimados que cerca de 18,6% da população brasileira, possui algum nível de deficiência visual. Desse montante, cerca de 6,5 milhões de pessoas, apresentam uma deficiência visual severa, no qual, 506 mil têm a perda total da visão, o que representa 0,3% da população brasileira. Os estudos nessa área de conhecimento, mostram realidades particulares, tais quais, o presente trabalho aspira dar visibilidade a uma variada gama de conhecimentos referentes a paisagem, em especial a sua associação como uma forma de ver e pensar e, portanto, ampliando e complexificando a conceituação produzida no interior do discurso geográfico acadêmico.

Nesse ínterim, serão apresentados os modelos conceituais que abordam o debate sobre a Paisagem e a cegueira, fundamentando as análises realizadas posteriormente.

A investigação sobre como a paisagem se manifesta e é interpretada por pessoas com deficiência visual é crucial não apenas para desvendar suas percepções individuais, mas também para formar estratégias inclusivas e adaptativas no planejamento urbano, na educação e em diversos campos, assegurando uma participação mais abrangente e acessível para toda a comunidade de pessoas com deficiência visual.

É comum associarmos a paisagem e a Geografia à percepção visual predominante pois, historicamente, ambas são compreendidas por meio da visão. No

³ O termo Pessoas com Deficiência (PCD) foi aprovado pela Organização das Nações Unidas (ONU) em 2006. No Brasil o termo foi instituído através de Emenda Constitucional em 2008, pelo Decreto-Legislativo n. 186 de 09 de julho de 2008 e do Decreto de Promulgação n. 6949, de 25 de agosto de 2009 (Brasil, 2016).

entanto, quando essa capacidade sensorial é ausente ou limitada, como no caso de pessoas com deficiência visual, a compreensão da paisagem e dos conceitos geográficos se desloca para outros sentidos e experiências sensoriais. A ausência da visão não apenas altera a percepção da paisagem, mas também desafia as noções preestabelecidas sobre a Geografia como uma disciplina em que o pensamento visual é elementar (Gomes, 2013). A compreensão da paisagem por meio de outros sentidos, como o tato, audição e olfato, revela nuances sensoriais que não são tradicionalmente consideradas na Geografia. A paisagem e a Geografia são, em grande parte visuais, mas quando esse sentido é “removido”, a maneira como se percebe e compreende esse conceito pode ser diferente do que é usualmente retratado, ou até mesmo não ser aplicável em termos de explicação da construção social da realidade.

Após uma busca sistemática para compreender como a Geografia brasileira tem contribuído para o conhecimento na área da Deficiência, particularmente na Deficiência Visual, observou-se que a maioria dos trabalhos produzidos, como artigos, trabalhos de conclusão de curso, teses e dissertações, estão voltados para o ensino da Geografia Escolar e a Educação Básica. Ao consultar o Catálogo de Teses e Dissertações da CAPES, verificou-se que a combinação dos termos "Geografia" e "Deficiência Visual" resultou em 56 trabalhos. Destes, ao analisar títulos e as palavras-chave, constatou-se que 37 estão relacionados ao ensino da Geografia em ambiente escolar, abordando métodos para se ensinar conceitos por meio de materiais adaptados ou assistentes eletrônicos, 6 focam na compreensão e uso do espaço urbano, 7 pertencem à área da saúde, 1 está associado ao turismo, 1 ao ensino de matemática para deficientes visuais e 2 trabalhos se concentram em informática e tecnologias. Essa análise revela, portanto, que grande parte da produção acerca da Geografia e a deficiência visual no Brasil, se concentra-se no debate sobre Educação e o ensino da ciência geográfica. O que foge da proposta desse trabalho, que parte das teorias não-representacionais como reflexão teórica e proposição intencional de discussão do fenômeno no campo teórico-metodológico da ciência geográfica.

Podemos citar alguns trabalhos importantes para essa discussão no âmbito brasileiro, como o texto de Arruda (2014), que discute como alunos deficientes visuais podem aprender o conceito de paisagem através de materiais didáticos sensoriais; o texto de Vasconcelos, Campos e Celeri (2019), que apresentam o resultado de uma

proposta metodológica para trabalhar a categoria paisagem nas aulas de Geografia para alunos com deficiência visual; o trabalho de Alves, Morais e Silva (2016), no qual destacam os possíveis impedimentos na vinculação do ensino de Geografia para alunos com Deficiência Visual; assim como, o texto de Rossi (2015), que discute a multissensorialidade da Geografia, abordando os conceitos geográficos que são abstratos para o deficiente visual.

O objetivo principal desta dissertação é o que é paisagem para os deficientes visuais usuários da Associação de Pais e Amigos do Deficiente Visual de Ponta Grossa-PR (APADEVI-PG), para tal, recorreremos a autores que discutem sobre paisagem e as teorias mais que representacionais para elucidar “um paradoxo visual”. Pois, a paisagem para os videntes ela é impositiva, estando passível ou não da sua contemplação do se fazer olhar (Besse, 2010).

Para não cairmos nas múltiplas vertentes da paisagem (sonora, olfativa, sensorial) neste trabalho, seguimos primariamente apenas com o conceito de “paisagem”, uma vez que o conceito de paisagem que guia a presente reflexão, está em consonância com a reflexão sistêmica de Ingold (2007), para o antropólogo, a paisagem em si já abrange as dimensões sonoras, o olfativo e o sensorial.

Se para os videntes a paisagem se apresenta de forma impositiva, para os não videntes essa imposição é negada pela ausência do sentido visual. Assim, ao tratarmos de uma “não representação”, a paisagem não é considerada não representacional apenas devido à falta da visão, mas porque foge do padrão conceitual estabelecido sobre o que é paisagem.

Nesta pesquisa, o corpo e a paisagem estão intrinsecamente conectados: o corpo é concebido como uma mediação essencial para a compreensão da paisagem, enquanto a paisagem instala a interação corpórea com o espaço.

Ao investigar a inter-relação entre corpo, a percepção sensorial e o ambiente, almeja-se não apenas compreender o processo de aprendizagem do corpo, mas entender como essas interações complexas, envolvendo contextos sonoros, texturas e sensações, influenciam a compreensão e a interação com o ambiente. A investigação sobre como a paisagem se manifesta e é interpretada por pessoas com deficiência visual é crucial não apenas para desvendar suas percepções individuais, mas também para informar estratégias inclusivas e adaptativas no planejamento urbano, na educação e em diversos campos, assegurando uma participação mais

abrangente e acessível para toda a sociedade, bem como ampliar o escopo teórico da paisagem na ciência geográfica.

Em termos de objetivos específicos o trabalho está estruturado nas seguintes metas. O primeiro objetivo específico é compreender os diferentes modos de percepção da paisagem por indivíduos com deficiência visual. Isso é importante porque foi necessário encontrar um método que contemplasse uma forma alternativa de perceber a paisagem dentro da Geografia, considerando a especificidade dos corpos, neste caso, pessoas com deficiência visual.

O segundo objetivo específico é investigar quais elementos constituem as paisagens para pessoas com deficiência. Isso é relevante, já que a relação entre pessoas com deficiência e paisagem é um processo no qual os elementos que compõem a paisagem dessas pessoas influenciam a própria construção do conceito/fenômeno de paisagem. Compreender quais são esses elementos usados para a construção desse processo contribui para responder à problemática proposta. O último objetivo específico é explorar as diferenças entre a percepção e a construção do conceito de paisagem entre pessoas com cegueira congênita e cegueira adquirida, diferenciando e caracterizando os principais pontos de diferença.

Esta pesquisa está dividida em três capítulos. No Capítulo 1, inicialmente, será feita a caracterização da instituição APADEVI. Paralelamente a isso, abordaremos a história de fundação da instituição e o histórico do tratamento público (político) dado aos deficientes no âmbito da saúde pública brasileira. Posteriormente, neste capítulo, será apresentada a história do olhar cego, no qual, encontramos raízes na Filosofia e na História do pensamento geográfico, divergindo da visão literal de uma pessoa vidente. Essa abordagem busca explorar as complexidades do pensamento visual ao longo da História do pensamento geográfico e como isso difere da percepção não-visual do cego. Por fim, serão apresentados os resultados do primeiro exercício realizado dentro da instituição.

Vale ressaltar que os dados empíricos obtidos no Capítulo 1, eles são resultados do processo dinâmico da construção da metodologia que terá sua apresentação finalizada no Capítulo 2, não sendo, portanto, um produto finalizado, mas sim um processo da metodologia. Assim como, o campo, as caminhadas e as imersões, realizadas durante este trabalho, estão dentro do que classificamos como não representacionais/mais que representacional.

No Capítulo 2, primeiramente, serão apresentados o referencial teórico e os fundamentos da metodologia e dos métodos de caminhadas. Esta seção abordará as principais teorias e pesquisas que sustentam a prática das caminhadas (Mecpherson, 2009, 2016). Em seguida, serão exibidas as análises dos exercícios de caminhada realizados com os usuários da APADEVI, detalhando a abordagem adotada, os resultados obtidos e a relevância dessas atividades para uma geografia mais que representacional.

No Capítulo 3, será apresentada uma discussão histórica sobre o conceito de Paisagem, conforme discutido por Cosgrove (2012), Besse (2010) e Claval (2004), evidenciando as transformações na conceituação ao longo da História do Pensamento Geográfico. Inicialmente o leitor pode estranhar a estrutura do plano de redação e o ordenamento lógico do texto da dissertação. De um ponto de vista habitual pode-se questionar se o capítulo 3 não seria um referencial teórico, e, portanto, algo a constituir o capítulo inicial da dissertação. Não obstante, a de se destacar que o texto busca refletir o movimento de pesquisa, nesse caso os capítulos possuem uma espécie de “vida própria”, por outro lado ao se buscar problematizar a dimensão da visão na Geografia a partir do olhar de pessoas com deficiência visual e consequentemente explorar esse paradoxo em um campo científico em que verdade se associa com a imagem e representação, se parte da paisagem como um aporte teórico mais evidente dessa situação no pensamento geográfico. Desse aspecto é que surge a pergunta de partida da pesquisa. Contudo, a aproximação com sujeitos da APADEVI nos mobilizou para metodologias e experimentos presentes nas abordagens mais que representacionais.

Da mesma forma o cotidiano, os acontecimentos banais, enfim os fenômenos presentes nas teorias mais que representacionais mostram-se fundamentais no entendimento da experiência dos cegos, seja pela rotina, padronização de sistemas de objetos, convívio e vivência. Assim, buscou emergir do próprio campo de investigação as experiências em um diálogo crítico com o escopo conceitual mais consolidado no discurso geográfico. Em outras palavras, não se trata de formular um conceito científico “a paisagem dos cegos”, mas de evocar desses sujeitos problemáticos que expandam o entendimento teórico, bem como as suas implicações na vida prática, isto é, no planejamento, nas políticas de acessibilidade, entre outros aspectos. Desse modo, o fenômeno da Paisagem para os cegos não é em si, um fenômeno mais que representacional, apenas por não se ver no sentido literal; assim

fugimos de um olhar de submersão, para um fazer. Isso significa que, para os deficientes visuais, a paisagem é vivenciada de maneira ativa, não apenas no aspecto sensorial, através do tato, audição e movimento, mas em vez de ser apenas uma representação visual.

Esses elementos foram fundamentais para embasar as análises, mas também partiram propriamente das reflexões no campo, nas caminhadas, contribuindo para uma compreensão mais profunda das experiências e percepções dos deficientes visuais em relação ao ambiente e à paisagem como um expediente para se localizar no mundo.

CAPÍTULO 1 – CÍRCULOS DE INTERSUBJETIVIDADE

Os conhecimentos que abrangem desde a esfera social, ambiental e de valores compõem a esfera da cultura. A interação entre os indivíduos gera círculos de intersubjetividade, nos quais a mediação ocorre por meio da comunicação, seja ela textual, oral, midiática, entre outras formas. A comunicação se fundamenta em duas dimensões principais: uma de caráter analítico, que organiza as informações no espaço físico, e outra de natureza simbólica, que aproxima ou afasta as pessoas com base em valores compartilhados ou divergentes (Nabozny, 2011).

A paisagem geográfica, por sua vez, carrega significados que são produtos da sociedade, representados por agentes que atribuem sentidos a ela a partir de sua significação social. Essa significação é formada dentro de círculos de intersubjetividade e conformada por identidades coletivas de grupos sociais. Conforme Claval (2011), ao focar na experiência das pessoas em relação ao espaço, os geógrafos e as geógrafas passaram a considerar variáveis como idade e gênero como centrais em suas análises. Essa nova abordagem geográfica também atribui valor à experiência simbólica das paisagens, seja ela associada ao sagrado ou ao cotidiano secular, reconhecendo que a paisagem não é apenas moldada por aqueles que a habitam ou visitam, mas também se torna parte integrante das identidades sociais.

Dessa forma, a Geografia contemporânea passou a se interessar não apenas pelos aspectos físicos da paisagem, mas também pelos valores e significados que as pessoas e grupos sociais atribuem a ela. Esses significados são entendidos como construções sociais ou individuais, estruturados em esquemas simbólicos que refletem a realidade e as experiências culturais. A paisagem, assim, é vista como uma expressão cultural e simbólica, que pode ser reinterpretada de acordo com diferentes perspectivas e identidades (Claval, 2011).

Neste capítulo, serão apresentadas duas linhas de investigação essenciais para o entendimento do contexto e da relevância da pesquisa realizada. Inicialmente, será abordada a história da instituição APADEVI, bem como, a trajetória da institucionalização da educação voltada para deficientes visuais no Brasil; considerando que a reflexão aqui proposta tem uma forte conexão com a linguagem e a comunicação; a reflexão histórica do deficiente visual pelo mote da Educação compõe de forma elementar a própria compreensão de paisagem a partir de sujeitos

que têm as suas vidas lastreadas por uma vivência institucional. Isto é, a localização do fenômeno estudado não se limita meramente à sua existência no espaço físico; trata-se também da própria constituição do objeto de estudo e de uma localização relacional espaço-temporal. Portanto, é fundamental descrever a história da APADEVI e fazer apontamentos sobre instituições semelhantes no Brasil para contextualizar adequadamente o trabalho.

Em seguida, serão apresentadas as primeiras impressões da instituição, obtidas por meio de um campo exploratório. Serão abordados aspectos da rotina, estrutura e sensações vivenciadas durante a imersão no ambiente da APADEVI, incluindo interações com os usuários. Este momento preliminar de observação e vivência proporcionou uma compreensão inicial da dinâmica da instituição e das experiências de vida dos seus membros.

Posteriormente, serão apresentados os resultados do primeiro exercício dirigido realizado durante a pesquisa de campo. É importante ressaltar que, neste trabalho, não está sendo utilizada uma análise de discurso convencional. Em vez disso, o foco está em se inserir na perspectiva dos usuários, compreendendo suas vivências, percepções e narrativas sobre o ambiente e suas interações dentro da APADEVI. Essa abordagem visa dimensionar a subjetividade e a complexidade das experiências dos deficientes visuais, contribuindo para uma compreensão mais profunda e contextualizada do objeto de estudo.

1.1 HISTÓRIA DA INSTITUCIONALIZAÇÃO DA EDUCAÇÃO DE DEFICIENTES VISUAIS NO BRASIL

A História das pessoas com deficiência varia conforme as culturas, refletindo crenças, valores e ideologias. Esses aspectos se manifestam nas práticas sociais, criando diferentes formas de interação entre pessoas com e/ou sem deficiências. A deficiência é um conceito moldado socialmente, sendo sua definição muitas vezes relativa às pessoas sem deficiência (Franco; Dias, 2005). Portanto, ainda que o foco central da dissertação remeta aos indivíduos, eles entram na pesquisa por meio da categoria "usuários da APADEVI". Dessa forma, a trajetória institucional compõe, ao mesmo tempo, as diferentes formas pelas quais os indivíduos se reconhecem como cegos, pessoas com baixa visão ou outras deficiências, e, conseqüentemente, formulam suas perspectivas de vida.

Na Antiguidade, havia dois tratamentos distintos para pessoas que não se enquadravam nos padrões desejados da sociedade, como idosos, doentes e pessoas com deficiência. Elas eram tratadas com tolerância e apoio ou, em alguns casos, com menosprezo e exclusão. Em Atenas, bebês com deficiência eram abandonados, colocados em vasos de argila. Em Esparta, onde a cidadania estava vinculada ao Estado, os pais eram obrigados a apresentar seus filhos aos magistrados; as crianças com deficiência eram consideradas subumanas, o que justificava sua eliminação ou abandono, alinhando-se aos ideais atléticos e clássicos da sociedade espartana que eram base da organização sociocultural de Esparta (Franco; Dias, 2005).

Durante muito tempo, pessoas com deficiência enfrentaram discriminação e segregação na sociedade. Isso criou uma situação complexa: por um lado, são consideradas "normais" quando suas características especiais são reconhecidas como parte da diversidade humana, mas ao mesmo tempo, são vistas como "anormais" por não se enquadrarem nos padrões culturais predominantes. Somente há 200 anos é que a sociedade começou a reconhecer que pessoas cegas e/ou com baixa visão podiam receber educação e levar vidas independentes. A História nos oferece uma variedade de relatos sobre as experiências desses indivíduos, cada um apresentando uma perspectiva única sobre suas vidas e os desafios enfrentados (Roma, 2018).

De acordo com Lemos e Cerqueira (1996), o Sistema Braille, amplamente utilizado por pessoas cegas na leitura e escrita, foi inventado na França por Louis Braille em 1825, marcando um avanço significativo na educação e inclusão de deficientes visuais na sociedade. Antes desse marco, diversas tentativas foram feitas em vários países para possibilitar a leitura e a escrita para pessoas cegas. Um desses métodos notáveis foi a adaptação de Valentin Haüy, fundador do primeiro Instituto Real dos Jovens Cegos em Paris, em 1784, onde os estudantes cegos tinham acesso apenas à leitura através de linhas em alto relevo representando caracteres comuns.

Foi nessa instituição que Louis Braille (1809-1852) estudou. Na época, não existia um recurso que permitisse às pessoas cegas escreverem de forma independente. Louis Braille, ainda jovem estudante, conheceu uma invenção chamada sonografia ou código militar, desenvolvida por Charles Barbier (1767-1841), um oficial do exército francês. Esse código, inicialmente criado para comunicação noturna entre oficiais durante campanhas de guerra, consistia em doze sinais de linhas e pontos em alto relevo representando sílabas na língua francesa (Franco;

Dias, 2005). A invenção de Barbier não teve êxito em seu propósito inicial e foi testada entre as pessoas cegas no Instituto Real dos Jovens Cegos.

Após a invenção do Sistema Braille em 1825, seu criador continuou seus estudos, resultando, em 1837, na proposta que estabeleceu a estrutura fundamental do sistema, ainda em uso globalmente hodiernamente. O Sistema Braille foi amplamente aceito pela comunidade de pessoas cegas, apesar de algumas tentativas de introduzir outras formas de leitura e escrita. Além disso, houve esforços, sem sucesso prático, para aprimorar a invenção original de Louis Braille (Lemos; Cerqueira, 1996). No final do século XIX, em 1878, ocorreu em Paris um Congresso Internacional envolvendo onze países europeus e os Estados Unidos da América. Nesse evento, foi decidido padronizar o Sistema Braille como o método universal de ensino para pessoas cegas. Esta decisão reforçou a aceitação do sistema conforme proposto por Louis Braille em 1837, estabelecendo-o como a estrutura normativa para a educação desses indivíduos.

No Brasil, as ações do governo em prol dos deficientes visuais foram tímidas no começo do século XIX. A primeira iniciativa para organizar a educação de pessoas cegas no Brasil aconteceu por intermédio de um projeto proposto à Assembleia Geral Legislativa em 29 de agosto de 1835. Este projeto foi apresentado pelo deputado Cornélio Ferreira França, representante da Bahia (Leão; Sofiato, 2019). Antes das primeiras iniciativas tomadas no Brasil, em 1829, o "*New England Asylum for the Blind*" foi estabelecido nas Américas, marcando o primeiro instituto dedicado a pessoas cegas no continente americano. Hoje em dia, é conhecido como "*Perkins Institute for the Blind*", localizado em Massachusetts, nos Estados Unidos da América (EUA) (Franco; Dias, 2005).

Após as primeiras tentativas iniciais, foi apenas em 12 de setembro de 1854, em conformidade com o decreto n. 1.428, que se institui a criação do Imperial Instituto dos Meninos Cegos, fundado com o propósito de oferecer educação primária, certos segmentos do Ensino Secundário, instrução moral e religiosa, ensino musical e treinamento em habilidades manuais. A autorização para a alocação de recursos pelo governo imperial na criação deste instituto foi concedida pelo decreto n. 781, em 10 de setembro de 1854 (Cabral, 2015). Após a queda da monarquia e a Proclamação da República em 1891, o Instituto de Meninos Cegos teve seu nome alterado para Instituto Benjamin Constant (IBC), em homenagem a Benjamin Constant Botelho de

Magalhães (1836-1891), uma figura proeminente no movimento republicano (Roma, 2018).

Segundo Roma (2018), na década de 1960, a legislação educacional brasileira, refletida na Lei 4.024, estabeleceu estruturas para instituições assistenciais privadas e algumas classes especiais públicas. No entanto, essa ação assistencialista não abordava plenamente a necessidade de uma educação inclusiva, mantendo-se presa a conceitos a serem revistos.

A Lei de Diretrizes e Bases (LDB) de 1961 abordou a Educação Especial em dois artigos. O artigo 88 preconizava o atendimento aos deficientes na medida do possível dentro da educação regular, enquanto o artigo 89 garantia apoio financeiro a instituições privadas e consideradas adequadas pelos Conselhos Nacionais de Educação. A terminologia usada referia-se às crianças como "excepcionais", visando sua integração na comunidade por meio do sistema educacional geral.

Em contraste, a LDB de 1971, vigente durante a ditadura militar, direcionava tratamento especial aos alunos com deficiência física ou mental, consideráveis atrasos na idade regular de matrícula e superdotados. No entanto, tais normativas mantinham-se ligadas aos Conselhos Nacionais de Educação, segregando crianças deficientes em escolas especiais, fora do ambiente escolar comum.

A partir dos anos 1980, emergiu a abordagem da integração educacional, promovendo o ensino de crianças e jovens com necessidades especiais, sempre que possível, dentro de escolas regulares. Essa nova concepção reconhecia os desafios no desenvolvimento dos alunos, enfatizando a mediação para explorar seu potencial de aprendizagem no ambiente educacional convencional, proporcionando recursos para uma evolução satisfatória.

Além disso, é importante reconhecer que o avanço das políticas públicas e a implementação de legislações específicas ao longo dos anos contribuíram significativamente para a inclusão de pessoas com deficiência visual. A criação de programas de capacitação para professores e o desenvolvimento de materiais didáticos acessíveis foram passos fundamentais para garantir uma educação mais inclusiva.

Na contemporaneidade, a inclusão de pessoas com deficiência visual no sistema educacional regular é vista como um direito fundamental, assegurado por leis e políticas públicas. A Convenção sobre os Direitos das Pessoas com Deficiência, adotada pela Organização das Nações Unidas (ONU) em 2006 e ratificada pelo Brasil

em 2008, representa um marco significativo na luta pela igualdade de oportunidades e inclusão social. Este documento internacional reforça a necessidade de adaptação dos sistemas educacionais para atender às necessidades de todos os alunos, independentemente de suas condições físicas ou sensoriais.

No âmbito da Educação Superior, as universidades e instituições de ensino têm se esforçado para garantir acessibilidade e apoio adequado aos estudantes com deficiência visual. A disponibilização de tecnologias assistivas, como softwares de leitura de tela e materiais em braille, bem como, a adaptação de provas e avaliações, são medidas que têm sido implementadas para promover a inclusão.

A formação de professores também é um aspecto crucial para a efetivação da educação inclusiva. Programas de capacitação contínua e a inserção de disciplinas voltadas para a educação especial nos cursos de licenciatura são estratégias importantes para preparar os educadores para lidar com a diversidade presente nas salas de aula.

Além do ambiente escolar, a inclusão de pessoas com deficiência visual na sociedade como um todo é um desafio que requer a colaboração de diversos setores. A acessibilidade nos espaços públicos, a inclusão no mercado de trabalho e o acesso a serviços de saúde e lazer são aspectos fundamentais para garantir a plena participação desses indivíduos na vida em sociedade.

No mercado de trabalho, políticas de inclusão e programas de empregabilidade específicos para pessoas com deficiência visual têm se mostrado eficazes na promoção da inserção profissional. A criação de cotas em concursos públicos e a adaptação dos ambientes de trabalho são medidas que visam garantir oportunidades iguais para todos.

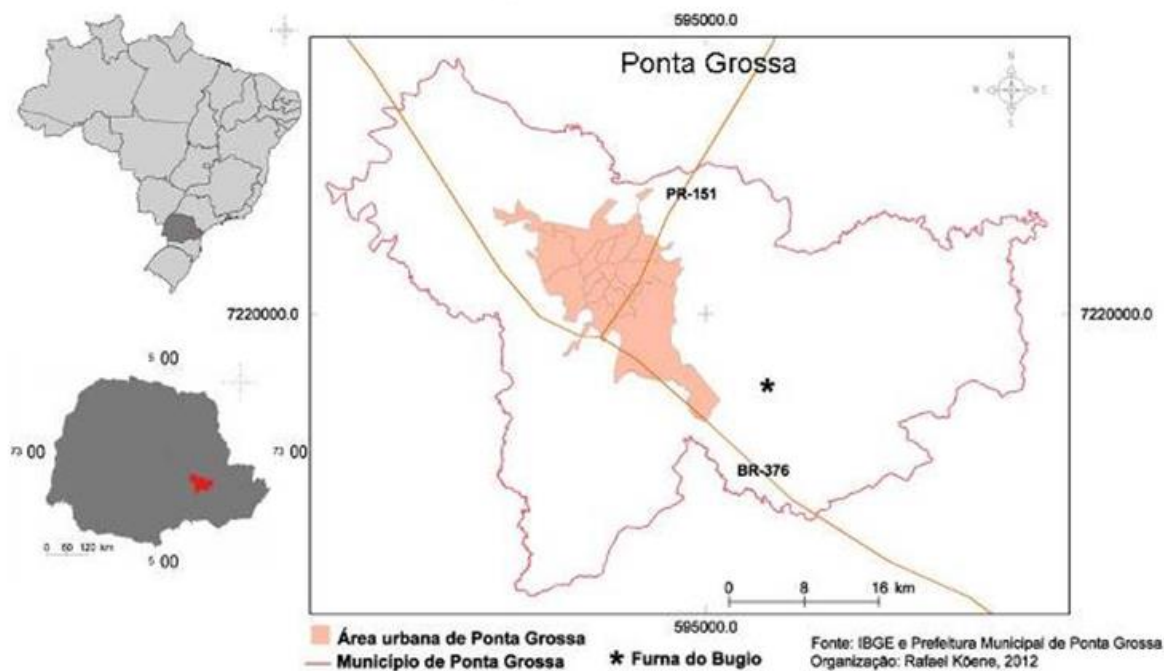
Os avanços tecnológicos também desempenham um papel fundamental na inclusão de pessoas com deficiência visual. O desenvolvimento de tecnologias assistivas, como dispositivos de leitura e escrita em braille, aplicativos de navegação acessíveis e sistemas de reconhecimento de voz, tem proporcionado maior autonomia e independência para esses indivíduos.

1.2A APADEVI-PG

A APADEVI, está localizada em Ponta Grossa-PR (Figura 1), foi a instituição de auxílio, educação e serviços para deficientes visuais onde a maior parte da

presente pesquisa foi realizada. A instituição desempenhou um papel crucial, servindo como uma ponte entre o pesquisador e seu objeto de estudo. A APADEVI facilitou o acesso a pessoas com diferentes realidades e visões de mundo, que estavam abertas a conversar e dialogar com o campo científico.

Figura 1 - Localização de Ponta Grossa-PR



Fonte: Pontes, Massuqueto, e Köene (2012)

O primeiro contato com a APADEVI se deu por meio de uma ligação telefônica, usando um número encontrado na internet. Fiz várias tentativas de ligar para marcar uma visita ou reunião para expor meu desejo e intuito de pesquisa. Entretanto, esse primeiro contato por telefone foi difícil. Quando finalmente consegui falar com alguém, conversei com a secretária, me apresentei como pesquisador e expliquei meu interesse em realizar uma pesquisa na instituição. Conseguimos agendar um encontro presencial. No dia marcado, cheguei alguns minutos antes do horário combinado para conversar com uma das diretoras.

Encontrar a instituição foi tranquilo; busquei o endereço na internet e utilizei um assistente de localização para me guiar até o local correto. A APADEVI está situada na Rua Pernambuco, sem número, no Bairro de Olarias, em Ponta Grossa espaço, cedido pela prefeitura, fica nos fundos do Colégio José Elias da Rocha, com acesso por uma entrada independente pela referida rua.

Este encontro foi fundamental para o desenvolvimento da pesquisa. Finalmente, eu estava iniciando minha investigação de fato, para além da leitura de

livros e artigos. Estar na APADEVI, conversando diretamente com as pessoas, trouxe uma nova perspectiva ao meu trabalho. Cada interação e experiência prática ampliaram minha compreensão do tema e me proporcionaram uma satisfação pessoal considerável.

Eu estava vivenciando minha pesquisa de maneira mais profunda e concreta, algo que os livros e artigos não poderiam oferecer. O contato direto permitiu captar nuances e realidades que apenas a convivência poderia revelar. A troca de experiências com as pessoas da instituição trouxe insights úteis e uma perspectiva prática que não se encontra na literatura acadêmica. A cada visita, eu me sentia mais conectado com a comunidade da APADEVI e mais motivado a contribuir com minha pesquisa.

As histórias e vivências compartilhadas ampliaram meu entendimento sobre as dificuldades e superações diárias enfrentadas. Isso não apenas beneficiou minha investigação, mas também me transformou pessoalmente, aumentando minha empatia e compromisso com “a causa”.

Este envolvimento direto mudou a natureza do meu estudo, tornando-o uma experiência enriquecedora. A pesquisa deixou de ser apenas um trabalho acadêmico e se tornou uma jornada de aprendizado e crescimento pessoal, permitindo-me compreender melhor o trabalho da APADEVI e o impacto positivo que tem na vida das pessoas com deficiência visual.

Comigo, eu sempre carregava um pequeno caderno (Figura 2) para fazer anotações do que ouvia, sentia e aprendia. Segundo Suertegaray (2009), as ferramentas utilizadas pelo pesquisador devem se adequar à realidade do campo em que ele está atuando. No meu caso, utilizei a caderneta para anotar a maioria das minhas observações. No entanto, nos momentos em que ocorriam interações e conversas durante as atividades, recorri ao celular como gravador e câmera para registrar imagens e vídeos⁴. Com o caderno de anotações, pude registrar uma variedade de interações, observações e sentimentos durante o período em que estive

⁴ É importante ressaltar que todas as conversas gravadas foram autorizadas expressamente pelos envolvidos, mediante a assinatura de um termo de consentimento livre e esclarecido, sendo utilizado um documento formal para garantir que os participantes compreendam plenamente os objetivos do estudo, os procedimentos envolvidos, e seus direitos como participantes. Esse termo assegura que a participação é voluntária, e que os indivíduos podem se retirar da pesquisa a qualquer momento, sem prejuízo. As gravações ocorreram tanto durante momentos de exercícios dentro da metodologia da pesquisa quanto em conversas durante rodas de conversa. As rodas de conversas as gravações ocorreram com autorização da própria instituição. Nessas ocasiões, eu sempre estava acompanhado de um funcionário. A instituição já possuía os direitos de imagem dos usuários.

na instituição. Esta ferramenta foi essencial tanto durante o campo exploratório quanto nas atividades com caminhadas.

Figura 2 - Caderno de anotação de campo



Fonte: O autor

Por meio dos registros sistemático dessas informações, o caderno facilitou a organização dos dados não formais durante a pesquisa de campo, contribuindo para minha reflexão crítica e a construção de narrativas que dão significado às experiências vivenciadas durante a pesquisa.

Além disso, a utilização do caderno me permitiu registrar não apenas dados objetivos, mas também minhas impressões pessoais e sentimento em relação às situações vivenciadas. Essa prática de anotar reflexões pessoais e subjetivas é fundamental para uma compreensão mais profunda e holística do objeto de estudo. Cada anotação tornou-se uma peça importante no mosaico da pesquisa, permitindo a construção de um quadro detalhado e significativo da realidade observada. O uso do celular como ferramenta complementar foi igualmente importante. Ao gravar conversas e registrar imagens e vídeos, pude memorar momentos específicos dos acontecimentos que, de outra forma, poderiam ser esquecidos ou mal interpretados.

Nesse cenário, o campo para os teóricos não representacionais é entendido de forma ampliada, englobando todos os espaços nos quais o pesquisador desenvolve seu conhecimento. Dessa maneira, metodologias como etnografia e observação participante destacam-se entre os pesquisadores não representacionais, ao trazerem o pesquisador para dentro da ação, sujeito aos impactos da experiência e prática geográfica (Dornelles, 2021). A interação direta com o campo de estudo não apenas enriquece a pesquisa, mas também transforma o pesquisador. Estar imerso no ambiente de pesquisa, convivendo e interagindo com os sujeitos do estudo, proporciona uma compreensão mais rica e contextualizada. Essa imersão permite ao pesquisador captar nuances e detalhes que não seriam percebidos através de métodos mais distanciados. Nesse sentido, a combinação de anotações em caderno e registros digitais se mostrou uma estratégia eficaz para observar a complexidade das experiências no campo.

O caderno funcionou como um diário de campo, em que as observações eram imediatamente registradas, garantindo que nenhuma informação se perdesse com o passar do tempo. Já o celular, com suas funções de gravação e fotografia, permitiu escriturar momentos dinâmicos e visuais, complementando e reforçando as anotações escritas. Essa abordagem metodológica, que alia o registro imediato no caderno com a captura digital de áudio e imagem, contribuiu significativamente para a riqueza dos dados coletados e para a profundidade da análise realizada posteriormente. Assim, a pesquisa não se limitou a uma coleta de dados estática, mas se tornou um processo vivo e dinâmico, no qual cada interação e observação contribuía para a construção de um conhecimento mais sólido e significativo.

A compreensão de que as teorias se originam da perspectiva do pesquisador como sujeito, e não de um lugar abstrato, é essencial para os estudos etnográficos e não representacionais na Geografia. Nesse contexto, o campo é entendido de forma ampliada, abrangendo todos os espaços onde o pesquisador desenvolve seu conhecimento.

Metodologias como a etnografia e a observação participante são fundamentais, pois trazem o pesquisador para dentro da ação, permitindo que ele vivencie e compreenda profundamente as práticas geográficas (Dornelles, 2021). A Geografia não representacional enfatiza a importância da prática e da experiência vivida na produção do conhecimento geográfico. No plano de uma Geografia Crítica Lacoste (1988) defende que a Geografia deve ser uma ciência prática e relevante,

utilizada para compreender e transformar o mundo. Ele afirma que "a geografia serve, em primeiro lugar, para fazer a guerra" (Lacoste, 1988, p. 14), destacando a importância de uma Geografia engajada, na qual o pesquisador é um participante ativo. Essa perspectiva de reforçar que a Geografia deve ser uma ciência prática e aplicada, é relevante para entender e transformar realidades sociais e políticas.

Springgay e Truman (2017) destaca a importância da etnogeografia, enfatizando a necessidade de imersão do pesquisador no campo para "captar" a complexidade das interações sociais e materiais. Ela argumenta que a etnografia sensorial, que utiliza métodos como gravação em vídeo e a fotografia, pode revelar detalhes ricos das experiências humanas.

Além disso, Macpherson (2016a) explora as metodologias de caminhada, mostrando como as caminhadas podem revelar experiências sensoriais complexas e proporcionar uma compreensão mais profunda das interações sociais e materiais. Essas caminhadas permitem ao pesquisador vivenciar e registrar de forma mais completa as realidades dos sujeitos estudados. Ademais, a caminhada na presente pesquisa não se trata unicamente de uma forma de exercício metodológico, isto é, de modo mais amplo é ancorada na perspectiva de Ingold (2011), ou seja, uma forma de produção de conhecimentos.

Durante minha pesquisa na APADEVI, a utilização de um caderno de anotações e de ferramentas digitais, como gravadores e câmeras, foi essencial para registrar as interações, observações e sentimentos dos participantes. Esses registros permitiram uma imersão profunda na realidade dos sujeitos estudados, alinhando-se com a perspectiva de Springgay e Truman (2017) sobre a importância da percepção sensorial na pesquisa geográfica.

Cada interação e observação no campo contribuíram para a construção de um conhecimento vivo e dinâmico, refletindo as complexidades e particularidades do espaço estudado. Segundo Dornelles (2021), as teorias se originam da perspectiva do pesquisador como sujeito, e não de um lugar abstrato, o que reforça a importância do envolvimento direto no campo de estudo.

Springgay e Truman (2017) destaca a importância das teorias não representacionais e como elas se combinam de maneira interessante com a etnogeografia. Essas teorias focam nas experiências diretas e nas práticas cotidianas, permitindo ao pesquisador anotar as complexidades das interações sociais e materiais no campo. Essa abordagem enfatiza a necessidade de imersão

do pesquisador no ambiente estudado, possibilitando uma compreensão mais rica e detalhada das dinâmicas vividas pelos sujeitos.

Durante o período na APADEVI, observei como as pessoas interagem com o espaço ao seu redor, como percebem e reagem aos diferentes estímulos, e como essas experiências moldam suas vivências cotidianas. A utilização de métodos sensoriais permitiu uma coleta de dados mais rica e diversificada, alinhando-se com a proposta de uma geografia prática e engajada defendida por Lacoste (1988).

Minha pesquisa na APADEVI proporcionou uma transformação pessoal e profissional significativa. Estar imerso no ambiente de estudo, convivendo e interagindo com os sujeitos, permitiu experienciar nuances e detalhes que apenas a convivência poderia revelar. As histórias e vivências compartilhadas pelos participantes ampliaram meu entendimento sobre as dificuldades e superações diárias enfrentadas por eles, enriquecendo a pesquisa e destacando a importância de uma abordagem geográfica engajada e prática.

Ingold (2011) argumenta que a compreensão do espaço deve ser baseada na experiência direta e na prática cotidiana, enfatizando a importância de "habitar" o espaço em vez de apenas observá-lo. Ele sugere que a etnografia deve focar na maneira como as pessoas interagem com seu ambiente através de práticas diárias, percebendo o espaço como um processo contínuo de envolvimento.

Pink (2009) complementa essa perspectiva ao destacar a importância da etnografia sensorial, em que os sentidos desempenham um papel crucial na forma como entendemos e vivenciamos o espaço. Pink (2009) argumenta que a pesquisa etnográfica deve incluir uma abordagem multissensorial para "capturar" a complexidade das interações humanas com o ambiente. Ela sugere que métodos como a utilização de gravações em vídeo e a fotografia podem ser ferramentas poderosas para documentar e analisar essas experiências sensoriais.

Durante a pesquisa na APADEVI, esses princípios foram fundamentais. As caminhadas e as observações sensoriais permitiram uma imersão no ambiente da instituição. Registrando sons, cheiros e texturas, foi possível "captar" a realidade vivida pelos participantes de maneira mais completa e autêntica. Esse envolvimento direto e sensorial proporcionou uma visão mais rica e detalhada das dinâmicas sociais e espaciais presentes no local.

A abordagem de Ingold (2011) e Pink (2009) reforçam a necessidade de uma geografia que não apenas observe, mas que também participe e vivencie o espaço.

Isso se alinha com a perspectiva de Lacoste (1988) sobre uma geografia prática e engajada, e com a metodologia sensorial defendida por Springgay e Truman (2017). A combinação dessas abordagens permitiu uma pesquisa mais profunda e significativa, destacando a importância da experiência direta e sensorial na produção do conhecimento geográfico.

1.2.1 História da instituição

Nesta seção, farei uma breve apresentação do histórico de construção da instituição, destacando seu desenvolvimento ao longo dos anos. Além disso, será descrita a infraestrutura da APADEVI, juntamente com sua dinâmica de trabalho, fornecendo um contexto essencial para compreender o ambiente onde a pesquisa foi realizada.

Em 19 de novembro de 1984, o primeiro Centro de Apoio ao Deficiente foi estabelecido nas dependências do Colégio José Elias da Rocha. Inicialmente, sete alunos foram acolhidos, incluindo três com cegueira total e quatro com baixa visão. Sob a supervisão da professora Célia Maria Gonçalves de Oliveira, especialista em Educação Especial pelo Núcleo Regional de Educação (NRE), o atendimento era programado por quatro horas semanais (APADEVI, 2018).

O serviço prestado era personalizado, adaptado às necessidades individuais de cada aluno, com uma turma dedicada ao ensino do método braille para alfabetização e outra que utilizava letras ampliadas em tinta. Cada grupo frequentava o Centro duas vezes por semana em período integral. Os alunos cegos eram atendidos nas segundas e quartas-feiras, enquanto os com baixa visão tinham assistência às terças e quintas-feiras. Essa organização se manteve até abril, quando outros profissionais, especializados na área visual, se juntaram ao Centro, acompanhando um aumento no número de matrículas. O objetivo primordial do atendimento consistia em proporcionar a alfabetização dos alunos, seja através do braille ou da escrita ampliada em tinta. Além disso, foram utilizados recursos pedagógicos específicos, como o soroban (utilizado para o ensino de matemática) e a bengala HAWER. Tais materiais foram fornecidos pela Secretaria Estadual de Educação - SEED naquela época (APADEVI, 2018).

Em 22 de junho de 1985, com o apoio da professora Eunice Fagundes de Castro, responsável pelo setor de Deficiência Visual do Departamento de Educação

Especializada - DEE/SEED em Curitiba, foi fundada a Associação de Pais e Amigos do Deficiente Visual - APADEVI. Inicialmente, o principal objetivo da APADEVI era oferecer suporte a pessoas com deficiência visual total ou com baixa visão. Além disso, buscava-se participar de projetos, requisitar recursos financeiros e materiais aos órgãos pertinentes, bem como manter a Classe Especial para o Centro de Atendimento Especializado. Para alcançar esses objetivos, foi estabelecida uma diretoria, tendo como presidente a Sra. Neusa Ferreira da Silva, que apresentava perda parcial da visão. As atividades da APADEVI tiveram início em um pequeno espaço na Escola Estadual José Elias da Rocha, em conformidade com a Resolução nº 3.887/87, direcionada ao atendimento de pessoas com deficiência visual em todas as faixas etárias. No mesmo ano, ocorreu a alteração do nome de Classe Especial para Centro de Atendimento Especializado (APADEVI, 2018).

Em 1990, a APADEVI mudou-se para a Rua Joaquim Nabuco, operando dentro do Centro de Ação Social. O espaço foi temporariamente cedido pela Prefeitura Municipal de Ponta Grossa, contando com duas salas de aula. O Centro de Atendimento Especializado ao Deficiente Visual (CAEDV) recebeu autorização em 31 de dezembro de 1991, permitindo a celebração de um convênio técnico com o Governo do Estado do Paraná e a Prefeitura Municipal de Ponta Grossa. Esse acordo possibilitou o pagamento de salários aos funcionários e a manutenção do centro por meio de recursos provenientes da comunidade, originados de eventos promocionais, vendas de artesanatos e doações. Em 2001, o CAEDV, sob a gestão da APADEVI, que antes funcionava na Rua Enfermeiro Paulino, nº 320, na Vila 26 de outubro em um espaço cedido pela Prefeitura Municipal de Ponta Grossa, foi transferido para um ambiente renovado e adaptado nos terrenos do Colégio José Elias da Rocha. A prefeitura providenciou todas as adaptações necessárias para a instituição, incluindo uma entrada independente pela Rua Pernambuco, s/nº, no Bairro de Olarias (APADEVI, 2018).

Em 2006, a Prefeitura Municipal de Ponta Grossa, representada pelo Prefeito Pedro Wosgrau Filho, realizou a doação de verba para aquisição do terreno localizado na Rua Pandiá Calógeras, número 49. Posteriormente, com o apoio de entidades, eventos e várias atividades beneficentes, foram angariados recursos para a aquisição do terreno adjacente, ampliando a área total da APADEVI para 3.872,00 m² (Figura 3).

Figura 3 - Vista área via *Google Earth* da APADEVI-PG



Fonte: O autor

Ao ser encaminhado à instituição com um laudo oftalmológico, o estudante passa por um cadastramento no serviço social. A partir da anamnese, que visa compreender suas necessidades e desejos, a instituição busca retratar sua realidade socioeconômica e cultural. Com base nesse processo, a pessoa com deficiência visual é direcionada aos programas mais adequados às suas necessidades. O tempo de permanência do educando nos programas da instituição varia conforme as atividades, sendo recomendado um mínimo de 1 hora por sessão em cada programa. Geralmente, sugere-se que pessoas com deficiência visual total frequentem o Centro diariamente, em período integral. Para aqueles com visão reduzida, são propostos atendimentos individualizados de 1 hora de duração (para crianças de 0 a 3 anos) ou coletivos com duas horas de duração (a partir dos quatro anos) (APADEVI, 2018).

O espaço disponível para a APADEVI é limitado, já que é um local cedido, o que muitas vezes demanda mudanças de salas para adequar-se à realidade enfrentada pela instituição. Durante o período em que estive na APADEVI, o espaço físico das salas permanecia basicamente o mesmo, com algumas mudanças pontuais no arranjo interno. No entanto, o que mais se alterava era a funcionalidade dessas salas, já que sua função dentro da instituição mudava constantemente, o que, por sua vez, impactava também a rotina dos usuários. Essas frequentes alterações na utilização dos espaços muitas vezes geravam dificuldades de adaptação para alguns dos frequentadores.

Participante do grupo: “Então... Cada hora, às vezes, era uma coisa diferente. Onde está esse pessoal, está difícil de achar... O pessoal não saía, entrava, mas não conseguia sair. Para o pessoal de visão total, essas mudanças no ambiente que a gente... já está acostumado, são mais fáceis, mas para nós, o que modifica é mais difícil. Para nós, se nos acostumarmos, é como se tivéssemos que fazer uma nova mobilidade. Daí, você tem que aprender todo o trajeto de novo, aquele que você já estava acostumado a fazer...”

A resposta do participante evidencia as dificuldades enfrentadas pelos usuários com deficiência visual diante das frequentes mudanças de função e arranjo das salas na APADEVI. Para essas pessoas, as adaptações que poderiam ser consideradas simples para os considerados videntes, tais como, encontrar novos trajetos ou lidar com a reorganização do espaço – são sempre novas aprendizagens para os deficientes visuais. Com a mudança, os usuários precisam reaprender a se orientar no ambiente. Por um lado, a APADEVI busca, através do treinamento de mobilidade dos usuários, devolver a independência nos processos do cotidiano, ensinando-os a navegar de maneira autônoma em diferentes ambientes e cenários enfrentados no hodierno.

No entanto, por outro lado, há a reclamação por parte dos usuários que já estão adaptados à rotina, pois o estabelecimento de uma familiaridade com o espaço e seus elementos se torna fundamental para eles. A constância e previsibilidade do ambiente são cruciais, já que estar diante de algo conhecido traz uma sensação de segurança e controle. Saber onde as coisas sempre estão localizadas é, para muitos, uma forma de restabelecer um 'novo normal', um modo de lidar com a perda total ou parcial da visão, permitindo que a pessoa reconstrua sua autonomia e confiança no ambiente ao seu redor. Uma forma de ver orientada pela padronização e constância dos

sistemas de objetos e construções constituí a Geografia dos deficientes visuais ou um primeiro aspecto da elaboração da paisagem.

No aspecto educacional, há uma sala para Estimulação Essencial e Educação Infantil, sala para Luzes, sala para Reeducação Visual e Apoio Pedagógico, sala para Educação Física, duas salas para Ensino de Braille/Soroban e Apoio Pedagógico, uma sala de Musicalização, um Laboratório de Inclusão Digital e uma sala para Artes Plásticas. Na esfera administrativa, existem a sala de Coordenação Pedagógica, sala de Secretaria, sala da Direção/Administrativo, sala para o Serviço Social e Coordenação Administrativa, além de uma sala para Atendimento Psicológico.

Além disso, para complementar esses espaços, há uma variedade de materiais e equipamentos pedagógicos disponíveis, incluindo aparelhos de TV, bengalas, uma biblioteca com Livros em Braille e em tinta (ampliadas), brinquedos diversos, computadores, impressora Braille, uma variedade de instrumentos musicais e jogos de mesa adaptados, como dominó, xadrez, tria e dama. Esta infraestrutura e organização fornecem um ambiente adequado para o atendimento e desenvolvimento das pessoas com deficiência visual, garantindo um suporte educativo e social essencial para suas necessidades (APADEVI, 2018).

Dentro deste contexto, pude perceber que, muitas vezes, o espaço da instituição era utilizado de forma muito orgânica pelos usuários que estavam lá há mais tempo. Enquanto alguns novos usuários aprendiam a se locomover pelo espaço, a maioria dos usuários mais antigos se movia com muita facilidade. Era fascinante observar como aqueles que estavam familiarizados com o ambiente navegavam com confiança, enquanto os novatos se adaptavam gradualmente.

Todos os dias, antes do café da manhã, que ocorria às 10h, havia um momento de oração cristã do Pai Nosso e o agradecimento pela comida. Essa prática era um momento de união e reflexão, preparando todos para a refeição. O café da manhã durava cerca de 15 minutos, durante os quais os funcionários também tiravam um tempo para comer e socializar com os usuários. No início do meu período na APADEVI, todos compartilhavam o mesmo espaço para o café, promovendo um ambiente de convivência e integração.

No entanto, no segundo semestre de 2023, a direção da instituição decidiu separar os espaços para o café, destinando uma sala só para os funcionários fazerem suas pausas. Esta mudança visava proporcionar um ambiente de descanso mais tranquilo para os funcionários, permitindo-lhes um momento de pausa adequado sem

a interferência das atividades dos usuários. Foi interessante observar como essa alteração impactou a dinâmica da instituição. Enquanto alguns funcionários apreciaram a mudança, outros sentiram falta da interação mais direta com os usuários durante o intervalo. Durante o período em que frequentei a APADEVI, notei que as salas eram frequentemente realocadas para se adequar às necessidades do momento. Essa flexibilidade no uso do espaço refletia a natureza dinâmica da instituição e sua capacidade de se adaptar às necessidades de seus usuários.

A rotina diária na APADEVI envolvia uma série de atividades planejadas para promover o desenvolvimento e a independência dos usuários. As manhãs eram geralmente dedicadas às atividades educativas e de reabilitação visual, onde os usuários participavam de aulas de braille, soroban e reeducação visual. As salas de aula eram equipadas com materiais pedagógicos específicos, como livros em braille, lupas e outros recursos que facilitavam o aprendizado.

Além das atividades educacionais, a APADEVI oferecia programas de musicalização e artes plásticas, proporcionando um ambiente rico em estímulos sensoriais e criativos. Esses programas não só contribuíam para o desenvolvimento artístico dos usuários, mas também promoviam a socialização e a expressão pessoal. Era comum ver os usuários engajados em atividades musicais, tocando instrumentos ou participando de oficinas de arte.

Um aspecto que me chamou a atenção foi a importância dada à estimulação essencial para as crianças pequenas. Havia uma sala dedicada a esse propósito, onde os profissionais trabalhavam com os pequenos em atividades que estimulavam o desenvolvimento sensorial e motor. Para as crianças de 0 a 3 anos, os atendimentos eram individualizados, com sessões de uma hora de duração. A partir dos quatro anos, as atividades eram realizadas em grupo, com duas horas de duração.

A interação entre os usuários mais antigos e os novatos era outro ponto interessante. Os usuários que já estavam há mais tempo na instituição frequentemente atuavam como guias e mentores para os recém-chegados, ajudando-os a se adaptar ao novo ambiente. Esse espírito de cooperação e apoio mútuo contribuía para um ambiente acolhedor e inclusivo na APADEVI.

A perda da visão, especialmente em pessoas que vivenciaram uma transição brusca para a cegueira total ou parcial, é um processo profundamente desafiador. Muitos chegam à instituição carregando um misto de tristeza, frustração e, muitas vezes, depressão. Essa nova condição exige uma reformulação completa da

percepção de si e do mundo ao redor. Para aqueles que recém perderam a visão, há uma dificuldade natural em aceitar a perda da autonomia e a dependência que surge no início. Nesse momento, o apoio emocional é tão essencial quanto o aprendizado prático de novas habilidades, pois o enfrentamento da cegueira não é apenas físico, mas também psicológico. O tempo de aceitação varia muito de pessoa para pessoa, e a APADEVI funciona como um espaço onde essa jornada é compartilhada entre todos.

Lembro-me de um caso específico de um usuário que, toda vez que conversávamos, mostrava-se extremamente revoltado com sua condição. Ele havia perdido a visão recentemente e, compreensivelmente, ainda não estava na fase de aceitação. A raiva que ele expressava era uma forma de lidar com o luto pela perda, e ele verbalizava, de maneira intensa, sua insatisfação com a vida. Era novo na instituição, e sua adaptação estava sendo dificultada pela negação constante do que havia acontecido.

No entanto, era interessante observar como a interação com os usuários mais antigos, que já haviam passado por esse processo de negação e, eventualmente, aceitação, criava um contraste evidente. Esses veteranos serviam como exemplos vivos de que era possível, com o tempo, reconstruir a própria vida, mesmo diante de uma perda tão significativa. Essa dinâmica de diferentes estágios de aceitação entre os usuários mostrava como cada pessoa percorre seu próprio caminho, mas também ressaltava a importância do apoio comunitário para superar essa transição tão complexa.

Além das atividades diárias, a APADEVI também organizava eventos especiais e atividades extracurriculares, como passeios e apresentações artísticas. Esses eventos eram momentos de celebração e integração, onde os usuários podiam mostrar seus talentos e interagir com a comunidade externa. A participação nesses eventos era altamente valorizada, pois fortalecia o vínculo entre os usuários e a instituição, além de promover a visibilidade da APADEVI na sociedade.

Um aspecto importante da dinâmica da APADEVI é o Centro Dia, que atende usuários maiores de 18 anos até 65 anos. Estes usuários participam de projetos voltados para a socialização e a confecção de artesanatos. Os produtos confeccionados são vendidos para ajudar na manutenção da instituição. Essa atividade não só promove a integração social dos participantes, mas também contribui

financeiramente para a APADEVI, criando um ciclo positivo de apoio e desenvolvimento.

Em resumo, meu tempo na APADEVI foi marcado por uma experiência enriquecedora, onde pude observar de perto a importância de uma abordagem flexível e adaptável na educação e reabilitação de pessoas com deficiência visual. A capacidade da instituição de se ajustar às necessidades de seus usuários, aliada a um ambiente de apoio e cooperação, fez com que a APADEVI se destacasse como um espaço de transformação e crescimento pessoal para todos os envolvidos.

1.3 CONVERSAS NO HODIERNO

Gravei uma série de conversas com usuários da instituição em diferentes momentos e atividades. Dentre essas gravações⁵, destacarei quatro realizadas antes dos exercícios dirigidos, que foram fundamentais para eu entender a dinâmica de gravação.

As primeiras gravações ocorreram durante rodas de conversa promovidas pela instituição, com a presença do corpo técnico, incluindo o psicólogo e o assistente social. Essas rodas tinham como objetivo oferecer um espaço aberto para que os participantes falassem livremente, compartilhando suas dificuldades, experiências pessoais, dúvidas e outros temas. O formato variava: às vezes, o psicólogo introduzia um tema principal; em outras, o espaço era livre para quem desejasse falar. Havia momentos em que a sala permanecia em silêncio por alguns minutos até que alguém se sentisse confortável para iniciar a conversa.

A segunda gravação foi realizada em um momento posterior a uma dessas rodas de conversa. Decidi conversar a sós com um dos usuários, a quem chamarei de A, em uma sala reservada. Optamos por esse local mais privado para permitir um diálogo mais reservado, já que ele compartilhava gostos e vivências semelhantes às minhas. Essa conversa foi, de certa forma, um teste preliminar do que viriam a ser os exercícios dirigidos posteriormente.

⁵ A gravação de conversas sem consentimento pode violar o direito à privacidade, garantido pela Constituição Federal em seu Artigo 5º, X e XII. A legislação brasileira, incluindo o Código Penal (Art. 151) e a Lei Geral de Proteção de Dados (LGPD - Lei 13.709/2018), exige consentimento para gravações, exceto em situações específicas, como para proteção de direitos ou produção de provas judiciais. O uso não autorizado de gravações pode resultar em sanções civis e penais, de acordo com o Código Civil (Art. 20), que protege o direito à imagem e à intimidade.

Por fim, a terceira gravação aconteceu de forma espontânea, quando encontrei R no refeitório, onde os participantes estavam realizando uma atividade de pintura. Aproveitei o encontro casual para pedir sua permissão para gravar nossa conversa, e assim seguimos dialogando enquanto eu anotava alguns pontos em meu caderno.

Essas gravações forneceram uma fonte rica de dados que pude revisar posteriormente, ajudando a corroborar e a enriquecer minhas anotações escritas. Elas também reforçam a compreensão de que as teorias se originam da perspectiva do pesquisador como sujeito, e não de um ponto de vista abstrato.

1.3.1 Primeira conversa no grupo

Na primeira conversa que gravei no grupo⁶, havia nove usuários da instituição participando, além da assistente social, do psicólogo e de mim. Eu já havia participado de outras duas rodas de conversa, mas não interagi naqueles momentos, pois as discussões estavam mais focadas na resolução de conflitos internos entre os usuários da instituição.

O psicólogo iniciou a conversa com a seguinte questão: "Como a perda da visão afeta sua vida?". Houve alguns segundos de silêncio até que o primeiro usuário começasse a falar. A partir daí, praticamente todos os presentes compartilharam um pouco de suas experiências. A maioria dos participantes naquela ocasião era de pessoas cegas (seis no total), enquanto o restante tinha baixa visão.

Quando chegou a vez de Seu J falar — um senhor com aproximadamente 65 anos, com baixa visão, casado com uma mulher também presente no grupo, com quem ele sempre participava dessas atividades —, ele, como de costume, foi bastante envolvente. Seu J era conhecido por incentivar a participação de todos durante as rodas de conversa. Durante sua fala, ele me trouxe para o debate ao fazer uma pergunta sobre um usuário que chamarei de G, que havia nascido com cegueira congênita.

J: Uma coisa, Thiago, que eu tinha uma curiosidade, sabe?

T: Pode falar, J.

J: Porque nós aqui, todo mundo perdeu a visão mais tarde, né? Mas eu tinha uma curiosidade, porque esse tempo eu estava conversando com o G (usuário com cegueira congênita).

⁶ Considero fundamental explicar algumas escolhas de formato que fiz para o texto deste trabalho. Conforme irei delinear nos métodos metodológicos, o anonimato das pessoas com deficiência visual participantes das gravações e conversas foi garantido, sendo identificadas apenas por letras. As falas de pessoas encontradas no percurso foram marcadas com uma letra do alfabeto, as minhas falas estão identificadas com a letra T, e meus comentários estão entre parênteses.

T: Sim.

J: Daí eu perguntei para ele, que ele nasceu cego, né? Eu perguntei pra ele sobre cor, como é que ele imaginava, verde, azul, vermelho. Daí ele imaginava, mas não soube explicar por que ele nunca viu, né?

T: É, eu conversei já com ele também, conversei com outras pessoas e pesquisei mais sobre cegos que nasceram cegos e nunca viram cor. Como eles imaginam e como têm essa construção da cor na imaginação? Muitos deles não conseguem, de fato, imaginar a cor em si. No entanto, com o passar do tempo e com o aprendizado, eles sabem, por exemplo, que o vermelho é uma cor quente. Eles têm essa percepção da construção dos tons: os tons mais escuros são associados à falta de luz, enquanto o azul e o verde são considerados cores mais neutras, e o amarelo e o vermelho são cores mais quentes. Isso eles entendem para o dia a dia.

Por exemplo, muitos cegos que nasceram cegos sabem que roupa usar dependendo do clima. Se está quente, eles optam por roupas de cor mais clara, porque sabem que roupas claras em um dia ensolarado ficam mais frescas, enquanto roupas escuras, como o preto, ficam mais quentes. Assim, alguns cegos escolhem suas roupas com base na sensação térmica que as cores proporcionam.” (Eu dei uma resposta com base em artigos que eu havia lido e em vídeos do *YouTube*, onde os autores, que eram cegos congênitos, falavam sobre suas experiências).

Em seguida à minha fala, uma outra participante, que chamarei de S, entrou na conversa. S é uma mulher, assim como Seu J, com baixa visão. Ela prosseguiu:

S: Eu queria dizer, nós temos uma baixa visão. A gente não consegue distinguir as cores escuras; elas se tornam uma coisa só. Você não sabe definir se o azul é preto, ou se é marrom. Eu não imaginava que o A era moreno claro. Agora, esses dias, eu fiquei sabendo que ele não era (uma pausa em tom de confirmação), que ele era moreno claro. Eu achava que ele era bem moreno. E eu, que ainda tenho baixa visão, não consegui distinguir. Quando a Patrícia o trouxe perto de mim para eu ver, eu falei: "Ah, era isso." Eu tinha visto nada de que ele não era um moreno bem escuro, como eu imaginava. Daí eu até brinquei, falei: "Credo!" Quando olhei de perto, ele disse: "Agora você está sendo..." Não é que eu me assustei com ele, eu fiquei espantada comigo mesma.

T: Aham.

S: Então, a gente mistura. Para nós, depois que a gente perde a visão, não conseguimos distinguir o tom da cor. Quando é mais claro, a gente ainda consegue dar uma definição, mas, quando vem o tom mais escuro, não conseguimos distinguir se é verde, azul, preto ou marrom.

Nesse sentido, de acordo com Majerova (2017), a imaginação em indivíduos com deficiência visual é moldada tanto por representações verbais, relacionadas à linguagem, quanto por representações não verbais, ligadas à experiência perceptiva. A informação simbólica pode ser transformada em informação analógica e vice-versa, permitindo que imagens mentais se convertam em descrições verbais. A plasticidade cerebral desempenha um papel fundamental na adaptação do córtex visual para funções alternativas, mantendo uma atividade cognitiva rica mesmo na ausência de

percepções visuais diretas. Esse processo envolve a criação de "estados meta-modais intersensoriais", que incluem percepções como o "ouvido da mente", "nariz da mente" e "visão da mente".

Esses conceitos podem ser observados na fala de S., que descreve sua experiência como pessoa com baixa visão ao relatar a dificuldade em distinguir cores escuras, como azul, preto e marrom: "nós temos uma baixa visão a gente não distingue para enxergar as cores escuras, você torna uma coisa só, você não sabe definir se o azul é um preto". S. também menciona como imaginava que uma pessoa, identificada como "A", era morena, mas ao se aproximar, descobriu que ele era mais claro: "Eu não imaginava o A que ele era um moreno, agora esses dias eu fiquei sabendo que ele, não (...) era um moreno". Ela destaca o choque ao perceber a diferença entre sua imagem mental e a realidade visual ao vê-lo de perto: "Eu tinha visto nada de que ele não era um moreno, que eu imaginava ele bem moreno."

Essa discrepância entre a imagem mental criada e a percepção real ao tocar ou ver de perto reflete o processo de preenchimento da percepção visual com base em experiências passadas, informações incompletas e o uso da imaginação. A fala de S. ilustra como a limitação visual leva a uma fusão de tonalidades escuras em uma única percepção, dificultando a distinção entre cores específicas. Além disso, evidencia o papel fundamental da interação direta e do contato próximo para corrigir ou ajustar percepções mentais previamente formadas. A surpresa expressa por S. ao descobrir a "verdadeira aparência" de "A" revela como as percepções de pessoas com baixa visão são constantemente ajustadas e negociadas em resposta a novos estímulos sensoriais.

Dessa forma, como descrito por Majerova (2017), observa-se que a pessoa recorre a estratégias compensatórias para criar imagens mentais na ausência de visão clara, dependendo de outras formas de percepção e da interpretação pessoal de informações limitadas. Muitas vezes a o espanto quando a realidade não corresponde à imaginação construída, evidenciando como a percepção visual em pessoas com deficiência visual pode ser fortemente influenciada por fatores subjetivos e experiências anteriores. Além disso, demonstra-se a importância do contato direto para redefinir essas percepções, reafirmando o papel das representações mentais na experiência sensorial de pessoas com deficiência visual.

1.3.2 Segunda conversa no grupo

Esta segunda conversa aconteceu em uma sala de aula da instituição, após uma aula de reeducação visual. Quando a aula acabou, eu e o usuário que chamarei de A, fomos na sala para conversar. A é um senhor de 56 anos, que ficou cego devido a diabetes. O intuito dessa conversa era apenas conversar e saber mais como A estava levando a vida após perder a visão. A ideia era conduzir uma conversa de “forma natural”, sem grandes pretensões, apenas para ouvir e entender melhor a experiência de um dos participantes da roda de conversa, a quem chamarei de “A”.

T: E há quanto tempo que você perdeu a visão?

A: Há uns três anos.

T: Três anos?

A: Três anos.

T: Por conta do quê, A?

A: Diabetes.

T: Diabetes.

A: Diz que o diabo não é chifrudo, mas eu tô com a mulher dele.”

T: Com a diabetes” (nesse momento ambos demos risada).

T: Então, para você, o que é a paisagem? Para você hoje, ou toda a sua vida, o que é a paisagem? (Busquei inserir já nesse início o tema da discussão da paisagem, direcionando. Buscando perguntar sobre como a é a diferença entre a paisagem vista antes de A ficar cego e sua paisagem agora).

A: A paisagem é o que eu via antes, vamos supor eu via, vamos supor apassimentado (dito pelo entrevistado), isso nunca mais vai sair da minha cabeça, então a paisagem são lembranças, ficaram em lembranças, você procura não esquecer, entendeu?

T: Sim. Qual é a principal diferença para a paisagem que você tem na lembrança e para a paisagem que você percebe hoje?

A: A é bem, é muito diferente, hoje a gente vê, enxerga com outros olhos, os olhos é a mão, o tato, você não enxerga totalmente, você procurar não vê com os olhos.

T: Você falou que você não vê com os olhos.

A: Sim.

T: E como que você vê?

A: Como que eu vejo? Escuro. Não consegue ter uma noção séria.

T: Você não vê nem a claridade?

A: Não. Essa pergunta do como você vê, eu acho que o que eu quis perguntar não era necessariamente o como...

A: Como enxerga.

T: Seria mais no sentido de qual que é o principal elemento que te ajuda na hora de formular essa paisagem? Por exemplo, se você for num lugar que você nunca foi antes, mas que te falaram assim, nós vamos lá em um campo, e aí chegando lá nesse campo você começa a escutar o barulho das árvores, os pássaros, vacas, e o senhor vai criando na sua cabeça uma imagem do que você está ao seu redor? Como é que é?

A: Sabe que eu nunca pensei nisso, sabe? Que você para e vê as árvores, a gente se balançando, a vaca no milho, mas nunca passei isso pra “uau, ali tem uma vaca”, sabe? Você escuta o barulho e procura virar para lá, né? Mas nunca imaginei assim, sabe como?

T: Sei, entendi. Você nunca parou para pensar assim, nunca construiu uma imagem de onde você está?

A: Não, porque você quase não tem imagem, né? Então, nem procura. Eu nunca pensei nisso, é uma coisa bem incrível, nunca pensei nisso. A perda da visão me deixou muito... sem visão, sabe? Você não vê, ó, tem esse carro passando, e você nem liga.

A conversa estava fluindo bem, entretanto a sala em que estávamos apresentava algumas distrações. A sala, apesar de fechada, possuía uma janela voltada para a rua e, embora houvesse um muro entre nós e o exterior, o som dos carros que passavam era bastante audível. Essa situação era agravada pela localização da instituição, que fica próxima a um colégio. Nos horários de saída e chegada dos alunos, especialmente na hora do almoço, o tráfego se intensificava, o que tornava os ruídos ainda mais frequentes, momento no qual nossa conversa desenrolava.

Durante a nossa conversa, houve alguns momentos em que fomos forçados a fazer pequenas pausas, interrompendo o diálogo por alguns segundos devido ao barulho externo. Apesar dessas interrupções, a discussão sobre paisagem, que eu havia proposto, se mostrou bastante proveitosa. Seu A se engajou no tema e, de maneira receptiva, continuou a conversa, respondendo à minha pergunta com mais profundidade do que eu esperava, enriquecendo ainda mais o diálogo.

A: É. A gente vai no... no local, olha aqui a sala, a gente nem se preocupa, né? Senta aqui, sai daqui. Nunca pensou como que ela é. Ou como que... Onde está a mesa.

T: O senhor não se preocupa mais com isso?

A: Não se preocupa.

T: E como que é os lugares que você está? Se você está andando ou entrando...

A: Tanto que... você viu, eu entrei lá... na cozinha e não sabia sair.

T: Aham.

A: Você perde a noção de onde você está.

Essa fala é corroborada por outros diálogos tecidos com os usuários da APADEVI nos trabalhos de campo e imersão em que mencionaram a preocupação com a necessidade de imaginar e compreender como é o ambiente ao seu redor. Ao pensar em uma geografia não representacional, como propõe Macpherson (2016b), consideramos não apenas os espaços físicos, mas também as rotinas e os processos do dia a dia que moldam a experiência individual. Grande parte dos relatos dessas pessoas surge de suas vivências cotidianas dentro da instituição, onde a rotina desempenha um papel central, isto é, são os acontecimentos e não as representações que constituem as suas percepções espaciais.

A rotina, para muitas dessas pessoas, funciona como um lugar de conforto e segurança. Ela estabelece um senso de previsibilidade que é fundamental, especialmente em contextos em que a perda de visão exige um esforço contínuo de adaptação. O conhecimento de rotas, caminhos, objetos e interações constantes com os mesmos espaços permite que as pessoas se sintam mais confiantes ao se

deslocar e interagir com o ambiente. Pequenas variações na organização espacial ou na rotina podem gerar grandes desconfortos, como relatado pelos usuários que estão há mais de 10 anos na instituição, e que expressaram reclamações sobre as mudanças de salas que ocorrem no dia a dia.

Para A, que está na instituição há apenas três anos, o processo de adaptação ainda está em andamento, mas para aqueles com mais tempo, a constância nas atividades e a familiaridade com os espaços já era algo estabelecido. A rotina, portanto, vai além de ser apenas uma sequência de eventos repetidos. Ela se transforma em uma espécie de "mapa mental" que dá segurança e estabilidade emocional, oferecendo uma sensação de controle sobre o espaço e o tempo. Alterações nesse espaço conhecido podem desestabilizar essa relação construída, exigindo novos processos de adaptação.

T: Entendi. E aqui na cidade o senhor se locomove independente?

A: Não, de jeito nenhum.

T: Ainda não?

A: Não. Quando eu enxergava até me locomovia, mas agora, cara... incrível a gente ter... As ruas aí são muito difíceis, cara, muito, muito, muito, muito. É... é degrau, nossa, cara, olha, eu tiro o chapéu para essas pessoas que andam aí, sabe? Ando correndo, cara.

T: Tem bastante usuário aqui, né, que anda muito bem, né?

A: Puta la vida! Eu ando numa... "gatinhando", "gatinhando", cara. Sabe que, se a professora... se a professora não me dá o braço, eu quase... Eu não sei... Eu ando me agarrando nos muros. Quando não tem muro, então, meu Deus do céu... Como é difícil.

T: Você anda muito com o tato, né?

A: E também se segurando, né? Porque... Rapaz do céu... descendo aqui pra baixo... As calçadas eram assim, ó... (apontando com a mão para baixo para dizer que era íngreme) você anda meio... inclinado, cara, difícil.

A questão da adaptação de uma pessoa cega pode ser compreendida como um processo contínuo, no qual o medo, a insegurança e o próprio ato de se adaptar se reconfiguram à medida que a perda da visão se torna a nova realidade. Nesse sentido, os exercícios de mobilidade mencionados estão alinhados com o que Dornelles (2021) relata sobre o processo de adaptação à nova condição. Essa adaptação não se dá apenas pela mudança individual, mas também devido aos desafios impostos pelo ambiente, como a falta de acessibilidade em espaços públicos: ruas sem pavimentação, buracos e a ausência de padronização. Essas barreiras aumentam o medo e a insegurança na hora de se deslocar, tornando o processo de adaptação ainda mais complexo.

O "novo normal" para uma pessoa cega não é apenas uma questão de ajuste pessoal, mas também de enfrentar as deficiências estruturais dos ambientes urbanos.

A falta de uma infraestrutura adequada acentua a necessidade de estratégias de mobilidade e percepção espacial mais elaboradas. Nesse processo, a repetição e a familiarização com os caminhos, assim como, o uso de outros sentidos, tornam-se cruciais para reduzir o medo e aumentar a segurança no deslocamento, gradualmente reconstruindo a relação do indivíduo com o espaço ao seu redor.

T: Aham. E para você? O que é a APADEVI? O que significa ver para você?"

A: Nossa, cara. Tudo.

T: Tudo?

A: Sim.

T: Qual é a principal diferença? Acho que não seria a principal diferença, mas... fora esse "tudo", o que você poderia falar mais sobre a APADEVI? O que você acha da APADEVI? Ela tem algum problema? Tem algo de bom? Ou pode melhorar?"

A: Melhorar sempre é bom.

T: E antes de você vir aqui na APADEVI, qual foi a principal diferença de antes para agora?

A: Porque, antigamente, eu tinha só a limitação dentro de casa, só pra dentro do muro. Hoje eu... eu saio. Não sozinho, mas eu saio, vou até o carro da minha filha, de repente sozinho. Então... ali dentro de casa mesmo, eu não uso a bengala, sabe? Então, me ajudou bastante, sabe? Aqui mesmo, eu... se eu sair daqui eu vou lá no banheiro, né? Então, eu sei onde é, né? Então, muito bom. A APADEVI fez muita diferença na limitação.

A fala de A ressalta como a rotina e a orientação espacial são aspectos fundamentais na vida de pessoas com deficiência visual, especialmente dentro de ambientes familiares. No caso dele, o espaço doméstico é uma área onde ele consegue se locomover com confiança, sem a necessidade de usar a bengala, devido ao conhecimento detalhado que possui do local. Isso reforça a importância da familiaridade e da repetição no desenvolvimento de uma percepção tátil e auditiva mais refinada.

A - menciona que, embora não saia sozinho para áreas externas, como até o carro de sua filha, o ganho de autonomia dentro de casa é significativo. Ele consegue se orientar em espaços como o banheiro, sem dificuldades, graças à sua memória espacial e ao treino diário. Isso destaca a relevância das instituições de apoio, como a APADEVI, no processo de reabilitação e adaptação, que auxiliam na superação de limitações, permitindo que os usuários, com o tempo, desenvolvam uma independência crescente, ainda que seja limitada ao contexto de locais conhecidos.

1.3.3 Terceira conversa no grupo

Esta terceira e última conversa que trago nesta sessão é parte de uma série de diálogos que tive com os usuários da APADEVI. Diferente das outras, essa

conversa não foi gravada, pois estávamos em um contexto mais informal, durante um momento espontâneo em que interagi com a participante. Dada a natureza casual do encontro, optei por utilizar meu caderno de anotações para registrar os principais pontos abordados, já que não havia tempo suficiente para escrever tudo detalhadamente enquanto a conversa fluía. Após o término, me dediquei a “passar a limpo” no próprio caderno o que foi discutido, preservando assim a essência do que foi falado. Nessa ocasião específica, eu estava acompanhando as atividades do Centro Dia, onde os participantes realizavam pinturas em toalhas de pano para secar louça, as quais são vendidas pela instituição com o objetivo de arrecadar fundos. A mulher com quem conversei, e que chamarei de R, perdeu a visão recentemente, há menos de dois anos.

Começamos a conversa com a R me explicando como funcionava o molde para pintura para pessoas com deficiência visual.

R: Então, eu tenho que fazer uma "tabunha" (estava se referindo ao molde guia) aqui, uma tabunha aqui, uma tabunha aqui, entendeu? (Ela estava apontando e me mostrando como eles faziam pinturas utilizando uma guia que ajudava a desenhar formas pré-estabelecidas).

T: Entendi.

R: Daqui eu tenho que fazer um fundo, daí aqui eu tenho que fazer como se fosse uma pessoa que estivesse sentada, uma corda e um animal.

T: Você desenha tudo?

R: Aham.

R: Daí a estrada, primeiro você faz a estrada pra depois você montar a carroça, entendeu?

T: Entendi.

R: Então eles... Quando eu dava aula, para me chegar nesse nível, eu fiz muitos cursos.

T: Aham.

R: E o professor de pintura falou que eu tenho um QI muito alto de memória fotográfica.

T: Aham, entendi.

R: Daí ele falou que isso facilitava muito a minha vida quando eu pintava.

T: Aham.

R: Se você ver as minhas pinturas que eu pintava, eu era perfeccionista.

T: Eu não vi suas pinturas de antes, eu só vi a...

R: Você tem minhas pinturas aí para mostrar para ele? Ela vai mostrar para você minhas pinturas. Então, tudo que eu fazia, eu era muito detalhista, assim." (R falava perguntando para uma das educadoras que estava no refeitório no momento em que estávamos lá)

R: Então, eu tenho todas as lembranças de como eu pintava.

T: E, por exemplo, então pra você é fácil, você consegue...

R: Não é que seja fácil.

T: Não, não é fácil, mas é se orientar e conseguir criar tipo a paisagem... pela descrição.

"R: A descrição não faz eu criar a paisagem. Através de você me descrever, eu crio a.

Quando R me explicou o processo de suas pinturas, pude perceber o quanto ela se apoia na memória visual e nas descrições verbais para continuar sua prática.

Ao observar seus desenhos, notei que muitos se organizam em torno de uma repetição de padrões. Essa estrutura parece ser parte de uma adaptação natural, permitindo que ela mantenha controle sobre a composição, mesmo sem o auxílio visual direto. O detalhamento presente em suas obras também sugere que a repetição tem um papel importante na criação de formas e elementos que se repetem de maneira organizada, refletindo uma lógica interna de seu processo criativo após a perda da visão.

T: Mas e se você tiver num lugar que você nunca foi antes e ninguém falar nada pra você, como é que você imagina esse lugar?

R: Aí eu sinto.

T: Você sente...

R: Pelo som.

T: O som?

R: A água, eu escuto os passos, então assim, a minha percepção é boa.

T: É muito sonora?

R: Entendeu? Então, eu escuto os pássaros, balançar folhas, assim, às vezes quando tá vento, eu sinto o balançar quando eu saio na porta da minha folhagem.

T: Aham.

R: Eu consigo escutar o barulho da folhagem.

T: Caraca.

R: Entendeu?

T: Aham.

R: Então, assim, o vento faz eu escutar, só que isso é um ponto que você tem que ter muita concentração.

T: Entendi.

G: Eu já pego mais lá. Só.

R: Não, eu digo no celular, eu tenho foto, esse aqui foi foto.

T: Esse aqui que eu tinha visto.

R: É, então, foi esse aqui, com a ponte.

R: Isso, e eu vou fazer novamente a ponte ali.

T: Esse aqui com os pássaros também.

G: Esse aqui também é da R.

R: Esse aqui foi que eu pinteí segunda-feira.

T: Esse que você falou que era a maçã, a laranja e a uva?

R: Isso.

T: Caraca, pô, muito certinho e até...

R: Entendeu? Sem molde.

Conforme Dornelles (2021) aponta, quando há a perda da visão, outros sentidos tendem a se desenvolver de forma compensatória, permitindo uma percepção mais aguçada do ambiente por meio de estímulos auditivos, táteis ou olfativos. Isso fica evidente na forma como R utiliza o som como principal recurso para imaginar e interpretar os espaços ao seu redor, demonstrando uma concentração elevada e uma sensibilidade apurada que substituem, em certa medida, a ausência de referências visuais.

T: Mas como é que funciona o molde? Eu não sei como é que funciona o molde.

G: Deixa eu mostrar aqui, eu tenho foto.

R: Eu pinto sem molde. Eles conseguem pintar com molde, eu não consigo.
T: Eu posso tirar uma foto do teu quadro?
R: Claro.
T: Vou tirar. Eu gostei desse quadrado que tem as montanhas no fundo, os pássaros no ângulo e tem meio que como se fosse um lago ou um rio.
R: Isso.
T: Com a plantação e tem umas flores amarelas.
R: Isso.
G: Esses aqui são os moldes. A pessoa pinta dentro e depois você tira esse molde e deixa exatamente o...
T: O formato, né?
G: O formato da arte.
T: Aham.
R: Agora, eu não consigo usar, ela já tentou usar molde comigo e não consegue. Eu não consigo. Por quê? Eu já aprendi a pintar.
G: Deixa muito limitado.
T: Limita, né?
R: O molde me limita e eu não gosto do limite, eu gosto de usar a minha, ela me deixa livre.

A fala de R sobre sua preferência por pintar sem o uso de moldes se conecta diretamente às implicações discutidas por Macpherson (2008) no campo da Geografia sobre paisagem, corporeidade e deficiência. Assim como, nas pinturas descritas por Macpherson, a prática de R desafia a ideia tradicional de representação visual da paisagem ao evidenciar que a experiência visual não é homogênea. O ato de pintar sem o molde reflete uma liberdade criativa que permite a ela expressar suas interpretações pessoais da paisagem, explorando suas memórias e sensações de uma maneira única.

R - Afirma que o uso de moldes limita sua criatividade, e essa resistência à imposição de padrões externos ressoa com a ideia de que as representações da paisagem devem ser multifacetadas e individuais. A escolha de não utilizar moldes não é apenas uma questão de técnica, mas também uma afirmação de sua identidade artística e de sua relação com o mundo. Essa liberdade na expressão permite que ela capture a complexidade da paisagem de acordo com sua própria percepção, que é enriquecida por uma combinação de memória fotográfica e sensações táteis e auditivas.

A abordagem de R - sublinha como a capacidade física de visão, ou sua ausência, influencia diretamente o que se vê e como se representa a paisagem. Para ela, o molde limita essa representação e a impede de explorar plenamente sua memória e sensibilidade tátil, auditiva e emocional. Essa perspectiva é crucial, pois nos leva a refletir sobre a ideia de que a paisagem não é apenas um espetáculo visual, mas uma experiência que envolve todos os sentidos. O entendimento da paisagem

deve, portanto, levar em conta as vivências sensoriais e as particularidades de cada indivíduo.

Além disso, a experiência de R destaca a importância da inclusão e da diversidade na representação da paisagem. Ao reconhecer que cada pessoa tem uma forma única de interagir com o ambiente, compreendemos que a visão não deve ser considerada o único sentido válido para a representação. Isso se alinha à ideia de que a paisagem não pode ser vista de forma unívoca, pois nossa interação com ela é influenciada por nossas experiências sensoriais, biográficas e contextuais, e não apenas pela capacidade visual em si. Essa compreensão nos convida a expandir nossos conceitos sobre arte, paisagem e representação, valorizando as vozes e experiências de indivíduos com diferentes capacidades e modos de ver o mundo.

1.4 EXERCÍCIOS DIRIGIDOS DENTRO DA APADEVI

Nos exercícios de caminhada dirigidos dentro da APADEVI, foram quatro participantes: W, C, G e M, com suas falas precedidas por essas letras. As falas de pessoas encontradas no percurso foram marcadas com X, as minhas falas estão identificadas com a letra T, e meus comentários sobre as caminhadas estão entre parênteses.

As falas dos participantes, das pessoas externas, as minhas e meus comentários estão organizadas conforme os conceitos que representam. Isso significa que, para discutir um conceito ou tópico específico, posso usar falas de diferentes personagens, sem seguir a ordem cronológica em que ocorreram. As transcrições completas das caminhadas estão nos Apêndices A e B.

Para o desenvolvimento deste exercício, inicialmente caminhei com os participantes em um local que já conheciam, a fim de proporcionar-lhes uma sensação de segurança e acolhimento em um ambiente familiar. Seguindo as recomendações de Macpherson (2016b), optei por realizar essas caminhadas nas dependências da própria instituição APADEVI e em seus arredores. Cada participante caminhou e conversou individualmente comigo durante os períodos livres de que dispunham.

Buscamos conduzir a conversa de maneira que levasse a uma reflexão sobre o conceito de "visão". Para indivíduos videntes, a visão pode ser algo comum e passivo (não problematizado no cotidiano), enquanto, para pessoas com deficiência visual, é correlacionada a outros sentidos. Grande parte dessa reflexão inicial foi

inspirada pelo documentário "Janela da Alma", que assisti previamente. O documentário "Janela da Alma"⁷ (2001) explora a percepção do mundo além da visão física, destacando a sensibilidade, as emoções e a capacidade de "ver" além do que é visível. A obra argumenta que deficientes visuais, mesmo sem enxergar fisicamente, conseguem diferenciar pessoas, reconhecer lugares, perceber estados emocionais e ter noção do tempo. Entrevistando indivíduos de diversas áreas do saber, como atores, escritores, políticos, fotógrafos e filósofos, o documentário oferece uma profunda reflexão sobre a sensibilidade e a capacidade humana. Ele enfatiza que os olhos são "a janela da alma", conectando a alma ao mundo e vice-versa.

Outra escolha importante foi a forma como essas falas são apresentadas no texto. A norma padrão sugere que transcrições sejam apresentadas em itálico, mas segundo Dornelles (2022) e outros, para pessoas cegas que utilizam leitores de tela, o programa não diferencia esses caracteres. Portanto, esses trechos estão entre aspas, pois os programas de leitura de tela podem ser configurados para que os usuários escolham ouvir as aspas.

Nos exercícios dirigidos, utilizei o método de caminhada para compreender o que é paisagem para o deficiente visual. A base teórica dessa metodologia será detalhada no Capítulo 2 - Exercícios Etnográficos, no qual aprofundarei o referencial teórico. Para realizar esse exercício, segui critérios específicos de classificação da deficiência visual⁸, dividindo os participantes em quatro grupos distintos. Na primeira caminhada, acompanhei um usuário com baixa visão⁹. Na segunda caminhada, um participante que perdeu a visão recentemente¹⁰ (menos de três anos). Na terceira caminhada, um participante cego há mais de 20 anos¹¹. E, finalmente, na quarta

⁷ Janela da Alma é um documentário brasileiro de 2001, dirigido por João Jardim e Walter Carvalho, que explora as diversas formas de perceber o mundo além da visão física. (colocar ref).

⁸ A classificação da deficiência visual é essencial para entender as diferentes formas como as pessoas interagem com a paisagem urbana e como suas necessidades variam. A deficiência visual pode ser categorizada de várias maneiras, incluindo a distinção entre baixa visão e cegueira total, bem como a diferença entre cegueira adquirida e congênita.

⁹ Baixa Visão: Refere-se à redução significativa da visão que não pode ser corrigida com óculos, lentes de contato, medicamentos ou cirurgia. Este grupo necessita de recursos visuais ampliados e tecnologias assistivas para maximizar a visão residual.

¹⁰ Cegueira Recente: Inclui indivíduos que perderam a visão em menos de três anos. A adaptação envolve aprender novas formas de navegação e orientação, utilizando outros sentidos para compensar a perda de visão.

¹¹ Cegueira a Longo Prazo: Refere-se a pessoas cegas há mais de 20 anos. Estes indivíduos desenvolveram estratégias sólidas de navegação e adaptação ao ambiente urbano, usando técnicas avançadas de mobilidade.

caminhada, um cego congênito¹². A seguir, explicou como apliquei essa metodologia nas caminhadas com os participantes desta pesquisa.

É relevante notar que, como pesquisador, minha perspectiva pessoal influencia minhas observações e interpretações. Conforme Macpherson (2007) destaca, cada pesquisador traz consigo uma série de características que transformam sua percepção da paisagem e dos outros.

Descrevo agora como foram conduzidas as caminhadas e como fiz o registro delas. Acompanhei quatro pessoas deficientes visuais, cada uma em um percurso escolhido por elas. Um dos critérios para a escolha do trajeto foi: um caminho familiar para a pessoa, visando entender como elas se relacionam com a paisagem em um ambiente que consideram seguro.

A relação entre "conhecer o caminho" e "sentir-se seguro" pode ser entendida a partir de Macpherson (2007), que explica que a maioria das pessoas cegas tende a percorrer caminhos conhecidos devido à segurança proporcionada pela familiaridade com as barreiras e pontos de referência do trajeto. Isso fundamentou a escolha do primeiro exercício, que foi uma caminhada pela própria APADEVI e seus arredores. O objetivo era observar como os participantes interagiam com um ambiente familiar, analisando sua confiança e autonomia ao navegar por um trajeto bem conhecido.

Posteriormente, realizamos um exercício de caminhada em um trajeto que não foi previamente avisado aos participantes. Essa mudança tinha como finalidade entender as reações dos participantes durante o deslocamento para um local desconhecido. Esse exercício visava captar as estratégias de adaptação e a capacidade de resposta a novos desafios, permitindo uma análise mais profunda de como a familiaridade com o ambiente impacta a sensação de segurança e a navegação dos deficientes visuais.

As caminhadas foram registradas com um microfone conectado a um celular com software de gravação. Acompanhei as caminhadas para captar experiências e práticas quando ocorriam, seguindo a sugestão de Macpherson (2007). Cada caminhada foi realizada individualmente com os participantes, e é importante mencionar que já conhecia essas pessoas, isto é, a imersão na APADEVI também constitui um processo de aceitação e geração de empatia entre os usuários e o

¹² Cegueira Congênita: Inclui indivíduos que nasceram cegos ou perderam a visão em idade precoce. A percepção da paisagem é construída inteiramente a partir de informações sensoriais não visuais, como audição e tato.

pesquisador. Essa proximidade, pode contribuir para que as perguntas e intervenções feitas sejam mais apropriadas.

Expliquei a cada um dos participantes os objetivos da pesquisa e o método que seria utilizado. Informei sobre a gravação das caminhadas e a posterior transcrição para uso no meu trabalho, garantindo o anonimato dos participantes para evitar constrangimentos ou uso indevido das informações. Além das gravações, fiz anotações de campo antes e depois de cada percurso.

A análise foi realizada da seguinte forma: ouvi os áudios e transcrevi as conversas de cada caminhada, integrando minhas observações anotadas antes, durante e depois.

1.4.1 Participante W

Início esta seção com W., um jovem de 21 anos que conheci na APADEVI. Nos aproximamos devido a algumas afinidades, como o interesse por jogos, aplicativos de celular, e RPG (*Role Playing Game*). W. ainda estava em processo de aceitação de sua baixa visão, uma condição relativamente recente em sua vida. Durante a pandemia de COVID-19, W. contraiu o vírus e apresentou sintomas semelhantes aos de uma gripe. Enquanto se recuperava, sofreu um mal súbito que resultou na perda parcial da visão de um de seus olhos. A visão desse olho foi gradualmente se deteriorando até ele ficar praticamente cego.

Posteriormente, o outro olho, até então saudável, também começou a perder visão significativamente. W. passou por uma série de tratamentos e cirurgias na esperança de recuperar a visão desse olho, e ainda mantém a esperança de que ele possa voltar a enxergar com certa qualidade. Essa narrativa destaca não apenas os desafios físicos enfrentados por W., mas também sua resiliência e a busca por formas de lidar com as mudanças em sua vida, explorando novos interesses e mantendo-se engajado em atividades que lhe trazem prazer e significado. Devido a todos esses acontecimentos, W entrou em processo de depressão.

Em vários momentos enquanto conversávamos, ele relatava seu pesar e descontentamento com a situação em que sua vida se encontrava. Mesmo estando nessa situação delicada e complicada, ele aceitava conversar e interagir comigo. Inicialmente, W reagiu com certo receio de participar da pesquisa, mas posteriormente aceitou.

T: Tudo bem, W? Como é que você está?

W: Tudo bem.

T: Certo. Será que a gente pode caminhar um pouquinho aqui pela APADEVI e conversar um pouco assim?

W: Claro. (W caminhava sem muitas dificuldades pela instituição, enquanto caminhávamos ele conduzia o caminho para onde eu havia apontado).

T: Então bora então, vamos conversando. E aí W, como é que você está hoje? Está tranquilo?

W: Estou tranquilo.” (Fomos caminhando seguindo sentido do parquinho das crianças que ficava em uma das laterais da instituição).

T: W, me responde uma coisa assim, se fosse perguntar para você, o que você faz da vida? O que vocêalaria para mim?

W: Ah eu tento seguir a vida, né cara? Eu procuro evoluir na minha parte acadêmica, na minha parte adaptativa.

T: Aham.

W: Tento viver ao máximo que consigo.

Percebi que essa primeira pergunta causou um certo pensar em W, ele ficou alguns segundos pensando no que iria responder, pensando como se estivesse analisando algumas opções de respostas.

T: Certo, e W, quanto você consegue se localizar bem aqui pela APADEVI? Se eu perguntar para você que parte que é essa da APADEVI você sabe me informar bem?

W: Consigo, consigo, eu já conheço o local, tenho um pouco de visão, então dá para se localizar bem.

Nesse momento, percebi que ele estava um pouco incomodado com nossa caminhada e conversa. Mesmo estando em um lugar familiar e de certa forma familiarizado comigo, já tendo tido conversas anteriores, abordar o assunto que atinge sua situação, especificamente sobre sua deficiência, pode remeter a uma tristeza¹³, pois ele parecia ainda desconfortável com a nossa conversa. Portanto, fiz uma última pergunta com a intenção de retomar minha indagação inicial sobre a visão.

T: Certo. E para você, já que você falou que tem um pouco de visão, o que é visão?

W: A visão é a maneira mais prática e fácil de você se localizar, né? Você não precisa usar tantos outros sentidos, você basicamente só vê e já sabe, tem noção de onde está cada objeto.

Essa fala de W. é reveladora quando comparada com a perspectiva teórica que apresentei anteriormente. Segundo Gomes (2013), para pessoas com visão normal, o ato de olhar é contínuo e seletivo, focando apenas no que interessa. Para pessoas com deficiência visual, a interação com a paisagem se dá através de todos os sentidos, e a informação é extraída conforme o interesse do sujeito. A visão é uma ferramenta direta e eficiente, como W. apontou, mas sua ausência ou limitação força

¹³ Fiz uma anotação em meu caderno de anotações nesse momento pois era perceptível o modo com que ele estava entrando em um certo desconforto ao andarmos e começarmos a falar sobre aspectos relacionados a sua deficiência.

a utilização e desenvolvimento de outros sentidos para criar uma "paisagem" que interage com a experiência sensorial como um todo.

Besse (2010) complementa essa visão ao sugerir que a paisagem é, antes de tudo, uma "expressão" de existência, que pode ser experienciada além do mero espetáculo visual. Para W., a visão ainda é um recurso valioso e prático, mas sua resposta também reflete um reconhecimento implícito de que, sem a visão plena, ele depende de uma construção através de outros sentidos para conseguir sua localização. Isso ressignifica sua experiência espacial e sensorial, alinhando-se com as teorias discutidas sobre como diferentes graus de limitação visual moldam a percepção e interação com o ambiente. Depois dessa última pergunta, a conversa foi finalizada com meu agradecimento à participação de W. Agradei também pela sua disposição em caminhar comigo e compartilhar suas experiências e percepções, mesmo diante de um tema tão sensível.

1.4.2 Participante G

G é um homem de 23 anos, cego de nascença, formado em jornalismo e pós-graduado em marketing do esporte. Dentre os participantes das caminhadas, G foi a pessoa com quem tive menos intimidade no início, mas posteriormente, desenvolvi um contato mais próximo, encontrando-o e conversando fora do ambiente da instituição.

Meu primeiro contato com ele ocorreu alguns dias antes de realizarmos um exercício, quando me apresentei e tentei criar um vínculo. Conversamos no refeitório em um dia pouco movimentado, portanto, tivemos a oportunidade de conversar tranquilamente. Nesse primeiro encontro, apresentei-me apenas com meu nome e não mencionei que estava pesquisando algo na APADEVI. Ficamos conversando por um tempo, e eu introduzi uma pergunta sobre o que ele entendia por paisagem, explicando que estava curioso sobre sua compreensão visual.

Enquanto conversávamos, eu anotava em minha caderneta suas respostas e impressões. Inicialmente, ele respondeu que sabia o que era paisagem pelo conceito geográfico que havia estudado na escola. Durante essa conversa, ele também mencionou um aplicativo de acessibilidade chamado Tatu¹⁴, que ajuda a descrever

¹⁴ O aplicativo TATU (Tecnologia Assistiva no Turismo) é uma iniciativa da Universidade Federal de Alagoas (UFAL) para promover o turismo acessível. Desenvolvido pelo Instituto de Computação,

paisagens e pontos turísticos. No mais, foi um encontro produtivo em que combinamos de nos encontrar mais vezes para conversar, embora não tenhamos conversado muito mais naquela ocasião.

T: Certo, G.

T: G, o que você faz da vida?

G: Eu sou formado em jornalismo, já fiz uma pós-graduação a pouco tempo em gestão, comunicação e marketing no esporte pelo Centro Universitário Uninter. Atualmente eu participo aqui da APADEVI de diversas atividades, como por exemplo do Centro do Dia e da natação, do atletismo e do GoallBall. Essas atividades que eu tenho feito atualmente.

T: Certo. Peraí, vamos caminhar um pouquinho mais para o lado aqui que tem bastante... vamos voltar aqui pra... Sabe a direção do parquinho das crianças ali? (Enquanto caminhávamos percebia que G tinha uma certa dificuldade para se locomover, não por algum aspecto de localização na instituição, mas por alguma deficiência em sua mobilidade das pernas).

G: Não lembro.

T: É pra tua direita. Só que vamos ter que voltar para trás aqui porque tem esse degrau aqui.” (som da bengala batendo em uma das portas da recepção que passamos).

G: Eu fui lá mas não lembro.

T: Pode virar em direção como se fosse entrar, totalmente pra você entrar.

G: Você já está gravando?

T: Estou gravando.

T: Vamos ali que não tem ninguém, dá pra nós ficarmos tranquilos.

G: Tá certo.

T: A parede está à tua direita.

G: Aí então?

T: Dá pra irmos andando pra cá, seguindo a parede, não tem ninguém.

T: Certo, G?

G: Sim.

T: Você consegue se localizar? O que você usa pra se localizar nesse lugar que a nós estamos?

G: Eu estou usando a bengala para me localizar, estou usando para rastrear objetos e ambientes também. Eu estou usando a bengala e estou deslizando para rastrear os ambientes, rastrear também os locais, objetos. Aqui fora é dessa forma que eu estou fazendo.

A técnica de toque com a bengala, desenvolvida por Hoover¹⁵, é reconhecida como um método seguro e eficaz para a locomoção. Quando empregada adequadamente, oferece proteção contra obstáculos presentes em calçadas e é capaz de transmitir informações sobre a textura das superfícies através das vibrações

Faculdade de Letras e Instituto de Geografia, Desenvolvimento e Meio Ambiente, o TATU é um aplicativo para Android e iOS que visa incluir pessoas com deficiência visual e auditiva na atividade turística em Alagoas. Ele fornece informações em audiodescrição e LIBRAS (Língua Brasileira de Sinais), utilizando dispositivos Bluetooth para facilitar o acesso.

¹⁵ A técnica da bengala de Hoover envolve segurar a bengala com leveza na mão, com o braço estendido e a ponta tocando o chão. O usuário move a bengala de um lado para o outro em um arco largo, cobrindo uma área ligeiramente mais ampla do que a largura dos ombros. A bengala é balançada lateralmente em sincronia com os passos do usuário: quando o pé esquerdo avança, a bengala se move para a direita, e vice-versa. Esse movimento ajuda a detectar e mapear obstáculos, alterações na textura do solo e mudanças de elevação, como degraus ou buracos, permitindo ao usuário navegar com segurança pelo ambiente.

sentidas no dedo indicador, mão e ouvido. Além disso, essa técnica alerta o usuário sobre mudanças na topografia do terreno, como declives e buracos.

No entanto, a falha na execução correta desta técnica pode comprometer sua eficácia e colocar a segurança do usuário em risco. A bengala branca não é apenas um instrumento ou um dispositivo usado por pessoas cegas para conquistar independência, mas também atua como um símbolo da cegueira. Esse duplo papel, tanto funcional quanto simbólico, confere ao objeto uma posição liminar e ambígua entre pureza e perigo (Von der Weid, 2014).

A pureza emerge porque seu uso estrutura a mobilidade de pessoas cegas, promovendo sua autonomia e liberdade de movimento. O perigo reside no fato de que seu uso também pode contaminar a identidade social do indivíduo, marcando-o como cego e ativando estigmas e preconceitos associados à cegueira.

T: Certo, G. E agora uma outra pergunta pra você, que é a seguinte: pra você, o que é visão?

G: Bom, para mim que eu nunca enxerguei, se torna mais complexo responder, porque pra pessoa enxergar algo depende da luz, depende também da retina, também depende de imagens. É um conceito que se torna complexo de se dizer se for pensando de forma científica, porque a pessoa com deficiência visual, se for pensando bem, ela tem os sentidos mais apurados, como por exemplo, o fato, a audição, o paladar, o tato, que acaba compensando ou a perda da visão ou também quando a pessoa nasce cega, como é o meu caso, eu nasci cego.

Von der Weid (2014) emprega a expressão "visão de mundo" com uma conotação que se aproxima mais das ideias de percepção, apreensão e compreensão do que simplesmente de visualidade literal. Esta escolha de palavras destaca como, mesmo na ausência do sentido visual, indivíduos com deficiência visual desenvolvem e dependem de outras percepções sensoriais para entender e interagir com o mundo ao seu redor. A metáfora visual nas expressões como "ponto de vista" e "paradigma" sublinha a predominância da visão nos discursos sobre a compreensão do mundo.

Depois de concluirmos nosso exercício, continuei conversando com G enquanto nos despedíamos, mas nossa conversa naturalmente prosseguiu. Em seguida, abordamos um tema fascinante: como G, que é cego de nascença, concebe as cores e as pessoas em sua mente.

G: Ficando de forma mais completa quando alguém me fala, por exemplo, se me falaram que a bandeira do Brasil é verde, amarelo, azul e branco e se eu aprendi isso na escola, eu vou lembrar dessa forma. Por exemplo, não tendo muito a ver, mas por exemplo, que o céu é azul, que é o básico do básico, mesma coisa, o time que eu torço que é o Corinthians, eu sei que é preto e branco porque me falaram.

T: E como é que você imagina a cor, como é que você diferencia uma cor da outra?

G: Não, eu não consigo diferenciar, ou melhor, eu não tenho como diferenciar porque eu não tenho a noção exata das cores quando não é do sentido mais concreto ou quando falam para mim. Você torna bem complexo.

T: As cores não têm diferença.

G: Pouca diferença. Só se falarem para mim, na verdade, do que se trata, que daí eu tenho que memorizar como se estivesse decorando.

T: Tipo laranja, maçã.

G: Não, se falarem que determinada coisa tem determinada cor, eu tenho que memorizar isso que me falaram.

T: Aham.

G: Tem que confiar.

T: Para você não...

G: Tem que confiar nos que enxergam.

T: Certo. Quando você está imaginando, por exemplo, já foi para a praia?

G: Aham, sim, já.

Von der Weid (2014) aponta que pessoas cegas frequentemente aprimoram suas outras capacidades sensoriais, não apenas como um mecanismo de compensação, mas também como uma estratégia de navegação e compreensão do ambiente. Ela descreve essa habilidade aprimorada como uma sensibilidade geral dos seres humanos que, para os cegos, seria desenvolvida de forma mais aguçada. Os entrevistados por Von der Weid identificam uma variedade de sensações — como energia, clima, sensibilidade, feeling, química, intuição e atmosfera — que utilizam para perceber e comunicar nuances do ambiente e das interações sociais.

Essa exploração da "visão de mundo" através de outros sentidos desafia a noção predominante de que a visão é o sentido supremo para a compreensão da realidade. Pelo contrário, sugere que a percepção sensorial é um espectro amplo onde o tato, o olfato, a audição e até mesmo a intuição desempenham papéis cruciais na construção de um entendimento do mundo, especialmente para aqueles que não dependem da visão. Esta perspectiva amplia nossa compreensão sobre como as experiências sensoriais são interpretadas e valorizadas diferentemente entre indivíduos, particularmente em como pessoas com deficiência visual adaptam e reconfiguram suas percepções para navegar e interagir eficazmente com seu entorno. Nesse aspecto, ainda que as indagações sobre as cores ou diretamente relacionadas a paisagem tenham partido de uma posição de vidente (do pesquisador e da narrativa científica) – as respostas são uma espécie de tensionamento e, paulatinamente no decorrer dos exercícios vão delineado o fenômeno da paisagens dos deficientes visuais, isto é, a segurança, o reconhecimento dos padrões, a confiança nas narrativas dos videntes, a interação mediata por bengalas, etc., enfim formas de locomoção e localização – as quais aos videntes estariam associadas a localização

por imagens e símbolos. Contudo, esse trecho é também uma pausa, em outras palavras, o presente texto tenta de alguma forma seguir o movimento do campo, a aprendizagem com os usuários em alguns acontecimentos é repetitiva, outros são marcantes *etc.*, e, portanto, não cabem em uma imagem e/ou representação de síntese.

1.4.3 Participante C

Desde a primeira vez que mantive contato com o C, ocorreu uma mútua empatia. No primeiro dia que estive na instituição, enquanto recebia a apresentação do local e conhecia as salas e estruturas, perguntei à coordenadora que estava me mostrando o espaço se poderia conversar com alguém. Quase de imediato, ela mencionou o C e começou a me conduzir até ele. Até aquele momento, eu não tinha trocado uma palavra sequer com os usuários. Confesso que estava nervoso sobre como iniciar essa conversa: se me apresentava como pesquisador ou se simplesmente começava a falar e “puxava assunto”.

Pois bem, eu estava com minha caderneta em mãos, um pouco nervoso, mas tudo isso não era necessário. Desde o primeiro momento em que começamos a conversar, senti que estava falando com uma pessoa muito boa, animada e alegre. C dava palestras em escolas para crianças e adolescentes, e para pessoas que tinham se tornado deficientes visuais, abordando temas sobre a vida e como era viver a partir da deficiência visual.

Nessa primeira conversa que eu tive com C, me apresentei como um pesquisador. De fato, creio ter sido a primeira vez que me apresentei pessoalmente dessa forma, já havia dito por telefone para a instituição, porém, pessoalmente foi a primeira vez para C. Algo que anotei durante o nosso encontro.

Nos cumprimentamos me apresentei e ele se apresentou, então fui questionado sobre o que eu estava pesquisando já que eu me apresentei enquanto pesquisador. Respondi que pesquisava sobre o tema das paisagens. Essa resposta criou um certo debate posterior, junto ao grupo de pesquisa que frequento.

O cerne da discussão se deu quando relatei esse encontro e fui questionado sobre se era correto eu dizer o que eu estava pesquisando e imputar o conceito de paisagem sobre minha pesquisa, pois, me alertaram que eu poderia estar alterando ou enganando meus dados obtidos e mascarando o que eu queria encontrar com o

que eu estava pesquisando. Porém, discordo sobre esse raciocínio a parti do encontro com C.

Da mesma forma que Ingold (2000) discorda das múltiplas vertentes da paisagem e dá o exemplo de que quando ouvimos a chuva não estamos ouvindo a chuva por si só como se ela produzisse o som, estamos englobados ao fenômeno, a chuva está sob nós, estamos sob a chuva. Da mesma forma eu não estou alheio do fenômeno que me cerca. Se meu objetivo central dessa pesquisa é "o que é paisagem para o deficiente visual", então a paisagem está em foco, então, me baseava em sempre responder quando questionado que pesquisa sobre paisagens. Não dava detalhes sobre como eu estava pesquisando ou muito sobre os porquês (o "porque" não fui questionado). Apenas disse que estudava, nesse caso ao perguntarem mais sobre a explicação do conceito ou pedirem detalhes sobre meu intuito ali na instituição, eu repetia que apenas estava pesquisando paisagem, para não enviesar a fala de quem eu estava conversando. Porém, toda conversa tem um viés se formos pensar que a minha própria presença no local da instituição já é uma forma de romper com o pré-estabelecido, sendo um estranho ali. Um exemplo é: temos um estande de arco e flecha. As flechas são os dados obtidos com a pesquisa, o(s) alvo(s) o resultado obtido com a pesquisa. Muitas vezes durante a formulação da pesquisa, os pesquisadores esperam certos resultados, pois temos as hipóteses.

Entretanto, o ceticismo do pesquisador, a sua metodologia, os seus dados obtidos, ajudam a criar evidencias que podem basear ou reformular a hipótese principal esperada. Essa influência em querer tirar as respostas que queremos, são vieses de confirmação que não são necessariamente fatos, mas coincidências de uma aglutinação de informações. Seria como se atirássemos flechas¹⁶ em uma parede e posteriormente desenhássemos os alvos em volta das flechas. Moldando a pesquisa para o que é encontrando. Como sendo o pesquisador que induz sua pesquisa a um caminho de suas escolhas e resultados, tirando o caráter científico, de questionamentos e descobertas.

¹⁶ A falácia do franco-atirador é muito comum. Certas informações (sem um significado inicial) são interpretadas, inventadas ou manipuladas até que pareçam ter um significado ou até que cumpram nossa hipótese inicial. Ela também é conhecida como a falácia do atirador do Texas. O nome dessa falácia vem da seguinte história: um atirador disparou vários tiros aleatoriamente contra um celeiro. Depois, ele pintou um alvo em cada um deles para acabar se autoproclamando um franco-atirador (Logically Fallacious, 2022).

Entendendo os apontamentos gerados pela discussão sobre como me apresentei e falei sobre o que pesquisava, porém, naquele momento em que iniciava a minha conversa com C, eu queria me afastar um pouco de toda uma carga acadêmica que existe sobre a pós-graduação (Lacoste, 2017) que por várias vezes nos afasta da sociedade. Portanto, respondi que pesquisava paisagens, não a dos cegos, a dos videntes, sonoras virtuais, olfativas ou táteis, respondia apenas, paisagem.

T: Tudo bem, C? Como é que você está?

C: Estou bonito.

T: Está bonito?

C: Sim. (C sempre com um bom humor, nesse momento que ele disse que estava bonito, demos risada).

T: Beleza, C. E o que você faz da vida, C?

C: Sou paratleta do Goalball. Faço faculdade, né? Educação Física, no segundo ano e no quarto período e, passeio bastante.

T: Passeia bastante? Certo, mas me conte um pouco mais sobre você, sobre a tua trajetória de vida. Como é que você me descreveria?

C: Eu sou do estado de São Paulo, né? Araraquara.

T: Ah, você é de São Paulo? Eu não sabia disso.

C: Aí, sou cego desde 2005, 26 de abril de 2005. Sou prematuro, né? 6 meses e 15 dias, queimou a retina na incubadora e a esquerda deu cegueira total na hora e a direita eu perdi em 2005. Eu fiz cirurgia no Hospital Santa Cruz, em São Paulo, na capital, mas não voltou. Tenho retinose pigmentar, aí eu tenho catarata e tenho cicatriz no fundo do olho, né?

T: Aham. Certo, e se eu for perguntar para você, assim... Que local que é esse que você está, você consegue me dizer?

C: Da APADEVI?

T: É, que local que é esse que você está, assim da APADEVI?

C: Da calçada daqui de fora, assim, tudo assim? Tranquilo, isso daí, para mim, não tem problema, que nós saímos da APADEVI às esquerdas. Nós estamos próximos às esquinas que se virar à esquerda, também subir para subir na Vera etc. Essa parte eu tenho bastante conhecimento.

T: E como é que você se localiza, assim, ao certo?

C: Eu presto atenção muito no vento, o calor, tudo assim, conforme tá, né? Eu vim de lá para cá, tenho o som do cachorro, ficou a voz deles lá para trás, então... Eu presto atenção em tudo que tá ao redor.” (Nesse momento o C alterava o tom de voz para ficar mais condizente com o volume do som que ele queria passar para eu entender sobre o som estar mais longe).

T: Aham. E para você, C, o que que é a visão?

C: Visão? Eu já ouvi uma frase, que a visão, ela era a janela da alma, né? Mas hoje, pela vivência que eu tenho, eu considero que a mente é a janela da alma. Enquanto a mente estiver funcionando, você faz de tudo. Os olhos param de funcionar, você perde aquele encanto de olhar a pessoa nos olhos, de alguns detalhes assim que é fantástico de se ver, mas você não perde ainda a fragrância da vida, né? O olho, ele traz a fragrância pra vida. Ele te dá aquele perfume, ele te dá aquele brilho. Muitas coisas assim, tanto que... Como o famoso ditado, né? Quando eu joguei bola, algumas coisas que eu fiz... Por olhar, você já conhecia o que a pessoa ia fazer. (Nesse momento eu anotei em minha caderneta eu anotei “Meinig” e “documentário”).

Depois desse trecho da conversa nos despedimos e eu fui para minha casa pensando sobre como damos um peso grande para a visão em nossas vidas. Todos os momentos enquanto videntes, nossa vida é pautada pela visão, não sendo

possível dissociar essa relação visual que temos com o nosso redor. Para Meinig (2002), a construção da paisagem se dá na mente de quem observa, podendo, portanto, uma mesma cena ser interpretada de várias formas.

Essa conversa com C me fez refletir profundamente sobre a contradição/complementaridade da visão e cegueira. A visão, que nos referimos como janela da alma. Pode nos proporcionar detalhes, vivências e o encanto ao olhar, entretanto, o quanto desse olhar se faz totalmente real aos nossos sentidos. Essa fragrância, tal qual uma marcação proporcionada por um perfume que reside em nossas mentes ao lembrarmos de uma associação entre um cheiro e uma memória. A cegueira, portanto, passa por um processo de alteração da percepção do que compreendemos por visão, os olhos podem não ver o mundo, no entanto, essa mudança abre um novo horizonte de sensações e significados. A mente se torna a nova janela da alma.

1.4.4 Participante M

Seguimos com o participante M. M é um dos usuários da APADEVI que é engajado com pautas políticas e sempre está ajudando a dar voz a “causa” dos deficientes visuais no âmbito municipal. Ele ficou cego “recentemente”, como ele mesmo se descreve. Mantive uma relação muito amistosa e solicita com o mesmo, sendo fanático por futebol, sempre puxava assunto com ele sobre seu time e como estava o andamento no campeonato. Ele conversa por vários minutos sobre futebol, uma das coisas que ele já disse para mim que adora assistir, ouvindo por narrações em lives do Youtube.

A minha caminhada com o M pela instituição foi no mesmo dia do W, porém, cerca de 1h depois. Aproveitei uma brecha em seus horários e o convidei para andar um pouco e conversar. Eu já tinha avisado e explicado da minha pesquisa e perguntado se ele queria caminhar, ele tinha aceitado, porém, no dia ele aparentemente tinha esquecido. Quando o lembrei ele aceitou o convite e fomos caminhar.

Estávamos dentro da instituição quando fiz o convite. Aquele dia estava frio, então alguns usuários da instituição estavam na calçada de fora tomando sol, para conversarmos e saímos andando pensei em ir ao sol, o bom é que ele pensou o mesmo.

T: Será que dá para nós sair caminhando por aqui pela APADEVI ou talvez pela rua ali? Só pra nós caminhar?

M: Bora.

T: Vamos caminhar então, você que sabe pra onde a gente vai. Vamos dar uma caminhada então, e conversando aí. Vamos sair aqui pra rua.

M: Uma voltinha né...

M: Vamos no sol, né? O sol é...

T: Você que sabe, pra direita, pra esquerda, vamos seguir o sol.

M: Onde o sol tá...

T: Tá reto aqui, reto pra nós, tem um sol, porque agora tá uma sombra aqui da APADEVI. É do outro lado da rua, tem sol.

M: Vamos, vamos lá então.” (enquanto ele andava, ele ia com sua bengala, bateando o chão da rua. Ele estava na época dos exercícios - fazendo alguns exercícios de mobilidade que o ajudavam a se locomover melhor e ter mais autonomia).

Dornelles (2021) afirma que a maioria das pessoas cegas, ao começarem a andar na rua, necessitam de aulas de como utilizar a bengala, de postura corporal, de como agir em diferentes situações que afetam seu caminhar, entre outras habilidades. Essas aulas são conhecidas como orientação e mobilidade.

Segundo Dornelles (2021), a bengala, em uma metáfora perceptiva, pode ser entendida como uma extensão do braço e das mãos, amplificando o sentido do tato. As oscilações, interrupções e variações do caminho são transmitidas pela ponta e pelo cabo às mãos do cego, fazendo com que seu tato se estenda ao chão. Além disso, a bengala adquire habilidades "visuais" que são inacessíveis ao indivíduo que a utiliza – ela "vê" obstáculos e degraus. É necessário um treinamento físico que inclua técnicas específicas e o desenvolvimento de habilidades. Esse processo envolve não apenas o aprendizado técnico, mas também o desenvolvimento de uma relação de confiança entre o corpo e o dispositivo: descobrir, através da prática e experiência pessoal, que essa hibridização é útil. M estava iniciando suas aulas de mobilidade então, enquanto andávamos, ele me conduzia devagar enquanto atravessávamos a rua.

T: Sim, ainda assim são umas perguntas mais gerais, ainda não é uma pergunta bem específica, certo? Então, M, o que que você faz da vida, M?

M: Então, cara, eu fazia, eu, antes de acontecer a minha deficiência visual, eu tinha uma empresa na área de serviço terceirizado, né? Que era portaria, jardinagem, zeladoria, né? Parte de conservação em condomínio, em obra, e após eu ter ficado cego, né? Eu perdi minha visão, foi no ano de 2020, em março de 2020, logo no início da pandemia, eu tive retinopatia diabética e glaucoma neovascular ao mesmo tempo, né? A pressão do olho não baixava, não baixava, e foi comprimindo o nervo, né? Até que aconteceu a cegueira. Fiz implante, fiz cirurgias, fiz tratamento com colírio, com laser e injeção anti-BGF, e após isso aí, foi feita as cirurgias necessárias, mas não alcançou a resposta positiva que a gente esperava, então eu perdi a visão dos dois olhos ao mesmo tempo, né? Fiquei cego total, tenho 41 anos, e hoje eu frequento a instituição APADEVI. Hoje praticamente durante a parte da manhã até o fim da tarde, às 17 h, eu frequento a instituição, né, fazendo atividades físicas, participo do esporte, faço o GoalBall, que é um esporte adaptado para

deficiente visual, que são seis jogadores, três em cada lado, um gol, né, de 9 metros, a quadra, se eu não estiver enganado, ela é 18 metros, de comprimento e 9 de largura, então é um jogo com 12 minutos cada tempo, quando acontecer de um time fazer dez gols a mais com o outro, acaba o jogo, encerra o jogo, é game, né, e participo do atletismo também nas modalidades de lançamento de dardo e lançamento de disco, e aqui na APADEVI eu faço aula de música, toco violão, to aprendendo, né, faço a academia, a educação física, também participo do Centro Dia, que é a parte do artesanato, esteirinha e bijuteria, colar e corrente, e participo também do grupo com o psicólogo, q tem na sexta-feira, e também o bailinho da sexta-feira que a gente tem, né, na sexta-feira depois ao café da tarde, então hoje eu passo durante o dia aqui na APADEVI também pelo lado da minha esposa, que ela trabalha aqui também, também foi uma, mais uma coisa que a gente, graças a Deus deu certo de ela vir trabalhar e tem essa vontade de ajudar, né, sempre teve. Ela entrou aqui como voluntária, aí abriu uma vaga para ela, ela era, é, aí como é que a gente fala, ela era, ela cuidava da van, né, ela era junto com o motorista, no caso ela era uma educadora, mas dentro da van, né, uma responsável para colocar o cinto no pessoal, ver se não tava, é, fora do lugar, de pé na van, que a van buscava o pessoal de Carambeí. E daí após o encerramento do contrato ela desceu para a lanchonete, né, que a APADEVI tem uma lanchonete, e ela ficou ali até fevereiro desse ano, ela entrou em junho do ano passado. Ficou até novembro, aí novembro ela desceu para a rodoviária e agora em fevereiro ela retornou pra APADEVI como educadora social, fazendo as 44h semanais, né, então ela trabalha de segunda, sexta, das oito às 17h, né. Então, para mim também ficou muito bom, porque além dela já está convivendo comigo 24h, né, dentro de casa, com deficiente visual, pra ela a experiência de tá comigo pra ela ajuda bastante, agrega bastante aqui na APADEVI, né.

Então, hoje eu sou assim, eu frequento a APADEVI, fiquei logo que eu fiquei cego, eu fiquei um ano em casa praticamente sem fazer nada de diferente, né, só ia na casa da minha avó, na casa da minha mãe, na casa dos meus primos, mas era mais restrito, né, não era assim muito como hoje, né. Porque daí eu aprendi a fazer a mobilidade um pouco aqui na APADEVI, agora retornei a fazer de novo, né, pra mim poder ser um pouquinho mais independente de poder pegar um ônibus, de eu poder sair sozinho, né, pra gente ter essa autonomia da gente, né, pra gente poder ter uma mais tranquilidade e voltar um pouco mais a viver como a gente vivia antes, né. Então, assim, isso é importante, né, aqui dentro da APADEVI as pessoas recebem a gente, receberam a gente muito bem, né, a gente aprende muita história com as pessoas mais de vida, né, do que a gente, os idosos, né, então aqui é um lugar importante pra quem perde a visão pra passar pela aquela, pela depressão, né, pra não entrar em depressão, porque aqui dentro a gente aprende a conviver, a conhecer a história porque às vezes você pensa que a tua vida é complicada, mas você escuta a história do próximo e às vezes do próximo é bem pior do que a tua, né. Então, aqui é interessante e ajuda, né, a gente se autoconhecer e ver do que a gente é capaz né. Porque você só vai saber do que você é capaz quando vai precisar de verdade né, foi o caso que aconteceu comigo, a gente passou pela transformação, aprendeu a viver de novo né, porque como a gente tá acostumado de um jeito e de repente acontece o outro, né a passagem da cegueira de você começar a caminhar, ter a segurança pra caminhar com a bengala, aprender como que você anda com a bengala, então na verdade é como se fosse um nenê que nasce, que ele não sabe andar, não sabe caminhar, não sabe correr e com o tempo vai passando ele vai aprendendo, né, e assim a gente vai se adaptando a nova realidade, né.

Enquanto ele falava, eu anotava as principais informações que ele estava me passando, enquanto meu celular funcionava como gravador. É interessante perceber como a instituição participa ativamente da vida dos usuários, oferecendo não apenas

suporte técnico, mas também emocional e social. A APADEVI se envolve diretamente no desenvolvimento das habilidades de mobilidade dos seus participantes, fornecendo treinamentos específicos e acompanhamento constante. Anotei também que, ao contrário da caminhada anterior, que havia sido bem curta e rápida, nesta, a conversa fluía melhor e o participante estava aparentemente mais à vontade.

M: Então hoje a gente pratica o esporte, frequenta pra deve, em casa também no sinal de semana a gente sempre faz alguma coisinha com os amigos primos, né, um churrasquinho ali, uma coisinha pra dar uma melhorinha um pouco, né, porque a gente já não é tão fácil a vida da gente, então a gente tem que ter esse momento de lazer também.

T: Sim, é importante, e M, você consegue se localizar bem assim se perguntar que local que a gente tá bem ao certo, você consegue me dizer?

M: É, hoje a gente tá fazendo, né, que eu falei a respeito da orientação e mobilidade, né, com a questão da bengala, que tem um professor de educação física que ele trabalha nessa área, né, e a gente tá fazendo aula pra gente se localizar bem, se orientar bem, tem muitos lugares assim porque como eu andei bastante, eu conheci bastante a cidade aqui né, porque eu nasci, me criei aqui, então muitos lugares agora assim eu lembro bem, mas assim tem lugar que hoje por ter vilas novas aqui na cidade assim alteração de rua, né, que ia pra, antes era subir, agora só desce, às vezes era duas mãos, agora só uma, acionamento hoje não tem muitos lugares já não tem, mas assim, consigo me localizar razoavelmente bem, né, hoje também pelas aulas que a gente vai...

A fala sobre a importância da repetição na aprendizagem e reabilitação de crianças cegas destaca um aspecto crucial da percepção tátil e do desenvolvimento de habilidades sensoriais. A prática de ver um objeto pelo tato, como apontado por M é intrinsecamente ligada ao tempo e à ação. A estrutura temporal de uma prática é constitutiva de seu sentido, assim como o tempo na música, onde qualquer alteração na estrutura temporal pode causar uma desestruturação irreduzível. (Von Der Weid, 2014).

Na reabilitação de crianças cegas, a repetição de ações, como percorrer o mesmo caminho várias vezes ou refazer as mesmas atividades, não apenas ajuda a fixar o conhecimento, mas transforma esse conhecimento em algo incorporado. Esse processo é comparável ao papel da imitação no desenvolvimento de crianças que enxergam (Von Der Weid, 2014). No entanto, repetir ou imitar nunca é um ato de mera cópia; há sempre um caráter inventivo envolvido, na qual cada repetição traz uma nova dimensão de aprendizado e experiência.

Essa abordagem destaca a importância de entender que as práticas perceptivas, sejam táteis ou visuais, envolvem temporalidades diferentes. A repetição permite que a pessoa cega desenvolva uma familiaridade e um conhecimento profundo do ambiente ou objeto, através de um processo que respeita e trabalha com

a estrutura temporal única dessas práticas (Von Der Weid, 2014). Essa perspectiva sublinha a necessidade de adaptar métodos educativos e de reabilitação às particularidades sensoriais e temporais de cada indivíduo, promovendo um aprendizado mais efetivo e significativo. Seguindo essa lógica mencionada por M, de mobilidade Von Der Weid (2014) diz a respeito:

Uma das recomendações que auxiliam o atendimento é a realização de atividades físicas. A atividade física melhora a coordenação motora, a coordenação global, o equilíbrio, a flexibilidade... Quem desenvolveu essa consciência possivelmente terá mais facilidade na adaptação do que alguém mais sedentário, porque já tem uma atenção à propriocepção, aos movimentos e ao equilíbrio do corpo, o que contará a seu favor (Von Der Weid, 2014, p.239).

T: E que lugar é que a gente tá aqui?

M: Aqui nós estamos em Olarias, né, no fundo do Colégio José Elias da Rocha, né, na APADEVI, aqui é a Rua Pernambuco, sem número, mas a gente conhece aqui como, o número se não me engano é 344 se não estiver enganado, que é a referência que o pessoal coloca.

T: Aham.

M: Mas aqui é a Olarias, Rua Pernambuco, sem número, aos fundos do Colégio José Elias da Rocha.

T: Certo. E M pra você, né, você falou que contou que perdeu a visão, né, o que que é a visão pra você?

M: O que é a visão? A visão pra gente ela se torna um órgão muito essencial na vida das pessoas, porque a pessoa que nasce cego, nasce sem enxergar ela tem uma capacidade maior de não sofrer como quem tem a visão e perde porque é um novo sentido que você, é uma nova vida que você tá aprendendo, porque a pessoa que nasce ela não tem a noção de como é, ela imagina ela trabalha muito com a imaginação, assim como a gente hoje ela também usa bastante a imaginação então eu acho, penso comigo, que a visão se torna 95% do essencial pra gente viver porque tudo passa pela visão, porque você perder um membro um braço, uma mão, um pé, é um trauma, é difícil não é fácil, mas você consegue se locomover tranquilo você consegue andar sozinho, você consegue fazer, você ter uma vida totalmente normal, não que a gente que perdeu a visão não tenha, mais, a gente tem que viver um dia cada de cada vez, a gente tem que matar um leão todo dia, a gente tá matando um leão.

A visão é frequentemente considerada um dos sentidos mais essenciais na vida das pessoas, desempenhando um papel central na forma como interagimos com o mundo ao nosso redor. Durante essa conversa M destaca uma importante distinção entre aqueles que nascem cegos e aqueles que perdem a visão mais tarde na vida, segundo a sua percepção a partir da posição de quem perdeu a visão. Para aqueles que nascem cegos, a falta de visão é algo com o qual eles se adaptam desde o início. Eles desenvolvem outras habilidades sensoriais e cognitivas para navegar no mundo, utilizando a imaginação e outros sentidos para entender e interagir com o ambiente. Isso cria uma forma de percepção única e rica.

Por outro lado, a perda da visão para alguém que já experimentou o mundo visualmente pode ser um trauma significativo. Essa perda representa não apenas a privação de um sentido, mas também a necessidade de reestruturar a vida e aprender novas formas de interação com o mundo.

A comparação com a perda de um membro físico ilustra bem essa diferença; enquanto perder um membro pode ser traumático, muitas vezes a capacidade de se locomover e realizar atividades de forma independente permanece. Já a perda da visão exige uma adaptação mais profunda e contínua, impactando quase todos os aspectos da vida diária.

A expressão utilizada por M, "matar um leão por dia", ressalta a resiliência necessária para enfrentar os desafios diários após a perda da visão. Isso simboliza a luta constante e a determinação para superar as dificuldades que surgem a cada dia. Esse processo de adaptação é um testemunho da força e da capacidade humana de encontrar novas formas de viver plenamente, apesar das adversidades. A visão, portanto, é mais do que um sentido; é uma parte integral da maneira como muitos de nós experimentamos e compreendemos o mundo.

No entanto, a adaptação e a resiliência das pessoas cegas mostram que, embora a visão seja importante, a vida pode ser rica e plena através de outros sentidos e formas de percepção. Essa capacidade de adaptação e a força interior que ela exige, lembrando-nos de que a essência da experiência humana vai muito além do que simplesmente enxergamos.

M: Porque a situação ela é delicada é um trauma muito, muito forte, porque você vê toda aquela cor, vê todo aquele movimento, todas aquelas imagens e de repente você não vê mais, viver só com a imaginação da pessoa, como que é a pessoa se veste se ela é bonita, se ele é bonito, que carro que é esse, que cor que é a casa, que cor que é a roupa que eu tô vestindo, o que que eu tô pegando então assim, faz muita falta a visão, eu acho que é um dos órgãos mais importantes com exceção, coração, cérebro, os órgãos internos mas os olhos é muito fundamental, porque tudo o que você precisa enxergar pra você fazer, pra você fazer teu prato você tem que enxergar, pra você escolher uma roupa você tem que enxergar então assim, o deficiente visual que ele tem em apoio da família, da esposa, da filha, de filho, de um pai, ajuda muito, mas aqueles que não têm sofrem bastante, então assim, a depressão deles é muito forte é uma coisa assim que aqui dentro da APADEVI mesmo a gente vê as pessoas sorrindo por fora, mas por dentro não é o que parece. Porque eu convivo com isso todo dia eu falo para as pessoas assim, que as vezes a gente tá rodeado de pessoas tá cheio de pessoas, mas você tá sozinho, porque você não tem a visão você não sabe quantas pessoas, o que que elas tão fazendo, você fica só imaginando então assim, a visão eu acho que é muito importante muito fundamental na vida da gente.

A fala de M expressa de maneira vívida o impacto profundo e traumático da perda da visão para alguém que já experimentou o mundo visualmente. M menciona

como a visão é essencial para tantas atividades cotidianas, desde escolher roupas até preparar uma refeição, sublinhando sua importância na vida diária. Ele destaca a dependência de familiares e amigos para suporte emocional e prático como um fator crucial para a adaptação. Aqueles que carecem desse apoio enfrentam desafios ainda maiores, muitas vezes resultando em sentimentos intensos de solidão e depressão.

Quando M diz que "a gente vê as pessoas sorrindo por fora, mas por dentro não é o que parece", ele captura a luta interna que muitos enfrentam, apesar das aparências externas. M está em um processo de se reabilitar no mundo, sobre isso, segundo Von der Weid (2014) a medida das coisas deixa de ser a mesma medida visual de antes; o mundo não se parece mais com o que era. No entanto, esse novo mundo, inicialmente caótico e assustador, pode ser percebido, controlado, manipulado e organizado por meio de indícios significativos – táteis, sonoros, de temperatura, de movimento, entre outros. Trata-se de aprender a ler esses sinais – aprender a notá-los, senti-los e escutá-los. É necessário aprender a utilizar uma nova realidade corporal, a que não enxerga, para perceber diferentes proporções das coisas e saber como aplicá-las. Isso envolve a incorporação de novos modos e habilidades no desempenho de tarefas conhecidas, como colocar água em um copo, preparar comida, limpar o armário e andar na rua com o mínimo de ajuda possível.

1.5 CONSIDERAÇÕES SOBRE OS EXERCÍCIOS DE CAMINHADAS INTERNOS NA APADEVI

Essas primeiras caminhadas que realizamos com os participantes foram caminhadas curtas, sem exigir muito fisicamente deles, visto que a maioria (3/4) são atletas. Caminhamos algumas centenas de metros pelas instalações da instituição, conversando. Eu, enquanto pesquisador, pude me familiarizar com o método de caminhada, e os participantes puderam criar um vínculo comigo. Quando pensamos nesse primeiro exercício, eu tinha algumas perguntas preestabelecidas para fazer a eles, não como se fosse um questionário, mas mais parecido com a estrutura de uma conversa que eu queria seguir, uma linha para tentar alcançar as mesmas questões.

Esses exercícios foram fundamentais para, de início, conseguirmos entender melhor as dinâmicas de caminhadas com participantes cegos ou com baixa visão.

Isso nos preparou melhor para o último exercício com os usuários, que descreverei no próximo capítulo.

1.6 O CORPO: UMA (NÃO) CONCLUSÃO DO CAPÍTULO

Porém, foi a partir desses exercícios que se dimensionou no trabalho que para além dos sentidos, o corpo constitui uma dimensão essencial para entender a vida, os deslocamentos, a geografia dos deficientes visuais. Nesse ínterim, os conceitos de paisagem e corpo são intrinsecamente relacionados, especialmente quando consideramos o que é paisagem para uma pessoa com deficiência visual. Embora a paisagem não possa ser vista, essas pessoas estão imersas nela e participam ativamente de sua construção e experiência. Adoto o conceito de corpo-paisagem de Macpherson (2010) para explorar essa interação e ainda ressalta:

Este é um objetivo ousado, até paradoxal, dado que a teoria não-representacional (NRT) desencoraja abordagens prescritivas para a pesquisa e incentiva a conceitualização dependente do contexto! No entanto, esta revisão pode ser útil para aqueles pesquisadores que são novos ao termo 'não-representacional' (Macpherson, 2010 p.01).

A paisagem se manifesta por meio da percepção corporal, e o corpo tanto ressignifica quanto é ressignificado pela paisagem. Portanto, para uma compreensão profunda dessa relação, é necessário dismantelar o binarismo entre mente e corpo. Neste estudo, parto do princípio de que o corpo aprende a ser afetado, entendendo como se torna sensível e interage com o mundo ao seu redor.

Ao relacionar a discussão de corpo no artigo de Macpherson (2010) com os meus exercícios de caminhada na APADEVI, é possível observar como os conceitos discutidos que se manifestam na prática.

Macpherson (2010) argumenta que o corpo não é apenas "carne e ossos", um ator autônomo ou o resultado de significação. Em vez disso, o corpo é compreendido como uma reserva de impulsos biológicos e hábitos cultural-neurológicos que emergem através de suas interações com o mundo. Isso se aplica diretamente aos exercícios de caminhada realizados na APADEVI, onde a interação contínua dos corpos dos participantes com o ambiente e com outros indivíduos molda e redefine suas experiências e percepções. A prática de caminhar em diferentes paisagens, sejam elas urbanas ou naturais, permite que esses corpos se adaptem, respondam e sejam transformados por essas interações.

Além disso, Macpherson (2010) enfatiza que "pesquisas que se concentram especificamente nas experiências de cegueira e deficiência visual também têm uma tradição de se envolver com compreensões de corporificação como um processo em vez de como um dado". Isso é evidente nos exercícios de caminhada na APADEVI, em que os participantes com deficiência visual desenvolvem novas formas de perceber e interagir com a paisagem através do toque, som e outros sentidos, demonstrando que a corporificação é um processo dinâmico e contínuo.

Outro aspecto da paisagem (e para) dos deficientes visuais evidentes no exercício é o rompimento com as dualidades corpo-paisagem, sujeito e objeto, entre outras antinomias. Ainda que o trabalho de Sassi, Nabozny e Chagas (2021) estejam ancorado em outra base teórica (Merleau-Ponty) os exercícios nas APADEVI apontam também para um fenômeno encarnado.

Essa visão de corporificação se alinha fortemente com as ideias de Ingold (2000), na qual sugere que a paisagem e a percepção são continuamente moldadas pelo movimento e pela interação prática com o ambiente. Ele argumenta que o movimento através do espaço não é apenas uma forma de deslocamento, mas uma forma de engajamento que co-constitui o indivíduo e o ambiente. Nos exercícios de caminhada na APADEVI, a maneira como os participantes deficientes visuais interagem com a paisagem exemplifica esse conceito, mostrando que o corpo e a paisagem estão em um estado constante de cocriação e adaptação. Segundo Ingold, (2000) a caminhada não é apenas um meio de locomoção, mas uma prática que configura o modo como o corpo percebe e se integra ao ambiente, ressaltando a interação dinâmica entre movimento e paisagem. Uma forma de conhecer e portanto, um conhecimento de mundo corporificado.

Macpherson (2010) também aponta que as ciências biomédicas e a neurociência tendem a estar comprometidas com um individualismo metodológico que corre o risco de nos retornar a uma concepção deflacionada do corpo como uma entidade biológica delimitada. No entanto, o fato de que a consciência não é instantânea tem implicações muito significativas para a explicação do comportamento humano na ciência geográfica. Por exemplo, no caso da paisagem, o atraso de meio segundo entre estímulo e resposta significa que não estamos simplesmente confinados a um conjunto culturalmente construído de respostas reflexivas e arraigadas à paisagem, em vez disso, nossa experiência corporificada individual da paisagem abriga a possibilidade de mudança de uma resposta diferente. Esse

entendimento ressalta a importância de considerar a resposta não imediata e adaptativa dos corpos às paisagens durante os exercícios de caminhada, reconhecendo a capacidade dos participantes de se adaptar e reinterpretar suas experiências conforme se movem pelo espaço.

Ingold (2000) também destaca a importância da prática no entendimento da paisagem. Ele argumenta que a paisagem é constituída pelas atividades e práticas dos indivíduos que a habitam e atravessam. A caminhada, como uma prática incorporada, é fundamental para entender como os deficientes visuais na APADEVI experimentam e dão sentido à paisagem. Através da caminhada, os participantes não apenas se deslocam fisicamente pelo espaço, mas também constroem uma compreensão sensorial e corporal da paisagem, demonstrando a co-constituição contínua do corpo e do ambiente.

Finalmente, Macpherson (2010) descreve que a paisagem é uma ideia e um espaço material que também exigiu uma reconsideração à luz das teorias não representacionais. Em “representações” não-representacionais do conceito, a paisagem, como o corpo, passa a ser entendida como um 'processo' variavelmente constituído. Nos exercícios de caminhada na APADEVI, a paisagem não é apenas um pano de fundo estático, mas um elemento ativo que interage com os participantes, contribuindo para o processo contínuo de corporificação e moldando suas experiências de maneira significativa.

A relação intrínseca entre corpo e paisagem destacada por Macpherson é complementada pela visão de Ingold (2000), que enfatiza a co-constituição do corpo e do ambiente através do movimento. Essa perspectiva interdisciplinar mostra que o corpo e a paisagem estão em um estado constante de co-criação e adaptação. A prática de caminhar com deficientes visuais na APADEVI exemplifica como essas teorias podem ser aplicadas na prática, demonstrando a riqueza das interações corporificadas e a fluidez das fronteiras entre corpo, paisagem e a percepção.

CAPÍTULO 2 - EXERCÍCIO ETNOGRÁFICO

Neste capítulo, aprofundamos a metodologia empregada para compreender a percepção da paisagem por pessoas com deficiência visual, especificamente os usuários da APADEVI. O objetivo é desvendar como esses indivíduos constroem e vivenciam a paisagem a partir de suas experiências corporais e sensoriais, desafiando as concepções tradicionais que privilegiam a visão como sentido predominante na interação com o ambiente.

Iniciaremos com uma discussão sobre a metodologia de caminhada, fundamentada nas teorias não representacionais e na etnogeografia. Exploraremos como essa abordagem permite acessar as práticas cotidianas e as experiências subjetivas dos participantes, valorizando as nuances das percepções sensoriais que muitas vezes são negligenciadas em pesquisas geográficas convencionais. Como destaca Tim Ingold (2000), a compreensão da paisagem deve ir além da representação visual, incorporando as práticas e movimentos que a constituem: "A paisagem não é apenas o que vemos, mas o que vivemos, um mundo que habitamos e pelo qual nos movemos".

Em seguida, aprofundaremos a reflexão sobre o corpo, adotando o conceito de corpo-paisagem proposto por Macpherson (2010). Analisaremos como o corpo, longe de ser um mero receptor passivo, atua como agente ativo na construção da paisagem, sendo simultaneamente influenciado e influenciador do ambiente. Abordaremos a importância de dismantelar o binarismo entre a mente e o corpo (Sassi; Nabozny; Chagas, 2021), reconhecendo a corporificação como um processo dinâmico e contínuo, especialmente relevante nas experiências de pessoas com deficiência visual.

Posteriormente, apresentaremos uma descrição detalhada do exercício etnográfico realizado. Explanaremos os procedimentos adotados, desde a seleção dos participantes até a escolha das rotas percorridas durante as caminhadas. Destacaremos o perfil dos colaboradores, as especificidades das rotas (familiar e não familiar) e as estratégias utilizadas para registrar as observações e interações. Nesta seção, enfatizaremos como o cenário em que as interações ocorreram desempenha um papel fundamental na interpretação dos resultados e no entendimento das dinâmicas observadas durante a pesquisa.

Além disso, discutiremos a relação entre a etnogeografia e este estudo, elucidando como essa abordagem teórica fundamenta e orienta nossa investigação. A etnogeografia, ao integrar métodos etnográficos à análise geográfica, permite explorar as práticas espaciais e as experiências subjetivas dos indivíduos, oferecendo uma compreensão mais profunda e contextualizada da relação entre corpo e paisagem. Conforme afirma Cloke, Crang e Goodwin (2004), a etnogeografia possibilita captar as sutilezas das interações humanas com o espaço, valorizando as narrativas e vivências dos sujeitos em seus contextos específicos.

Ao longo do capítulo, integraremos as discussões teóricas com as observações empíricas, demonstrando como os conceitos apresentados se manifestam na prática e contribuem para responder à pergunta central desta dissertação: o que é paisagem para os deficientes visuais da APADEVI-PG? Analisaremos como os participantes percebem e constroem a paisagem através de outros sentidos, como tato, audição e olfato, e como essas percepções estão intrinsecamente ligadas às suas práticas corporais e aos movimentos espaciais.

Por fim, refletiremos sobre as implicações dos achados para a compreensão da paisagem na perspectiva de pessoas com deficiência visual. Destacaremos a importância de considerar as especificidades corporais e sensoriais em estudos geográficos, reconhecendo a diversidade de experiências e práticas que constroem a paisagem. Essa análise permitirá não apenas aprofundar a compreensão das percepções desses indivíduos, mas também contribuir para debates mais amplos sobre inclusão, acessibilidade e a construção de espaços urbanos mais sensíveis às necessidades de todos os cidadãos.

2.1 METODOLOGIAS DE CAMINHADA

Para compreender a percepção da paisagem por pessoas com deficiência visual, utilizamos o "método de caminhada". A base teórica dessa metodologia está fundamentada nos estudos não representacionais (Macpherson, 2007, 2010, 2016b; Anderson, Harrison, 2010; Paiva, 2017, 2018; Lorimer, 2005).

Macpherson (2007) destaca que a prática incorporada de caminhar abre espaços particulares, delineando os "espaços da paisagem" criados pelo corpo em movimento e os "espaços do corpo" revelados pela caminhada. Ela argumenta que os motivos para caminhar não se limitam à apreciação visual da paisagem, mas incluem

uma mistura de estímulos corporais, emocionais, culturais e mentais, alimentados por elementos como endorfinas e sentimentos coletivos.

Três aspectos-chave devem ser considerados na análise da prática de caminhada: primeiro, o potencial do caminhante para subverter práticas e discursos "convencionais"; segundo o corpo do caminhante como local de disposições culturais inconscientes que transcendem dualismos como estrutura e agência; e terceiro, a experiência do caminhante emergindo de ambientes passados através de ações habituais e interconexões (Macpherson, 2007). Neste trabalho, focamos na prática da caminhada como uma metodologia para responder à pergunta central desta dissertação, explorando a intersecção entre o caminhar e as paisagens.

A prática de caminhada estabelece uma relação dinâmica entre o guia que conduz e os caminhantes. Eles coexistem em meio a uma variedade de racionalidades políticas e pessoais, motivações e experiências que se entrelaçam, gerando "circuitos de valor afetivo positivo". Macpherson (2007) observa que pesquisas realizadas em terreno plano são mais propícias para que os caminhantes se concentrem em conversar, uma vez que não precisam prestar tanta atenção ao terreno.

No entanto, quando se trata de caminhantes cegos, eles estão constantemente focados em rastrear o ambiente com a bengala. À medida que encontram dificuldades, sua concentração é direcionada para navegar em terrenos mais desafiadores, em vez de se envolver em discussões. Essa concentração constante em detectar e evitar obstáculos pode ser exaustiva, afetando não apenas a fluidez da caminhada, mas também a capacidade de interação social e a apreciação do ambiente. Portanto, criar um ambiente de caminhada acessível e sem obstáculos é crucial para permitir que esses caminhantes tenham uma experiência mais segura e prazerosa, possibilitando que se concentrem mais nas interações e menos nas dificuldades do terreno.

De acordo com Macpherson (2010), embora caminhar possa facilitar uma "conversa ocorrendo naturalmente", não podemos presumir que os participantes serão capazes de caminhar da mesma maneira e na mesma velocidade, nem que surgirá algo semelhante a uma conversa espontânea durante a caminhada. O nível de aptidão, bem-estar e capacidade de desfrutar de caminhadas de uma pessoa é contingente à sua corporeidade. Para aqueles com deficiência desde o nascimento, por doença, velhice ou guerra, caminhar não pode ser considerado como algo aprioristicamente garantido e satisfatório. Portanto, é importante que qualquer

metodologia de caminhada leve em consideração as capacidades corporais específicas das pessoas envolvidas.

O método de caminhada também direciona determinadas conversas, dependendo da rota e de como corpos específicos (idosos, com deficiência e/ou de diferentes gêneros) experimentam essa paisagem de maneiras distintas. Como Macpherson (2016b, p. 04) afirma:

Em contextos urbanos e rurais, a rota e a distância percorrida durante qualquer pesquisa utilizando métodos de caminhada são considerações importantes ao adotar uma metodologia de caminhada. O esforço e a concentração necessários para percorrer o terreno afetarão as respostas e experiências dos participantes (Macpherson, 2016b, p. 04).

Quando consideramos a paisagem como uma interação e compreendemos a caminhada como uma abordagem metodológica, os significados não estão intrinsecamente conectados à paisagem como um texto, mas são integrados à prática de caminhar. Macpherson (2016b) destaca que não existe uma percepção exclusivamente relacional da paisagem, pois o corpo é influenciado por construções sociais que limitam uma compreensão puramente relacional.

Observou-se que a falta de conhecimento prévio do trajeto inicialmente gerou incerteza e maior dependência da orientação externa, contrastando com a confiança demonstrada nos percursos conhecidos. Essas duas abordagens complementares proporcionaram uma compreensão mais abrangente das dinâmicas de navegação e segurança dos deficientes visuais, destacando a importância da familiaridade com o ambiente e das adaptações necessárias quando confrontados com novas rotas.

2.2 EXERCÍCIO ALÉM DOS MUROS

É pertinente explicar as escolhas e o formato deste exercício, que constitui a parte principal desta pesquisa, conforme mencionado no Capítulo 1 durante os exercícios realizados na APADEVI. Diferentemente do primeiro exercício, neste participaram apenas três indivíduos, sendo eles, os mesmo que participaram do exercício inicial na instituição, identificados por suas iniciais para manter o anonimato: C, G e M.

As falas dos participantes, das pessoas externas, as minhas e meus comentários estão organizados conforme os conceitos que representam. Isso significa que, para discutir um conceito ou tópico específico, posso utilizar falas de diferentes

interlocutores, sem seguir a ordem cronológica em que ocorreram. As transcrições completas das caminhadas estão nos apêndices A e B.

A relação entre "conhecer o caminho" e "sentir-se seguro" pode ser compreendida a partir de Macpherson (2007), que explica que a maioria das pessoas cegas tende a percorrer caminhos conhecidos devido à segurança proporcionada pela familiaridade com as barreiras e pontos de referência do trajeto, reforçando mais uma vez a importância do cotidiano e da rotina. Isso fundamentou a escolha do primeiro exercício, que consistiu em uma caminhada pela própria APADEVI e seus arredores. O objetivo era observar como os participantes interagiam com um ambiente familiar, analisando sua confiança e autonomia ao navegar por um trajeto bem conhecido.

Posteriormente, realizamos um segundo exercício de caminhada em um trajeto que não foi previamente informado aos participantes. Essa mudança tinha como finalidade entender as reações dos participantes durante o deslocamento em um local desconhecido. Esse exercício visava captar como as diferentes paisagens que compõem o ambiente da pessoa com deficiência visual constroem o conceito de paisagem para elas.

As caminhadas foram registradas com um microfone conectado a um celular com programa de gravação. Acompanhei os participantes para captar experiências e práticas quando ocorriam, seguindo a sugestão de Macpherson (2007). Cada caminhada foi realizada individualmente, e é importante mencionar que já conhecia essas pessoas, tendo um relacionamento de confiabilidade com elas. Essa proximidade, pode contribuir para que as perguntas e intervenções sejam mais apropriadas.

Expliquei a cada participante os objetivos da pesquisa e o método que seria utilizado. Informei sobre a gravação das caminhadas e a posterior transcrição para uso no meu trabalho, garantindo o anonimato dos participantes para evitar constrangimentos ou uso indevido das informações. Além das gravações, fiz anotações de campo antes e depois de cada percurso.

A análise foi realizada da seguinte forma: ouvi os áudios e transcrevi as conversas de cada caminhada, integrando minhas observações anotadas antes, durante e depois.

Ao relacionar a prática do exercício com o referencial teórico de Macpherson (2007), estabeleço uma conexão sólida entre a teoria e a metodologia, fundamentando

as escolhas feitas. Isso também reforça a relevância de investigar como o cotidiano e a rotina impactam a mobilidade e a construção de paisagens para os participantes.

No segmento seguinte do capítulo, apresentarei as análises das caminhadas, explorando as percepções dos participantes e como elas contribuem para o entendimento dos conceitos centrais da pesquisa. Essa integração entre metodologia e análise garantirá uma narrativa coesa e aprofundada, alinhada aos objetivos propostos no início do trabalho.

2.2.1 Desvendando o caminho

Como mencionado anteriormente, o exercício contou com três participantes e, juntamente conosco, estava uma assistente social da instituição que acompanhou todo o processo. O dia estava ensolarado e tranquilo pela manhã, criando um ambiente propício para atividades ao ar livre. Combinamos de nos encontrar às 8h na APADEVI para iniciarmos a atividade.

Antes de partirmos, expliquei detalhadamente à assistente social o local de destino e como seria o trajeto, assegurando que todas as medidas de segurança estivessem claras. Aos participantes, que eram o foco principal do exercício, mencionei apenas que iríamos caminhar e conversar em um lugar, sem revelar o destino específico. Essa escolha metodológica foi deliberada, buscando compreender se a ausência de uma concepção da paisagem influenciaria as percepções sensoriais dos participantes. De acordo com Macpherson (2009), a experiência espacial de pessoas cegas é construída por meio de interações multissensoriais com o ambiente, onde o movimento e a exploração tátil desempenham papéis fundamentais. Ao não fornecer informações prévias sobre o local, pretendíamos permitir que os participantes criassem suas próprias narrativas e conexões com o espaço, alinhando-se à perspectiva de Ingold (2000) sobre a importância do percurso e da experiência direta na compreensão do ambiente.

O local escolhido foi o Parque Monteiro Lobato, um parque arborizado com boa infraestrutura, que oferece segurança no deslocamento e proteção contra o sol—aspectos essenciais para o bem-estar dos participantes. O ambiente natural do parque proporciona uma riqueza de estímulos sensoriais, como sons da natureza, texturas variadas do solo e aromas característicos da vegetação, que poderiam enriquecer a experiência dos participantes. Conforme destacado por Macpherson (2010), a

interação sensorial com o ambiente é crucial para a construção de significados e para a percepção espacial em pessoas com deficiência visual. Orientamos os participantes a levarem água e a aplicarem protetor solar, considerando as condições climáticas do dia. Também levei água adicional para o grupo, garantindo que todos estivessem confortáveis durante a atividade. Essa preparação cuidadosa reflete a preocupação com o bem-estar dos participantes e a criação de um ambiente propício para a exploração sensorial e a interação social.

Às 8h, reunimo-nos em frente à APADEVI para iniciarmos o exercício. Os participantes demonstravam entusiasmo e curiosidade sobre a atividade. Informei que entraríamos no carro, avisei que ligaria o gravador e que também realizaríamos algumas filmagens. O registro audiovisual seria utilizado para análise posterior, permitindo uma compreensão mais profunda das interações e percepções dos participantes, em consonância com metodologias etnográficas propostas por Ingold (2011), que enfatizam a importância de documentar experiências vividas para compreender a relação entre indivíduos e ambientes.

Saímos da APADEVI, localizada na Rua Pernambuco, 344, no bairro Olarias. Iniciamos o trajeto seguindo pela Rua Pernambuco em direção à Avenida Visconde de Mauá. Viramos à direita nessa avenida e prosseguimos até a Rua Balduino Taques. Continuamos pela Rua Balduino Taques, que nos levou ao centro da cidade, até alcançarmos a Avenida Vicente Machado. Seguimos pela Avenida Vicente Machado, uma das principais vias de Ponta Grossa, até a Rua do Rosário. Viramos à esquerda na Rua do Rosário e percorremos algumas quadras até a Rua Francisco Ribas. Nessa rua, seguimos em direção à Avenida Ernesto Vilela.

A partir da Avenida Ernesto Vilela, continuamos até a Avenida Monteiro Lobato, no bairro Jardim Carvalho. Essa avenida nos conduziu diretamente à Avenida Ernani Batista Rosas. Prosseguimos pela Avenida Ernani Batista Rosas até chegarmos ao Parque Monteiro Lobato, localizado na Rua João Schaia. O trajeto total teve aproximadamente 7 quilômetros, percorridos em cerca de 20 minutos, considerando o tráfego matinal. Durante o percurso, os participantes puderam perceber as mudanças no ambiente urbano, como o som do tráfego intenso no centro e a relativa tranquilidade ao nos aproximarmos do parque.

Utilizamos meu carro para o deslocamento. Inicialmente, havíamos proposto levar mais usuários para essa atividade de caminhada no parque, utilizando uma van que a APADEVI frequentemente utiliza. No entanto, devido à agenda apertada da

instituição no final do ano, ofereci meu carro para o transporte. No veículo, a disposição dos ocupantes era a seguinte: eu estava dirigindo, a assistente social ocupava o banco do passageiro, e os participantes estavam no banco traseiro—M à esquerda, G no centro por ser menor, e C à direita. Durante o trajeto até o parque, engajamos em conversas descontraídas. Concentrei-me na direção, mas participava quando possível. A assistente social conduziu o diálogo, fazendo perguntas sobre o deslocamento e incentivando os participantes a compartilharem suas expectativas e sensações, mesmo sem conhecerem o destino. Essa abordagem buscava estimular a consciência espacial e a atenção aos estímulos sensoriais presentes durante o percurso, alinhando-se às ideias de Ingold (2000) sobre o ato de percorrer como forma de engajamento com o mundo.

T: Então, beleza.

C: Meu nome é M.

M: Meu nome é C.

M: C.

C: O meu nome é M.

M: Ah é, é isso mesmo, C. Então... C.L.

T: Como a AS comentou, vocês não sabem pra onde a gente tá indo.

Todos: Não.

A decisão de não informar o destino aos participantes foi uma estratégia deliberadamente planejada antes da realização da pesquisa. Compreendendo que caminhos conhecidos proporcionam segurança e conforto para pessoas com deficiência visual, optamos por introduzir um elemento de novidade ao levá-los a um local desconhecido. Essa escolha metodológica foi cuidadosamente considerada, pois estávamos nos dirigindo a um lugar controlado e seguro - o Parque Monteiro Lobato - e todo o trajeto até o parque seria realizado de carro, garantindo a segurança dos usuários participantes. Ao fazer isso, buscávamos romper com a rotina habitual pré-estabelecida. Os participantes tentaram adivinhar o destino com base em referências conhecidas, demonstrando um esforço ativo para situar-se no espaço, apesar da falta de informações. Conforme apontado por Macpherson (2009), novas experiências espaciais podem intensificar as percepções sensoriais em pessoas cegas, permitindo uma interação mais profunda com o ambiente. Além disso, essa abordagem alinhou-se às perspectivas de Ingold (2000) sobre o movimento e exploração sensorial como fundamentais na construção da experiência espacial.

T: Confiam nela?

AS: Vocês têm algum palpite de onde a gente tá indo?

C: UEPG?

M: Hã?

T: Vocês sabem onde a gente tá?

M: Não sei.
 C: Eu não sei.
 G: Estamos no carro. (Todos riem).
 M: Nossa... Estamos no carro, o motorista está nos levando para algum lugar."
 G: Eu sei, medo.
 T: Tá muito quente hoje, tá louco.
 C: E tem freio?
 M: Vamos lá na Cachoeira da Mariquinha.
 G: Seria legal a gente na Cachoeira da Mariquinha.
 M: Vamos lá no São Jorge.
 T: Vocês já foram na Cachoeira da Mariquinha?
 M: Não.
 G: Vista do São Jorge agora ficou só um pedacinho, agora não é mais que nem era antes.
 M: Agora eles cercaram lá, ficou particular. Tem segurança e tudo, para não invadir a área privada.

A quebra da rotina e a introdução de um elemento de surpresa ampliaram a consciência dos participantes sobre o ambiente ao redor. Macpherson (2009) sugere que novas experiências espaciais podem intensificar as percepções sensoriais em pessoas cegas, permitindo uma interação mais profunda com o ambiente.

A conversa foi descontraída a maior parte do tempo, ressaltando um tom de descontração e tranquilidade que em que estávamos.

"AS: Vocês têm noção de onde a gente está?"

Durante a conversa, a Assistente Social (AS) gravava as interações para mim, pois eu estava dirigindo e não podia participar diretamente. Ela fazia perguntas aos participantes para verificar se sabiam onde estavam, embora esse não fosse o objetivo principal do exercício (buscar compreender como os sentidos são empregados e utilizados) mesmo assim, foi interessante observar como esse momento se desenvolveu, revelando aspectos importantes sobre a percepção dos participantes e ampliando a compreensão dos processos sensoriais envolvidos no exercício.

C: Nós tínhamos saído, passado, virado... deixa eu ver... Se ele fez o contorno pela esquerda, ele não fez o balão do ginásio, fez o balão do Oficinas.
M: Estamos perto do terminal?
T: Mais ou menos.
C: Não, nós estamos para o lado da feirinha, não é?
T: Da feirinha?
T: Estamos bem para lá da feirinha.
M: Passamos a feirinha!
C: Passamos a feirinha já faz tempo. Volta lá, hoje é dia do pastel.
M: É, por isso que eu falei que tinha cheiro de lanche.

O olfato também desempenhou um papel significativo na orientação espacial dos participantes, que identificaram cheiros específicos e os associaram a locais conhecidos. Eles demonstraram uma acuidade olfativa apurada, identificando aromas

distintos que surgem durante o trajeto: A utilização do olfato como ferramenta de orientação reforça a importância dos sentidos não visuais na experiência espacial de pessoas cegas.

A percepção cinestésica e a sensação de movimento foram fundamentais para os participantes entenderem o trajeto e inferirem sua localização (Macpherson, 2009). Eles percebem mudanças na inclinação do terreno e as utilizam para deduzir o local onde estavam, demonstrando uma consciência corporal aguçada em relação ao espaço:

C: Lá era o restaurante popular àquela hora?
AS: Não.
C: Vocês estão para o outro lado. Mas fica tranquilo, Thiago, onde você quiser ir, nós estamos indo com você, fique em paz.
G: Terminal central? UEPG?
C: Tem o ônibus ali.
M: Aqui é uma preferencial.
C: Ele veio pelo caminho que gasta mais gasolina.
T: Tá travado o centro hoje.
M: Esse aí é uma caminhonete.
C: Agora é um ônibus.
M: Agora é um caminhão.
C: O que aconteceu com o caminhão ali na frente? Oh, psiu, preferencial, tem três cegos.

A sensação de movimento contribui para a construção de um mapa mental do percurso. Ingold (2000) argumenta que o movimento é essencial para o engajamento com o mundo, e que a experiência do deslocamento físico permite a aquisição de conhecimento espacial e ambiental. Para pessoas cegas, a percepção cinestésica é uma fonte valiosa de informação sobre o espaço, complementando os outros sentidos.

As interações sociais e o uso do humor desempenharam um papel importante na dinâmica do grupo, contribuindo para um ambiente descontraído e colaborativo. O grupo utiliza o humor para lidar com a situação, criando um ambiente leve e fortalecendo os laços entre os participantes:

(Risadas).
C: Temos até uma assistente social, ela tá falando que é verdade.
M: Três cegos total ainda.
C: Dois cegos e um surdo. Você usa aparelho, né, G?
G: Sim.
C: Aí então, dois cegos e meio.
(Risadas).
G: Surdo cego.
AS: Vocês conseguem imaginar onde a gente está?
C: Estamos descendo agora, ladeira. Favela.
M: Eu não sei se aqui não é a rua do Banco do Brasil, não é? Não é Augusto Ribas, né? Não é o morro. Aqui é Augusto Ribas.
G: Estamos passando por perto de algum açougue, está com cheiro de açougue agora.
M: Não, não é o Thiago.

(Todos riem).

G: Tem um cheiro de linguiça defumada.

M: Estamos perto daquela clínica de imagem lá.

C: M, ele está levando nós para o Pronto Socorro.

M: Eu acho que é na Santa Casa.

C: É o antigo Pronto Socorro.

G: Para a UPA.

M: Já passamos uma UPA, já passamos o Pronto Socorro.

T: A gente vai fazer um passeio na Santa Casa. Vamos fazer o caminhão lá.

M: Acho que ele vai nos levar na mata, isso sim. Nos deixar na mata. Ele vai levar nós lá.

G: A subida da Santa Casa?

C: Ele vai levar nós com o Ramiro lá.

G: O Ramiro.

M: Vai encerrar o sítio, ficar 50 dias lá.

G: O lugar próximo aqui é a UEPG.

M: Não é a UEPG do centro, mano.

G: Aqui é a UEPG Central.

M: Não é a UEPG Central. Ou ele vai levar a gente na praça dos bichos.

M: Tá muito calor.

G: Você trouxe o dominó e a Coca gelada?

M: Não, a Coca que paga eu deixei ali.

G: Mas o Thiago também?

G: Thiago, pode ficar tranquilo que eu não vou abandonar a pesquisa.

T: Olha só, tinha outra coisa.

G: Seja onde você estiver indo, estaremos juntos. Não vamos abandonar.

G: C pode abandonar.

M: Aqui é a subida da Monteiro Lobato?

T: Sim.

M: Vamos na UTFPR.

G: Antigo CEFET.

M: No meu tempo era CEFET, lá nós fazíamos mecânica, elétrica e alimentos.

G: Fim de mundo.

C: Não, fim de mundo é onde eu fui ontem, é Canaã.

T: Canaã?

C: Aham, fomos lá fazer se dava pra fazer um espaço de acessibilidade, que eles querem fazer um evento para o Natal ali. Aí perguntei: 'Mas viu, é para o ano inteiro que vocês querem fazer essa mudança?' – Não. Então por favor, nem precisa. Já vai ter audiodescrição e alguém para explicar como chegar lá, no meio de uma praça, lá no fim do mundo, só para deficiente. Mas é bonito lá.

Essa fala de C se alinha com depoimentos de outros usuários da APADEVI, que expressam um sentimento comum de desconforto e insatisfação com projetos, pesquisas e interesses que são, em sua maioria, passageiros. Há um sentimento de que, em determinados momentos, os deficientes visuais são lembrados, celebrados e tratados com importância. Em outros, são apenas utilizados como objeto de estudo ou como recurso para a autopromoção de terceiros, sem qualquer retorno efetivo ou benefício para a instituição ou para os usuários.

Esse sentimento de serem “usados” surge de duas formas principais. A primeira refere-se à frequência com que pesquisadores se aproximam da instituição para desenvolver atividades ou pesquisas com pessoas com deficiência visual, mas o

fazem de maneira instrumental e distanciada. Muitas vezes, o foco está apenas nos resultados da pesquisa, sem considerar as pessoas envolvidas como indivíduos plenos, mas como meros objetos de estudo. Esse tipo de abordagem muitas vezes não inclui uma devolutiva, um retorno que possa beneficiar ou, ao menos, reconhecer a contribuição dos participantes. Um aspecto que me empenhei em evitar nesta pesquisa foi justamente essa abordagem impessoal e utilitária.

A segunda forma de exploração ocorre através de ações oportunistas, relatadas por alguns usuários da APADEVI, que envolvem associações, políticos e indivíduos que buscam se apropriar da imagem da instituição e “da causa” das pessoas com deficiência visual para fins de autopromoção. Estes oportunistas muitas vezes usam o discurso de “ajuda” e “caridade” para criar uma boa imagem pública, porém, sem de fato promover a causa das pessoas com deficiência visual ou gerar impactos reais na vida dos usuários. Um exemplo claro disso foi mencionado por C, que relatou uma situação em que a instituição e seus usuários seriam “convidados” apenas para um evento de Natal, sem nenhum compromisso ou engajamento além do simbolismo de um evento festivo.

Esse tipo de postura acaba gerando um sentimento de insatisfação e descrença entre os usuários, que percebem a superficialidade dessas interações e a falta de um compromisso duradouro com suas necessidades e demandas. Para muitos, esse ciclo de “lembrança ocasional” e “esquecimento cotidiano” reforça a ideia de que seu valor, para a sociedade em geral, ainda está atrelado a momentos específicos que servem mais para o benefício de terceiros do que para o empoderamento e desenvolvimento da comunidade dos deficientes visuais.

Compreender esse sentimento é fundamental para que qualquer ação voltada a essa comunidade seja realmente transformadora e respeitosa, uma vez que reconhece os indivíduos não apenas como participantes passivos, mas como agentes de suas próprias histórias, merecedores de respeito e retorno. Essa postura requer, de fato, um compromisso ético de longo prazo e o estabelecimento de uma relação de confiança e reciprocidade, na qual o propósito principal não é o benefício exclusivo da pesquisa ou da imagem pública, mas sim a promoção de impactos concretos e benéficos para a comunidade.

M: Uhum. Na praça Monteiro Lobato?

C: Agora tá ficando legal.

M: Aqui é a praça do Monteiro Lobato.

T: Estamos chegando, M.

M: Se não é no Franco da Rocha é no Monteiro Lobato.

T: Chegamos.

M: Eu falei que era a praça Monteiro Lobato.

C: Eu não vou pegar nenhuma dentadura de velhinho aí, já estou avisando.

C: Pode abrir aqui, Thiago?

T: Pode abrir.

M: Todo mundo sai pela esquerda?

AS: Podem sair pelos dois lados e esperar.

M conseguiu acertar onde estávamos pela espacialização construída em sua memória. Os caminhos que percorremos e a região da cidade em que nos encontrávamos permitiram que ele deduzisse corretamente nossa localização. Curiosamente, em um trabalho geográfico alhures sobre o *GeoGuessr*, jogo *online* no qual o jogador aparece aleatoriamente pela rede de caminhos utilizada pelo *Google Street View*, permitindo ao jogador ver elementos materiais e imateriais, Oliveira (2022) destaca que "para a construção de um raciocínio de localização, a paisagem se projeta como forma articuladora de diversas dimensões que compõem as tomadas de decisões dos jogadores no plano dos palpites referentes às suas localizações no espaço de jogabilidade."

Assim como os jogadores do *GeoGuessr* utilizam elementos visuais da paisagem para inferir sua localização, M empregou referências espaciais armazenadas em sua memória para determinar onde estávamos. Na construção da localização por parte dos sujeitos não videntes, há um enlace com o texto de Ingold (2000), que destaca que o conhecimento do ambiente é construído através da experiência direta e do movimento contínuo pelo espaço. Ingold (2000) argumenta que a familiaridade com o ambiente surge da interação prática com o mundo ao nosso redor, onde o movimento e a percepção sensorial são fundamentais para a compreensão espacial.

A familiaridade com certos marcos e características do trajeto permite que pessoas cegas criem mapas mentais precisos, facilitando a mobilidade e a independência. Dessa forma, mesmo sem a visão, é possível construir uma compreensão rica e detalhada do ambiente, baseada em outros sentidos como audição, tato e olfato, além da memória espacial. Isto é, no caso do jogo, a paisagem institui uma forma de ver as imagens; por sua vez, no trajeto das pessoas cegas, a experiência da paisagem produz um cenário para as localizações dos sujeitos.

Em ambos os casos, a paisagem atua como elemento central na construção do raciocínio de localização. Enquanto no *GeoGuessr* os jogadores dependem de pistas visuais para situar-se no espaço virtual, as pessoas cegas utilizam uma

combinação de experiências sensoriais e memórias para navegar e compreender o espaço físico. Essa comparação evidencia como a interação com o ambiente, seja ele virtual ou real, visual ou não visual, é fundamental para a construção do conhecimento espacial e para a capacidade de se orientar no mundo.

2.2.2 Avião de brinquedo

Ao chegarmos ao Parque Monteiro Lobato (Figura 4), estacionamos o carro próximo a uma das entradas. A assistente social desceu primeiro, seguida pelos participantes. Antes de iniciarmos a caminhada, é importante apresentar brevemente o Parque Monteiro Lobato. Localizado em Ponta Grossa, este espaço público é muito frequentado nos finais de semana e oferece diversas atrações aos visitantes, como quadras esportivas, uma cancha de areia e uma ampla área verde propícia para piqueniques.

Figura 4 - Foto aérea de parte do Parque Monteiro Lobato



Fonte: Juarez Ferreira (2023)

O parque também conta com uma área de recreação infantil, mesas e churrasqueiras, o que atrai ainda mais frequentadores, especialmente em dias de lazer. Durante a semana, o local permanece movimentado pelos moradores da região, que buscam melhorar sua qualidade de vida por meio de caminhadas, corridas e do uso da academia ao ar livre disponível (Figura 5). Além disso, a boa iluminação do parque permite a prática de atividades noturnas com segurança.

Figura 5 - Pessoas praticando yoga perto das churrasqueiras do parque



Fonte: Correio dos Campos (2023)

Assim que entramos no Parque Monteiro Lobato, começamos a caminhar pela pista de caminhada do local. Permiti que G, M e C seguissem na frente, conduzindo o caminho ao longo da pista. Durante a caminhada, fiquei alguns passos à frente conversando com G, enquanto a assistente social acompanhava M e C logo atrás, garantindo que todos estivessem confortáveis e seguros durante o trajeto.

T: O que você observa daqui, G?

G: Tô observando uma rampa, tô escutando o barulho dos passarinhos, é só isso até agora. Talvez seja alguma paisagem que tem natureza, não é fazenda, mas é alguma coisa que tenha natureza, talvez tenha plantas, é... eu tô imaginando, mas não estou sentindo com o tato para ver.

T: Como você tá imaginando?

G: Pode ser um ambiente com pássaros, com várias plantas, natureza. Isso pode ser que seja, não tenho absoluta certeza, eu escutei o canto dos passarinhos e uma rampa, isso tá certo.

G: Parece que tá com cheiro de alecrim.

As observações de G demonstram como as percepções sensoriais—auditivas e olfativas - são fundamentais para a construção do espaço por pessoas cegas. A partir do canto dos pássaros, do cheiro de alecrim e da sensação de uma rampa sob seus pés, G começa a imaginar e interpretar o ambiente ao seu redor. Isso está alinhado com a teoria não-representacional, que enfatiza as práticas e experiências corporificadas no espaço, em vez de representações simbólicas ou cognitivas pré-concebidas (Thrift, 2008).

De acordo com Macpherson (2010), as experiências sensoriais diretas durante a caminhada permitem que os indivíduos "conheçam" o ambiente através do engajamento corporal e sensorial. G não depende de uma descrição visual do espaço, mas sim de seus sentidos ativos no momento presente para construir uma compreensão do lugar. Essa prática de "estar no mundo" reflete a abordagem não-

representacional, onde a ênfase está nas ações, práticas e sensações que ocorrem no aqui e agora.

AS: Tem uma quadra de areia à direita de vocês, uma academia ao ar livre.

T: À direita de vocês tem um círculo para caminhar.

M: Quando eu vinha jogar bola aqui era saibro.

C: Essas árvores são muito altas que os passarinhos estão cantando lá em cima?

T: Bem altas.

AS: São bem altas.

As interações entre os participantes e a assistente social mostram como a comunicação e o compartilhamento de informações enriquecem a experiência espacial. M relembra suas memórias do local, indicando uma conexão histórica e pessoal com o espaço. C busca confirmar características do ambiente, como a altura das árvores, para complementar sua percepção auditiva dos pássaros (Figura 6).

Figura 6 - Tateando a árvore



Fonte: O autor

Segundo Ingold (2007), a caminhada é uma atividade social que facilita a troca de conhecimentos e percepções entre os indivíduos. A descrição verbal do ambiente pela assistente social e por mim mesmo, servem como um meio de mediação, permitindo que os participantes construam uma imagem mais completa do espaço. Essa dinâmica evidencia a importância das interações sociais na experiência do ambiente, conforme destacado pela teoria não-representacional, que reconhece o papel das práticas sociais na formação das percepções espaciais.

Começamos a caminhar pela grama.

G: Essa grama está com algum problema, com a bengala fica difícil, vou ter que fazer o movimento de toque. Com a ponteira roller fica difícil de subir."

T: Tem quantos tipos de ponteira?"

G: Tem dois. Tem um outro que é mais tradicional que eu não sei o nome, e tem esse aqui que é a ponteira roller. O outro é melhor para toque, não sei o nome exato."

Avião gigante.

G comenta sobre as dificuldades encontradas ao caminhar pela grama usando sua bengala com ponteira roller. Ele precisa adaptar sua técnica, mudando para o movimento de toque, o que evidencia a interação direta entre o corpo, os dispositivos assistivos e o ambiente físico. Conforme Macpherson (2016b), é fundamental considerar as capacidades corporais específicas e as adaptações necessárias dos participantes ao utilizar a metodologia de caminhada em pesquisas.

Essa situação também ilustra como o terreno influencia a experiência da caminhada. O deslocamento sobre a grama apresenta desafios diferentes daqueles encontrados em superfícies planas ou pavimentadas. O terreno e a dificuldade da rota podem afetar a concentração e a interação dos caminhantes. No caso de G, a necessidade de ajustar sua técnica de uso da bengala afeta sua atenção e experiência sensorial do ambiente.

T: À esquerda de vocês tem um avião gigante de brinquedo no parquinho das crianças.

C: Ah não, eu vou ter que colocar a mão nele.

M: Vamos colocar o G lá dentro.

G: Mas ele funciona ou não funciona?

C: É de controle remoto, G.

O uso do humor nas interações evidencia uma dinâmica social positiva entre os participantes. Essas brincadeiras contribuem para um ambiente descontraído, facilitando o engajamento e a apreciação da atividade (Figura 7). Segundo Macpherson (2008), expressar bom humor durante caminhadas pode fortalecer os laços entre os participantes e aumentar a sensação de pertencimento ao grupo.

Figura 7 - Tateando a mesa de xadrez



Fonte: O autor

A teoria não-representacional enfatiza a importância das práticas cotidianas e das emoções nas experiências espaciais (Thrift, 2008). O humor e as interações lúdicas fazem parte dessas práticas, influenciando como os indivíduos percebem e se conectam com o ambiente e uns com os outros durante a caminhada.

T: É um avião bem colorido. O bico dele é amarelo, a parte central é laranja, a parte de trás dele é azul e a parte de trás dele termina com um escorregador, tipo um tobogã azul.

A reação de C ao saber da existência do avião gigante demonstra o desejo de explorar o ambiente de forma tátil, uma forma de percepção fundamental para pessoas cegas. A vontade de "colocar a mão nele" indica uma busca por uma compreensão mais profunda e direta do objeto.

M: T, qual é a ideia dessa atividade?

T: Fazer uma caminhada.

M: Qual é o intuito das caminhadas, as conversas, sua pesquisa?

T: O intuito é sairmos caminhando, conversando.

C: Uma coisa mais natural.

Durante a atividade, o participante M questionou o propósito da caminhada e da pesquisa:

M: T, qual é a ideia dessa atividade?

T: Fazer uma caminhada.

M: Qual é o intuito das caminhadas, as conversas, sua pesquisa?

T: O intuito é sairmos caminhando, conversando." "C: Uma coisa mais natural.

Essas perguntas refletem uma curiosidade natural dos participantes em entender a metodologia adotada. Conforme discutido por Macpherson (2016b), a prática de caminhar associada à conversa pode ser uma abordagem de pesquisa muito eficaz, pois cria um ambiente mais relaxado e natural para a interação, facilitando o surgimento de diálogos e reflexões espontâneas. Macpherson (2016b) enfatiza que caminhar pode abrir caminhos para "um relacionamento mais relacional entre o pesquisador e os participantes, permitindo que ambos experimentem e percebam a paisagem ao seu redor de maneiras diferentes e mais engajadas."

Ao contrário de uma entrevista formal em um ambiente estático, a caminhada incentiva um tipo de conversa mais orgânica e fluída. De acordo com Macpherson (2016b), a caminhada pode não apenas permitir conversas mais naturais, mas também influenciar positivamente o humor e a disposição dos participantes, tornando-os mais confortáveis para compartilhar suas impressões e sentimentos. No contexto desta atividade, a caminhada era vista como uma oportunidade de vivenciar o ambiente externo de forma coletiva, estimulando as percepções sensoriais e promovendo uma interação menos formal.

Quando eu respondi que o intuito era sair caminhando e conversando, e C acrescentou que buscava algo "mais natural", isso está em linha com a perspectiva de Macpherson (2016b), que ressalta que a descontração e a naturalidade proporcionadas pela caminhada podem aumentar a profundidade e a sinceridade das discussões. Dessa forma, a atividade foi planejada para romper com a rotina habitual dos participantes e introduzir um elemento de novidade, conforme defendido por Macpherson (2016b) em suas reflexões sobre a importância de incorporar movimento e sensações físicas ao processo de pesquisa.

G: Aqui eu já conhecia.

M: Viu, Thiago, a questão é assim, só o fato de você sair da rotina já é uma coisa diferente. Porque assim, estamos acostumados a ir na APADEVI e ficar naquilo ali, naquilo ali, naquilo ali. Quando você tem alguma coisa diferente que não seja treino, que não seja APADEVI, já é uma coisa, pra gente, importante. Porque a gente tá acostumado com aquilo ali e outra coisa. Porque eles reclamam das pessoas, principalmente, né AS, eles não gostam que os profissionais se envolvam com os alunos. A gente faz um churrasco, e por que quando a gente faz um churrasco vem um monte de gente? Porque a gente tá acostumado com aquela monotonia do dia a dia. APADEVI casa, casa APADEVI.

C: Fica muito mecânicas as coisas.

M: Quando acontece qualquer fato diferente, de sair daquela mesmice, já é, a verdade é assim, é diferente, já dá um ânimo pra gente, fica mais prazeroso. Cara, tudo demais assim é muito chato. E ali o pessoal assim, a AS é a prova disso, eles querem fazer, mas quando comentam em fazer, é meia dúzia.

M: O problema ali na APADEVI é que eles são muito, muito, muito, muito rotineiros. O centro-dia, os idosos, eles reclamam, reclamam, mas são os primeiros a não querer fazer nada. Fazem gincana, bingo, karaokê, e aparece meia dúzia.

C: O comodismo acontece muito.

As falas de M e C ressaltam a importância de romper com a rotina e a monotonia, buscando experiências novas que proporcionem ânimo e prazer. Essa necessidade de novidade e de experiências sensoriais distintas está alinhada com os princípios das teorias não-representacionais, que enfatizam a importância do aqui e agora, das práticas cotidianas e das experiências corporais e sensoriais (Thrift, 2008).

Segundo Macpherson (2016b), as caminhadas podem oferecer oportunidades para experiências sensoriais enriquecedoras, permitindo que os participantes se envolvam ativamente com o ambiente de maneiras que não são possíveis em espaços rotineiros. Ao sair do ambiente habitual da APADEVI e participar de uma caminhada no parque, os participantes estão vivenciando práticas que rompem com a "mesmice" e proporcionam novas percepções e interações.

As reflexões dos participantes destacam a importância das interações sociais e das atividades coletivas que fogem ao cotidiano institucional. Eles apontam que, apesar das reclamações sobre monotonia, há uma resistência em participar de atividades diferentes, indicando um comodismo que dificulta a mudança.

Essa resistência mencionada pelos participantes em relação à mudança e à participação em novas atividades contrasta com a experiência vivenciada durante a caminhada no parque. No Capítulo 1, observamos que os participantes demonstravam uma forte preferência por ambientes conhecidos e rotinas estabelecidas, o que lhes proporcionava segurança e conforto. Essa dependência do familiar é compreensível, considerando que a familiaridade com o ambiente permite que pessoas com deficiência visual se desloquem com maior autonomia e confiança, conforme destacado por Macpherson (2007) ao enfatizar a relação entre "conhecer o caminho" e "sentir-se seguro".

No entanto, a experiência no parque revela que, mesmo diante da dependência do conhecido, os participantes são capazes de se deslocar em ambientes estranhos quando há condições de acessibilidade adequadas e suporte apropriado. Durante a caminhada, eles demonstraram interesse, curiosidade e engajamento com o novo ambiente, explorando sensorialmente o espaço e interagindo ativamente entre si e com os elementos ao redor. Essa capacidade de adaptação evidencia que, apesar do

comodismo e da resistência inicial à mudança, a exposição a novas experiências em ambientes acessíveis pode ser positiva e enriquecedora para pessoas com deficiência visual.

A importância da acessibilidade é crucial nesse contexto. Conforme Dornelles (2021), a segurança e a confiança no deslocamento em ambientes desconhecidos dependem diretamente das condições de acessibilidade e das adaptações necessárias para atender às necessidades específicas dos indivíduos. No parque, a presença de caminhos acessíveis, a mediação da assistente social e o suporte do grupo proporcionaram um ambiente seguro para a exploração, permitindo que os participantes ultrapassassem as barreiras iniciais e se engajassem plenamente na atividade.

Além disso, essa experiência corrobora as observações de Ingold (2000) sobre a importância do movimento e da interação prática com o ambiente na construção do conhecimento espacial. Ao navegar em um ambiente desconhecido, os participantes expandiram suas percepções e enriqueceram suas vivências, demonstrando que a familiaridade não é uma condição exclusiva para o deslocamento seguro, desde que haja condições que permitam a exploração com confiança.

Essa comparação entre os deslocamentos conhecidos (Capítulo 1) e os não cotidianos (Capítulo 2) evidencia que a resistência à mudança não é absoluta. Com o devido suporte e em ambientes acessíveis, as pessoas com deficiência visual podem superar o comodismo e desfrutar de novas experiências que contribuem para seu bem-estar e autonomia. Isso destaca a importância de promover oportunidades que ofereçam condições adequadas de acessibilidade, incentivando a participação ativa e a inclusão em diferentes espaços sociais e geográficos.

Dessa forma, o exercício realizado no parque não apenas rompeu com a rotina dos participantes, mas também demonstrou que, mesmo dependentes de ambientes conhecidos, eles possuem a capacidade e o desejo de explorar novos espaços quando as barreiras físicas e sociais são minimizadas. Isso reforça a necessidade de políticas e práticas que ampliem a acessibilidade e estimulem a inclusão, possibilitando que pessoas com deficiência visual ampliem suas experiências e interações com o mundo ao seu redor.

Os comentários de M sobre a rotina na APADEVI e a resistência dos frequentadores em participar de atividades diferentes refletem questões institucionais

que podem impactar a experiência dos indivíduos com deficiência visual. A falta de estímulos e a repetição de atividades podem levar à desmotivação e ao desinteresse.

As teorias não-representacionais enfatizam a importância das práticas e experiências cotidianas na formação da subjetividade e na maneira como os indivíduos interagem com o mundo (Thrift, 2008). A rotina excessiva pode limitar as oportunidades de engajamento sensorial e emocional, reduzindo a riqueza das experiências vividas.

Ao propor atividades como a caminhada no parque, a pesquisa oferece uma ruptura com essa rotina, permitindo que os participantes experimentem novas sensações e interações. Essa abordagem está alinhada com a perspectiva de que as práticas cotidianas influenciam profundamente a percepção e a experiência do espaço.

2.3 A PAISAGEM E OS SENTIDOS

Baseando-se nas experiências durante os campos realizados na APADEVI e dos participantes durante a caminhada no Parque Monteiro Lobato e nas teorias de Ingold (2007), emergiu a percepção de que a paisagem não é um conjunto de elementos multifacetados separados por diferentes sentidos, mas uma totalidade integrada que engloba tanto os videntes quanto os não videntes.

Ingold (2007) propõe que a paisagem é experimentada de forma integrada pelos sentidos, não estando restrita a um registro sensorial específico. Ele argumenta que "a paisagem é visível, mas só se torna visual quando representada por alguma técnica, como pintura ou fotografia, que permite que seja vista de forma indireta" (Ingold, 2007, pag. 2). Essa representação visual, segundo Ingold, devolve a paisagem ao observador de forma artificialmente purificada, desprovida das demais dimensões sensoriais.

Aplicando esse conceito às experiências das pessoas com deficiência visual, percebe-se que sua relação com a paisagem não é limitada pela ausência da visão. Pelo contrário, eles estão imersos na paisagem de forma plena, utilizando outros sentidos, como a audição, olfato, tato e percepção cinestésica, para construir uma compreensão rica e detalhada do ambiente. Assim, a paisagem para os deficientes visuais não é uma versão diminuída ou incompleta da paisagem dos videntes, mas

sim a mesma paisagem, experienciada através de um engajamento sensorial diferente, porém igualmente significativo.

O filme "O Enigma de Kaspar Hauser" (1974, direção de Werner Herzog) ilustra de maneira poética essa imersão sensorial no mundo. Kaspar, isolado do convívio humano durante grande parte de sua vida, ao ser inserido na sociedade, demonstra uma percepção do ambiente que não está mediada pelos códigos e representações culturais convencionais. Sua interação com a paisagem é direta e imediata, sem as filtragens e simplificações que as representações visuais muitas vezes impõem. Isso reflete a ideia de que a paisagem é vivida e sentida em sua totalidade, não apenas observada.

Os participantes da pesquisa demonstraram que suas percepções sensoriais são capazes de construir uma relação profunda com o espaço. A audição do canto dos pássaros e suas relações com a altura das árvores, o olfato do alecrim, a sensação da grama sob os pés, as relações entre os cheiros e os estabelecimentos comerciais percebidos no caminho de carro até o parque. Todas essas experiências contribuem para uma compreensão integrada da paisagem. Eles não dependem de representações visuais para entender e se conectar com o ambiente; ao contrário, vivenciam a paisagem de maneira direta, sem as mediações que muitas vezes limitam a experiência dos videntes.

Dessa forma, a paisagem não é exclusiva aos que veem, mas pertence a todos que a vivenciam em sua plenitude sensorial. A deficiência visual não impede a imersão na paisagem; ao contrário, pode proporcionar formas alternativas de interação com o mundo. Reconhecer isso é fundamental para a construção de espaços verdadeiramente inclusivos, que valorizem e promovam as múltiplas formas de percepção e experiência do ambiente. A paisagem, enquanto conceito e experiência, transcende a visão e as representações visuais. Ela é um campo de experiências sensoriais integradas, onde todas as pessoas, independentemente de suas capacidades visuais, estão imersas e conectadas. Essa compreensão amplia a maneira como concebemos o espaço e nos convida a repensar as práticas de planejamento e interação com o ambiente, valorizando a diversidade das percepções humanas.

CAPÍTULO 3 – TRAJETÓRIAS DAS PAISAGENS: DOS CONCEITOS CLÁSSICOS A PAISAGEM COMO ENGAJAMENTO COM O MUNDO

Dado que o objetivo desta pesquisa é compreender o que é paisagem para pessoas com deficiência visual, é essencial desenvolver uma abordagem investigativa que explore essa faceta paradigmática, na qual o sentido da visão é parcial ou totalmente ausente nas representações imagéticas.

Ao abordarmos o tema da paisagem, a definição do conceito em si pode influenciar drasticamente a perspectiva do pesquisador. As diversas formas de observar uma cena revelam uma multiplicidade de conceitos e abordagens. Segundo Torres (2022), explorar a paisagem nos conduz a uma vasta gama de reflexões, já que considerações sobre ela são encontradas em diversas áreas, incluindo as Artes, a Filosofia, as Ciências Humanas, e as Ciências da Terra e muitos outros campos.

A ideia de paisagem na Geografia perpassa uma trajetória plural: da ênfase em uma dimensão eminentemente visual, alicerçada no olhar do observador situado diante de um panorama, às abordagens mais recentes que questionam a centralidade da visão e a primazia de representações fixas do espaço. Este capítulo retoma o debate sobre a paisagem, articulando três níveis teóricos e metodológicos: (1) a concepção clássica de paisagem enquanto objeto visual e/ou representação do ambiente; (2) a guinada mais-que-representacional, que desloca o foco da paisagem como “leitura” e “imagem” para práticas, afetos e performances encarnadas; e (3) as evidências empíricas produzidas a partir da interação com pessoas com deficiência visual, cujas experiências sensoriais e narrativas expandem e tensionam os limites dos entendimentos preexistentes sobre paisagem.

3.1 A PAISAGEM CLÁSSICA: A PRIMAZIA DA VISÃO E A REPRESENTAÇÃO

Na Antiguidade, as representações artísticas eram predominantemente constituídas por pinturas, nas quais a paisagem desempenhava um papel discreto, atuando como um simples cenário para as obras de arte. O foco central recaía principalmente em figuras humanas completas ou em partes isoladas, como rostos, pernas, braços *etc.* Essas figuras eram retratadas com expressões variadas—tanto alegres quanto tristes - e frequentemente apresentadas de perfil. Um detalhe notável era a representação frontal do tronco, em conformidade com as tradições observadas nas representações dos sacerdotes egípcios (Carvalho; Cavichioli; Cunha, 2002).

Segundo Salgueiro (2001), a descoberta da paisagem na pintura ocidental reflete um renovado interesse pela natureza, uma mudança na atitude das pessoas em relação ao ambiente e uma ruptura com a visão teológica predominante do mundo. Posteriormente, a observação da natureza passa a ser impulsionada pela busca de uma emoção estética, semelhante à provocada pela pintura, e pela procura de explicações para seu funcionamento, o que abre caminho para uma maior exploração e manipulação do ambiente natural.

A mudança na relação da sociedade com seu espaço não ocorre espontaneamente, mas é um resultado construído por processos culturais e sociais que demandam aprendizado. Desenvolver a capacidade de apreciar a beleza da natureza requer uma assimilação cultural de códigos e modelos (Salgueiro, 2001).

O termo "paisagem" surgiu nos Países Baixos, no século XV, com o termo holandês "*landschap*", utilizado para descrever o enquadramento de pinturas que apresentavam partes da natureza e figuras humanas, a partir de uma visão emoldurada por uma janela ou porta (Claval, 2004). A moldura que circunda o quadro substitui a janela na representação, através da qual se efetuava a observação. Segundo Cosgrove (2012), na primeira metade do século XX, os geógrafos alemães e seus seguidores anglófonos deram forma a uma interpretação singular, transformando a paisagem em um conceito geográfico. Para eles, a paisagem era a representação visível de uma comunidade arraigada, intimamente ligada ao ambiente natural. Nesse mesmo sentido, Ingold (2007) ressalta que o sufixo "*scape*" em "*landscape*" não está relacionado a uma origem visual, mas sim à ideia de criação conjunta de um ambiente por uma comunidade. Essas conexões etimológicas enfatizam a ligação intrínseca entre o ser humano e a paisagem desde sua origem.

Em alemão, o termo cunhado foi "*landschaft*", e em inglês, "*landscape*", traduções do termo em holandês. Na Itália, o termo "*paesaggio*" emerge, influenciando o francês "*paysage*", ambos derivados da ideia de extensão territorial relacionada ao campo (Claval, 2004). Para Salgueiro (2001), o surgimento da paisagem foi acompanhado por uma revolução científica e técnica que emancipou a natureza da influência divina, tornando-a objeto de estudo e permitindo sua manipulação e transformação para diversos propósitos.

A paisagem assume um papel destacado na Geografia quando esta se estabelece como uma disciplina científica na Alemanha, no século XIX, embora o conceito não possua uma definição precisa (Salgueiro, 2001). Esse conceito foi

empregado como um escudo em prol das tradições territoriais e modos de vida, percebidos como ameaçados pela crescente influência da sociedade moderna, mudanças econômicas, métodos de produção e avanços nas comunicações.

Há uma ligação antiga na cultura ocidental entre visão e conhecimento, vinculando o olho físico com a noção de "eu". Isso é especialmente evidente na ciência geográfica e no uso e compreensão do conceito de paisagem. De acordo com Cosgrove (1984), a paisagem é "uma maneira de ver o mundo". No entanto, para desafiar essa abordagem hegemônica da visão na concepção de paisagem e incluir o conhecimento e as experiências de pessoas com deficiências, esta pesquisa propõe a pergunta: O que é a paisagem para as pessoas com deficiência visual atendidas pela APADEVI em Ponta Grossa-PR?

Na Geografia, é recorrente a discussão sobre a percepção da paisagem pelas pessoas como objetos de investigações geográficas. Considerando como a paisagem é construída e interpretada por um indivíduo, uma das percepções pouco debatidas é como as pessoas com deficiência visual, sejam parciais ou totalmente cegas, entendem e experimentam a paisagem.

Os olhares sobre a paisagem estão na perspectiva do observador. Segundo Besse (2010), se pensarmos a paisagem para além do conceito, a experiência e o sentimento de paisagem são elementos presentes na sociedade moderna. Esse processo se torna possível não somente com o pensamento de uma paisagem do mundo e a paisagem do sujeito, mas sim, a própria existência do sujeito como "sujeito da paisagem". Sendo assim, a paisagem, como uma produção cultural, traz significados que vão além da estética, relacionando-se com as particularidades do olhar e de quem observa. Não obstante, a questão subjetiva do olhar é fruto dos saberes instituídos do sujeito, no qual a paisagem não é apenas uma contemplação e estética, mas está no valor representativo da ação humana, desenvolvendo assim uma "cultura do olhar". Fica clara essa cultura do olhar quando Besse traz relatos sobre a viagem à Itália do poeta alemão Goethe:

Se a viagem à Itália pode desempenhar o papel de confirmação de uma cultura herdada e obtida pela frequência assídua, desde a infância, das obras de arte ou de suas reproduções, quando Goethe afirma que na Itália ele reencontra o que ele já sabia desde sempre e antecipava sob os céus cinzentos do Norte, esta expectativa enfim satisfeita pode ganhar também a dimensão de uma anamnésia. Se a paisagem era espera por Goethe a natureza italiana, acolhedora, antecipa, sem que se solicite, esta expectativa e confirma a existência de um objeto que corresponde ao seu julgamento interior (Besse, 2010, p.47).

Os estudos de paisagem, inicialmente centrados na descrição física da superfície terrestre, evoluíram para incorporar a influência da transformação humana ao longo do tempo. Destaca-se a distinção entre paisagens culturais e naturais, enfatizando as interconexões. A ação humana é vista como fator crucial na transformação, e muitos autores concordam que paisagens verdadeiramente naturais são inexistentes (Salgueiro, 2001).

Envolvidos nessa cultura do olhar, refletimos sobre como observamos e pensamos ao ver uma paisagem. Macpherson (2007) destaca que, na Geografia Acadêmica, a paisagem é frequentemente associada a conceitos críticos, graças à influência das ideias de Denis Cosgrove sobre a paisagem como "modo de ver" ou "ideologia visual" (Cosgrove, 1984). O trabalho de Cosgrove rompeu com a tradição de ver a paisagem como espaço objetivo ou como uma questão subjetiva individual. Inspirado pelo pensamento marxista ocidental, Cosgrove argumentou que a paisagem é uma forma de ver e organizar sociedades e ambientes para fins ideológicos (Cosgrove, 1984, 1998, 2012).

Para Cosgrove (2012), o ideário de paisagem de um determinado lugar se deve à construção de uma paisagem cultural, apontando o fato de que o conceito de paisagem no mundo ocidental muito se deve ao Renascimento. Assim, segundo Cosgrove (1998), a paisagem deve ser considerada "um modo de ver", associado às transformações sociais, econômicas e políticas. No presente trabalho de investigação, o "modo de ver" é articulado a um modo de pensar, especificamente enquanto uma maneira pela qual as pessoas com deficiência visual experienciam as paisagens.

Acredita-se, portanto, que o estudo da paisagem por pessoas com deficiência visual apresenta uma série de conteúdos passíveis de serem investigados pela Geografia. Neste trabalho, optou-se pela utilização do conceito de paisagem que, sem dúvidas, apresenta forte componente visual, permitindo assim uma problematização abrangente e densa com as pessoas com deficiência visual.

O trabalho de Denis Cosgrove é significativo para esta dissertação. Primeiramente, ele mostra que a paisagem não pode ser reduzida à percepção visual de um indivíduo. Em vez disso, pode ser entendida como ideologia, discurso, cultura coletiva e modo de representação, que tem o potencial de moldar a vida das pessoas. Dessa forma, Cosgrove (1984) amplia o conceito de paisagem além do indivíduo e o torna uma força cultural relevante para aqueles que têm pouca ou nenhuma percepção visual.

As persistentes associações da paisagem com formas de percepção visual ainda podem afetar a maneira como as pessoas com cegueira se interpretam como sujeitos na paisagem. É uma forma de visualidade que pode tornar as pessoas com cegueira uma presença paradoxal em lugares onde sua atração é determinada pela paisagem. Na Geografia Humana, observa-se a intensificação do fenômeno em que a paisagem se configura como um território percebido e experimentado, tornando-se cada vez mais subjetivo e moldado pela mente. O foco recai sobre o indivíduo, suas práticas e as representações que concebe do mundo exterior, as quais, por sua vez, influenciam seu comportamento (Salgueiro, 2001).

As pessoas mantêm constantemente contato consigo mesmas e com seu ambiente, sentindo toques de roupas, ar, calor, chão e corpo. O cérebro tem a tarefa de filtrar informações desnecessárias, o que significa que, entre as muitas coisas da vida cotidiana, os toques aos quais prestamos atenção e sobre os quais refletimos são aqueles que são de alguma forma mais importantes ou incomuns. Para aqueles que são cegos ou têm visão parcial, a estimulação tátil-acústica é extremamente importante.

Geógrafos e historiadores da paisagem têm registrado uma ampla variedade de interações com a paisagem, tanto a material quanto a representada. Eles exploram a paisagem como um sistema de significados e como um conjunto de perspectivas situadas e corporificadas, destacando sua importância na compreensão do mundo ao nosso redor (Macpherson, 2007). No entanto, em muitos trabalhos humanísticos, o enfoque ainda é na forma como a paisagem é compreendida visualmente. Por exemplo, Meinig (2002) afirma que "...qualquer paisagem é composta não apenas por aquilo que está à frente de nossos olhos, mas também por aquilo que se esconde em nossas mentes."

A percepção única de uma paisagem por cada indivíduo é o que torna sua visão singular. Além disso, é possível experimentar a paisagem não apenas com os olhos, mas também através das sensações e da imersão no ambiente (Meinig, 2002).

Como as cenas que observamos diariamente — durante uma caminhada no parque, um final de semana na praia, um simples café da manhã olhando através da janela - estamos observando e fazendo parte de uma paisagem. Essa paisagem se torna ideologicamente uma construção do que estamos entendendo e compreendendo ao sermos "sujeitos da paisagem" (Cosgrove, 1984). Porém, ao analisar quadros e pinturas, Macpherson (2007) mostra que, até o século XVIII, na

Grã-Bretanha, a pintura de paisagem ocupava uma posição inferior nas hierarquias dos gêneros artísticos. Ela era utilizada principalmente como registro topográfico ou como pano de fundo decorativo. A grande influência na formação da percepção cênica da paisagem vinha da interação entre a paisagem material do lar/império e a paisagem retratada nas pinturas. No início do século XVIII, os compradores tendiam a preferir retratos ou pinturas históricas em vez de paisagens.

Entretanto, Cosgrove (2012), ao analisar a região de Veneza nos séculos XVI e XVII, destaca que o ideário de paisagem que se sobressai está vinculado a uma transformação social, que envolve a apropriação e o controle espacial, incluindo uma mediação nas representações artísticas, tanto em pinturas quanto em mapas. Assim, pode-se observar que Macpherson (2007) e Cosgrove (2012) traçam um paralelo para uma paisagem que assume papel político.

3.2 UMA GUINADA ALÉM DAS REPRESENTAÇÕES: TEORIAS MAIS-QUE-REPRESENTACIONAIS

Nesta seção do trabalho, serão discutidas as teorias mais-que-representacionais, que, nesta pesquisa, se tornam o embasamento teórico-metodológico para o trabalho com pessoas com deficiência visual. O debate entre o representacional e o mais-que-representacional retoma também a discussão entre o indivíduo e o institucional. As formas de pensar das pessoas cegas caracterizam um fenômeno espacial mais-que-representacional, enquanto o universo institucional da APADEVI remete a alguns aspectos representacionais; é nessa interface que este trabalho dialoga.

Na História do pensamento geográfico há uma primazia do pensamento visual, destacando esse sentido sobre os demais. Segundo Cosgrove (2008), a visão é o principal sentido na Geografia, sendo responsável por moldar e construir o conhecimento geográfico, que, em sua base, é representacional, além de ser performativo e ligado ao corpo humano. Cosgrove (2012) afirma sobre a visão:

A visão no sentido de ver ativamente é inevitável na prática da geografia. Essa afirmação não é de forma alguma tão banal quanto possa parecer. No significado longo e agora em grande parte superado da geografia como a prática de explorar, relatar e registrar a variada superfície da Terra - suas terras e mares, seus climas e ambientes - o conhecimento testemunhal e a verificação da verdade da observação visual eram características cruciais da ciência geográfica. Por um período no século XIX, o envolvimento direto no trabalho de exploração e testemunho ocular de lugares 'diferentes' tornou-se um requisito para a adesão à fraternidade geográfica, e mesmo quando o papel do geógrafo foi restrito a compilar, avaliar e sintetizar os relatos de

outros, verificar a verdade dos relatos oculares foi uma tarefa geográfica central.

A Geografia, em sua gênese, é uma ciência de cunho visual, na qual sua própria definição etimológica remete à "descrição da Terra". As representações produzidas ao longo da História da ciência geográfica são frutos de uma sistematização de como o conhecimento geográfico é compilado, produzido e descrito. Entretanto, as representações não necessariamente retratam a realidade, mas sim um recorte do que o pesquisador deseja representar. Dentro deste contexto, Claval (2008) afirma a respeito das representações na Geografia:

Das representações, a análise passa facilmente à imaginação: as narrativas e as imagens nem sempre descrevem o mundo que existe. Elas falam de mundos criados pela mente: são como contos e falam de um universo de fadas; são utopias e falam de um futuro impreciso. As pessoas têm a capacidade de construir para além do que os seus sentidos lhes revelam, lugares que sejam mais que acordo com suas inclinações íntimas, seus sonhos e suas aspirações.

A palavra "representação", durante muitos anos, foi palco de disputas narrativas no debate da Geografia Cultural brasileira e mundial. Alguns pesquisadores da década de 1950 já estavam conscientes de que não tinham acesso direto à realidade; eles a conheciam através das representações (Claval, 2008). Existem várias definições para a palavra "representação"; entretanto, o processo de representar torna algo ou alguém presente que está em um estado fisicamente ausente, não apenas no sentido literal, mas também simbólico. Isso muitas vezes torna a abordagem da Geografia Cultural "represento-cêntrica" (Seemann, 2015).

Nessa intersecção entre a representação e a busca pela realidade que se desenrola na vida cotidiana, é cunhado o termo "teoria mais-que-representacional". Lorimer (2005) destaca que essa perspectiva busca captar as práticas e experiências que não são totalmente apreendidas pelas representações tradicionais, enfatizando a importância dos aspectos sensoriais, afetivos e corporais nas interações humanas com o espaço. Cosgrove (2012, p.12) afirma:

O surgimento da 'teoria não-representacional' marcou uma interseção tensa entre a geografia e a representação pictórica. Atualmente, essa designação abarca uma diversidade de conceitos e ações, todas unidas pela compreensão de que a conexão cognitiva e emocional humana com o mundo não se restringe apenas à visão, e que o conhecimento geográfico envolve uma dimensão mais dinâmica e expressiva, indo além da simples representação.

O surgimento das teorias mais-que-representacionais não pode ser colocado como algo definitivo. Entretanto, Anderson e Harrison (2010) apontam que, como um

contínuo do pós-estruturalismo, nos caminhos abertos pelas obras de Deleuze e Latour, há uma preocupação com a "vida cotidiana" e suas formas incorporadas. Esses estudos foram centrados na Escola de Ciências Geográficas de Bristol, no Reino Unido, durante a década de 1990. Anderson e Harrison (2010, p.7) afirmam:

Pode haver pouca dúvida de que ao longo das décadas de 1980 e 1990 o construtivismo social foi o modo dominante de análise social e cultural, tanto dentro da Geografia Humana quanto além dela. 'Construtivismo social', é claro, é um atalho conveniente; o que é chamado por esse termo é menos um corpo específico de trabalho e mais uma postura ontológica e epistemológica geral, uma certa maneira de delimitar e apreender 'o social'. Nesse mito de origem, o construtivismo social desempenha o papel um tanto ingrato de contexto e matriz para o surgimento de teorias não representacionais. Então, quais são as características que distinguem o construtivismo social como uma abordagem e lhe conferem essa duvidosa honra? (Anderson; Harrison, 2010, p. 07).

O construtivismo social, segundo Anderson e Harrison (2010), destaca-se por sua ênfase na representação, concentrando-se na estrutura do significado simbólico, ou seja, na representação cultural. Essa abordagem visa compreender como as ordens simbólicas no contexto social ou cultural se materializam na distribuição de significado e valor, desempenhando um papel crucial na legitimação, fortalecimento e facilitação de disparidades nos domínios de bens, oportunidades e poder. Assim, a ordem simbólica coletiva emerge como o principal objeto ontológico no âmbito do construtivismo social.

As teorias não-representacionais frequentemente são colocadas como as teorias da geografia que acontecem, em que se destacam acontecimentos do dia a dia, da rotina e do banal. Thrift (2008) descreve o tema da recorrente do movimento, como um "*leitmotif*", um tema recorrente, que faz parte da banalidade da vida.

Inicialmente, é plausível argumentar que a vida humana está intrinsecamente ligada ao movimento. Cada criatura, ao se movimentar de maneira única, abandona uma trilha característica. De acordo com Anderson e Harrison (2010), ao analisar a crítica da natureza 'construída' de toda representação, um dilema foi revelado: apesar do antirrealismo, a resposta não conseguiu superar a crise e explicar por que a vida, mesmo sendo construída, parece tão imutável. Um aspecto inicial e talvez crucial na identificação e surgimento da teoria não representacional foi uma abordagem distinta para enquadrar e resolver esse problema, diferente das representações de uma vida estática. Essa perspectiva alternativa oferece a definição mais direta do termo 'não representacional' e a primeira maneira de reconhecer essas teorias; elas compartilham uma visão do significado e valor como 'pensamento em ação'.

Você está atrasado; você entra rapidamente na sala de aula e se senta. Quando você entrou na sala de aula, pensou em abrir a porta, ou simplesmente abriu? Quando você se sentou, precisou se lembrar de como era um assento e como usá-lo? Claro, podemos pensar em exemplos nos quais as pessoas precisam pensar nessas coisas (uma condição neurológica pode impedir o reconhecimento de objetos, alguém pode hesitar e refletir sobre abrir a porta devido ao nervosismo, a cadeira pode ser um design desconhecido com mola), no entanto, o ponto é que na maior parte do tempo, em grande parte de nossas vidas cotidianas, há uma enorme quantidade de coisas que fazemos, uma enorme quantidade com a qual estamos envolvidos, que não pensamos e que, quando questionados, podemos ter dificuldade em explicar. Como você soube entrar na sala pela porta? (Anderson; Harrison, 2010, p. 13).

Portanto, as teorias mais-que-representacionais buscam fugir do tradicional. Ao analisar algo, geralmente está em foco um acontecimento em um espaço-tempo, que é estudado como um recorte de uma cena que aconteceu. Segundo Lorimer (2005), o cerne da abordagem concentra-se na observação da manifestação e revelação da vida por meio de experiências compartilhadas, rotinas diárias, encontros efêmeros, movimentos corporais, desencadeadores pré-cognitivos, habilidades práticas, intensidades afetivas, impulsos de longa duração, interações corriqueiras e disposições sensoriais. A argumentação propõe que, ao direcionarmos nossa atenção para tais formas de expressão, podemos transcender o convencional paradigma acadêmico que busca desvelar significados e valores presumivelmente latentes, aguardando nossa descoberta, interpretação, julgamento e representação conclusiva.

Nesse sentido, as teorias mais-que-representacionais estão focadas em compreender os processos da vida cotidiana, em entender os espaços, estruturas, práticas e identidades, as relações sociais que produzem afetações no cotidiano, que são produzidas ou fomentadas por acontecimentos comuns (Paiva, 2017).

Nessa perspectiva, o enfoque se volta para os fluxos afetivos entre corpos e materialidades, amalgamando aspectos de significação representacional e elementos performativos mais-que-representacionais. É precisamente esse direcionamento para elementos que vão além da representação na dinâmica do cotidiano que culmina na formulação da teoria mais-que-representacional (Paiva, 2017). Ao abordar o conceito de paisagem para pessoas com deficiência visual, a ênfase da pesquisa recai na exploração da percepção, nos estímulos sensoriais, sonoros e táteis, transcendendo as limitações visuais e ampliando a compreensão mais-que-representacional da paisagem.

Essas considerações ressaltam a necessidade de reavaliar a concepção do campo, um dos pilares essenciais na prática da ciência geográfica. É reconhecido que

a visão do pesquisador é influenciada pelas interações tanto no ambiente acadêmico quanto no campo. Paiva (2017) questiona a abordagem linear que separa: (i) períodos de exploração teórica, nos quais o pesquisador estuda e revisa trabalhos acadêmicos; (ii) momentos de coleta de dados no campo; e (iii) fases de análise de dados, frequentemente realizadas na universidade. Essa sequência reflete a divisão cartesiana entre representação e realidade, fundamentada na ideia positivista de que teorias são concebidas como abstrações representativas, sendo os dados reais coletados posteriormente para validar ou refutar essas teorias.

As metodologias pensadas para realizar um campo com pessoas cegas são completamente diferentes das utilizadas com pessoas videntes, o que leva à busca por metodologias e teorias que abarquem e englobem o estudo proposto. Sobre a busca por um novo pensar sobre as pesquisas culturais, Claval (2008, p.28) destaca:

O que importa é explorar todas as avenidas que ela abre para a pesquisa: a significação de outros mundos na estruturação do nosso, o levar em conta o futuro, a curiosidade para a diversidade das sensibilidades humanas, a atenção para as iniciativas individuais e a consciência dos constrangimentos ligados à existência de normas e valores (Claval, 2008, p.28).

Por esses motivos, ao realizar uma pesquisa com pessoas com deficiência visual, a escolha pelas teorias mais-que-representacionais se faz pertinente. O trabalho com essas pessoas e a realização de atividades e saídas de campo envolvem a expressão de sentimentos, sensações e relatos dos participantes, que constroem uma compreensão da paisagem através de uma imersão sensorial plena. De acordo com Ingold (2000), a paisagem é uma totalidade integrada, vivenciada por meio de todos os sentidos e não restrita a um registro sensorial específico. Assim, as pessoas com deficiência visual não estão limitadas pela ausência da visão; elas experimentam a paisagem em sua plenitude, utilizando o tato, o olfato, a audição e a percepção cinestésica para construir uma compreensão rica e detalhada do ambiente. Essas experiências sensoriais proporcionam uma percepção única do espaço, que é profundamente pessoal e muitas vezes negligenciada pelas abordagens representacionais tradicionais.

No contexto da pesquisa geográfica, é fundamental reconhecer que a paisagem não é apenas um conjunto de imagens visuais, mas um espaço vivido e sentido através de múltiplos canais sensoriais. Trabalhar com pessoas com deficiência visual permite explorar essas dimensões de maneira mais profunda. Por exemplo, a textura de uma superfície, o som ambiente de uma área urbana ou rural,

os aromas característicos de certos locais e as variações de temperatura podem constituir elementos-chave na construção da paisagem para essas pessoas. Assim, as teorias mais-que-representacionais fornecem o arcabouço teórico adequado para abordar essas experiências que transcendem a representação visual.

No trabalho com paisagens, a questão da visão e da descrição se torna um desafio para pessoas com deficiência visual. Como ressalta Larsen (2019), na perspectiva dos estudos da paisagem, a teoria mais-que-representacional questiona o paradigma representacional que historicamente tem retratado as paisagens como construções discursivas e imagens estéticas, muitas vezes percebidas através de um olhar desapaixonado. Essa abordagem crítica abre espaço para considerar como as paisagens são percebidas e vivenciadas por aqueles que não dependem predominantemente da visão. Ao invés de serem apenas cenários visuais, as paisagens são entendidas como ambientes imersivos, onde múltiplos sentidos contribuem para a experiência espacial.

A inclusão de pessoas com deficiência visual nos estudos geográficos desafia os pesquisadores a reconsiderar os métodos de coleta de dados e análise. Por exemplo, metodologias que enfatizam a narração oral, a descrição sensorial e a cartografia tátil podem ser empregadas para captar as percepções dos participantes. Além disso, atividades como caminhadas sensoriais (*soundwalks*) e oficinas de mapeamento tátil podem enriquecer a compreensão da paisagem a partir de perspectivas não visuais.

Segundo Macpherson (2009), habilidades como a ecolocalização tornam-se cruciais para a navegação e interpretação do ambiente, suprimindo informações que poderiam ter sido obtidas pelo uso da visão. A ecolocalização, que envolve a emissão de sons e a interpretação dos ecos retornados, permite que indivíduos com deficiência visual percebam a proximidade e a natureza dos objetos ao seu redor. Além disso, a sensibilidade tátil é aprimorada, permitindo que texturas, formas e temperaturas sejam percebidas com maior detalhe. Esses mecanismos de percepção não apenas compensam a falta de visão, mas também proporcionam uma forma diferente de interação com o ambiente, que pode revelar aspectos negligenciados por aqueles que dependem principalmente da visão.

A cegueira, portanto, não é apenas uma perda total ou parcial da visão, mas representa uma maneira distinta de experienciar e compreender o mundo. Como aponta Rodaway (2002), a percepção multissensorial do espaço é fundamental para

todos os indivíduos, mas torna-se ainda mais evidente na experiência de pessoas com deficiência visual. Essa percepção inclui não apenas os sentidos tradicionais, mas também uma consciência espacial aprimorada, que envolve a interpretação de vibrações, fluxos de ar e outros estímulos ambientais.

Entretanto, há críticas a serem feitas às teorias mais-que-representacionais. Segundo Cosgrove (2012), os teóricos mais-que-representacionais frequentemente criticam a prevalência de uma abordagem excessivamente racional e científica da visão ao compreender as interações humanas com o mundo físico. Essa desconfiança em relação à visão tem raízes em diversas correntes teóricas. O feminismo da segunda onda e a teoria pós-colonial, nas décadas de 1980 e 1990, argumentaram que as formas predominantes de observação originadas nas teorias de perspectiva do Ocidente no século XV e sua associação com representações visuais como pintura, fotografia e cinema (assim como na cartografia) eram marcadas por características falocêntricas, colonialistas e calculistas. O conceito do "olhar", referindo-se a esse modo de observação e suas representações correlatas, era muitas vezes considerado como inerentemente voyeurista, dominador e exploratório, exigindo uma atitude de resistência (Cosgrove, 2012).

Essa crítica aponta para a necessidade de desconstruir os modos tradicionais de percepção que privilegiam a visão como sentido dominante, promovendo abordagens que valorizem outros sentidos e formas de interação com o espaço. As teorias mais-que-representacionais buscam justamente romper com essa hegemonia visual, enfatizando a importância das experiências sensoriais integradas e da corporeidade na construção do conhecimento geográfico.

Em um primeiro momento, pode-se perceber um certo condensamento nos textos das teorias mais-que-representacionais. Fundamentações teóricas e filosóficas complexas tornam o texto difícil, devido ao estilo rebuscado e a uma linguagem que pode afastar leitores iniciantes, algo que não é atrativo para ampliar sua influência na comunidade geográfica (Seemann, 2015). Para superar esse desafio, é necessário que os pesquisadores busquem traduzir esses conceitos em termos mais acessíveis e aplicáveis, facilitando a integração dessas teorias em pesquisas empíricas e práticas pedagógicas.

Além disso, é importante destacar que as teorias mais-que-representacionais não negam a importância das representações, mas propõem um complemento a elas, incorporando elementos como afetos, práticas corporais, emoções e outras

experiências sensoriais que enriquecem a compreensão do espaço geográfico. Essa abordagem permite uma leitura mais holística e inclusiva dos fenômenos espaciais, reconhecendo a diversidade de percepções e vivências dos indivíduos.

Ao concluir esta seção, fica evidente que as teorias mais-que-representacionais na Geografia não apenas desafiam conceitos tradicionais de mapeamento e representação espacial, mas também enriquecem significativamente a metodologia da pesquisa geográfica. Ao adotar uma abordagem que transcende a visão convencional, as teorias mais-que-representacionais oferecem uma lente única através da qual se pode compreender e interagir com o espaço. Isso é particularmente relevante em pesquisas com pessoas com deficiência visual, pois permite incorporar suas experiências sensoriais diversas e aprofundar a compreensão das múltiplas formas de perceber e construir a paisagem.

A incorporação dessas teorias nas pesquisas geográficas promove uma maior inclusão e diversidade epistemológica, reconhecendo que o conhecimento sobre o espaço não é monopólio da visão ou de perspectivas hegemônicas. Ao valorizar as experiências sensoriais e afetivas de todos os indivíduos, independentemente de suas habilidades sensoriais, abre-se caminho para uma geografia mais inclusiva e representativa das diferentes formas de interagir com o mundo.

Além disso, essa abordagem tem implicações práticas significativas, pois pode informar políticas públicas e intervenções urbanas que levem em consideração as necessidades e percepções de pessoas com deficiência visual. Por exemplo, o planejamento urbano pode ser aprimorado ao considerar a importância de elementos sonoros, táteis e olfativos na orientação e conforto das pessoas. A criação de espaços mais acessíveis e sensorialmente ricos beneficia não apenas aqueles com deficiência visual, mas a sociedade como um todo, promovendo ambientes mais humanos e inclusivos.

Não obstante, a relação da paisagem em suma, as teorias mais-que-representacionais expandem os horizontes da pesquisa geográfica, enfatizando a importância de uma abordagem multissensorial e experiencial do espaço. Ao reconhecer e valorizar as diversas formas de percepção e interação com o ambiente, a Geografia se torna mais capaz de compreender a complexidade do mundo em que vivemos e de contribuir para a construção de sociedades mais inclusivas e equitativas.

3.3 A VISÃO E O LUGAR DO OLHAR NA GEOGRAFIA

Dado que o objetivo desta pesquisa é compreender o que é paisagem para pessoas com deficiência visual, é essencial desenvolver uma abordagem investigativa que explore essa faceta teórica, na qual o sentido da visão está parcial ou totalmente ausente nas representações imagéticas.

O olhar na Geografia se desenvolve na medida em que se observa algo. As imagens vistas são representações que contam com o suporte de pessoas, objetos, situações e seus significados (Gomes, 2013). Portanto, nesta pesquisa, a interface da visão é fundamental para compreender como a paisagem é percebida por aqueles que não possuem a visão como sentido predominante.

As representações visuais são expressamente vinculadas à visão, sentido necessário para acessar a visibilidade das imagens, uma vez que a imagem em si se articula na relação entre o observador e o observado. Nesse sentido, podemos traçar um paralelo entre Meinig (2002) e Gomes (2013), em que ambos enfatizam o ponto referencial do olhar/forma de ver como primordial para entender o que está sendo observado.

Gomes (2013) afirma que o enredo em que a trama dos acontecimentos se desenvolve influencia a situação proposta, na qual o lugar físico e a materialidade, juntamente com a situação em que o objeto é exibido, são elementos que se unem para criar uma compreensão do que está sendo observado. Nesse sentido, quando discutimos a paisagem em um sistema intrincado entre o observador e a paisagem em si, nossos processos de olhar não são meramente ao acaso, mas sim guiados por propósitos racionais, que se revelam após uma primeira observação e se aprofundam na essência do real para entender o que se vê (Meinig, 2002).

Para tanto, Gomes (2013) demonstra, através do conceito de "cenário", como a organização das pessoas, das coisas e dos comportamentos se constitui no espaço. A imagem e os elementos que compõem a cena nunca estão desassociados do lugar onde são exibidos. Gomes (2013, p.31) afirma:

Por isso há sem dúvidas, uma geografia que participa diretamente da produção de significações que nos vinculam as imagens. É todo esse imenso campo de estudos que cabe aos geógrafos que trabalham, direta ou indiretamente, com imagens desbravar e investigar.

Para Meinig (2002), essa visão é fruto da ciência, a qual, através do olhar, transcende a simples existência da matéria para compreender as coisas que não

estão aparentes a olho nu. De forma semelhante, Gomes (2013) afirma que as imagens sempre operam e são regidas por uma lógica de mostrar e esconder coisas, o que cria uma atitude desigual em relação ao fenômeno visual. Portanto, o ato físico de olhar exige pouco critério, fazendo-nos interessar por aquilo que retiramos do fluxo contínuo do "apenas" olhar. Gomes (2013, p.32) afirma:

A diferença entre olhar e ver consiste, portanto, no fato, de que o olhar dirige o foco e os ângulos de visão, constrói um campo visual; ver significa conferir atenção, notar, perceber, individualizar coisas dentre desse grande campo visual construído pelo olhar.

Nesse sentido, ao lançar à luz dessas afirmações sobre a pergunta principal desta pesquisa, podemos obter alguns insights sobre o que é a paisagem para pessoas com deficiência visual, associado aos dados de entrevistas e caminhadas com os participantes.

Assim como, uma pessoa com visão normalmente está constantemente realizando o ato físico contínuo de olhar, mas apenas dá atenção àquilo que lhe interessa e está relacionado com o que se mostra e se esconde na paisagem (Gomes, 2013), a pessoa com deficiência visual utiliza todos os seus sentidos conforme seu interesse em extrair informações do fluxo do cenário em que está inserida. Nessa lógica, diferentes pessoas com graus variados de limitação e perda de visão compreendem a paisagem elaborada por aquilo que interage com os seus outros sentidos, e não a visão.

O ato de olhar pode ser deixado de lado ao analisar a paisagem nesse contexto. Besse (2010) aponta que, antes mesmo de instituir qualquer experiência visual sobre a paisagem, ela é primeiramente "expressão", a expressão de existência. Essa expressão da paisagem pode ser dissociada do mero espetáculo visual quando observada por meio de outros sentidos utilizados por pessoas com deficiência visual. Sobre essa questão, Gomes (2013, p.32) afirma:

O ato físico de olhar é pouco criterioso e se nutre de um homogêneo e generalizado desinteresse. O olhar percorre e não se fixa. Por isso ver algo significa extraí-lo dessa homogeneidade indistinta do olhar, significa conferir atenção. Tratar esse algo como especial (Gomes, 2013, p.32).

Nesse sentido, entender qual é a trama por trás dos elementos que atraem atenção e interagem com as pessoas com deficiência visual é importante para a compreensão desta pesquisa e para um melhor entendimento do conceito. Portanto, segundo Nabozny (2011), a paisagem é a materialização da ação social, manifestada como fenômeno da própria existência social. Ao conceber uma "dupla existência" da

paisagem - também como uma representação racional, ou seja, um modelo conceitual para os estudos geográficos - amplia-se a compreensão deste conceito.

3.4 PAISAGEM COMO ENGAJAMENTO DOS CEGOS NO MUNDO

A partir dos exercícios de campo, das caminhadas e do convívio na APADEVI, constatou-se que os usuários com deficiência visual, com cegueira congênita ou adquirida, constroem paisagens por meio de um entrelaçamento entre: audição, olfato, tato, percepção cinestésica, memória espacial, afetos, familiaridades e relações sociais.

No Capítulo II, vimos como a ausência da visão não impede o indivíduo de se orientar, compreender e criar significados sobre o ambiente. Ao contrário, a paisagem “sem o olhar” revela-se plena e integrada. Por exemplo, ao caminhar no Parque Monteiro Lobato, os usuários captaram elementos espaciais através do som dos pássaros, do tato da grama, do cheiro das plantas e da textura dos brinquedos, da memória que se tinha quando ainda eram videntes. Ao descreverem o espaço ao seu redor, a paisagem não está como centralidade, mas sim o meio pelo qual a vivências dos participantes estava acontecendo, estando englobados pela paisagem, sendo elementos constituintes dela.

O cotidiano da APADEVI, com suas mudanças de sala, rotinas, anotações de campo e conversas, evidenciou que a familiaridade espacial é fundamental. Pessoas com deficiência visual constroem mapas mentais, associam sons a lugares, reconhecendo-as, pelas variações de piso, correntes de ar, cheiros específicos. Assim, a paisagem não é um conceito abstrato, mas uma experiência multissensorial, moldada pela prática habitual, pela memória corporal e pela interação com objetos e pessoas.

Essa construção empírica da paisagem pelos cegos questiona diretamente a noção de que a paisagem é essencialmente visual. Ao contrário, mostra-nos que a visão é apenas um dos modos possíveis de se relacionar com o espaço. Se na abordagem clássica a paisagem dependia do olhar para ser compreendida, e se nas abordagens mais-que-representacionais já havia um caminho aberto para perceber a paisagem como prática, a experiência dos cegos a amplia ainda mais. Eles demonstram que, mesmo sem ver, habitam, reconhecem, mapeiam e atribuem significados ao espaço. A paisagem, portanto, não é um objeto fixo aos olhos de quem observa, nem uma simples cena. É um mundo vivido, sentido integralmente, tecido

pela experiência sensorial total. Não é apenas um dos sentidos que se destaca, estamos imersos na paisagem, afetando e sendo afetados, a vivência se dá no meio. Essa imersão tem uma relação intrínseca entre corpo e paisagem, enfatizando a co-constituição do corpo e do ambiente através do movimento (Macpherson, 2010).

Podemos observar três níveis de diálogo na construção da paisagem: 1º- “Paisagem Clássica”, vinculada à visão e à representação pictórica, entendida como um objeto visto de fora, muitas vezes reduzida a um painel visual ou a um quadro contemplado à distância; 2º- “Paisagem Mais-Que-Representacional”, que desloca o debate da esfera da imagem para a da prática, do acontecer sensorial, onde não é apenas o que é visto, mas o que é sentido, vivido e performado pelos corpos, enfatizando que já não basta a visão, pois todos os sentidos importam; 3º- “Paisagem dos deficientes visuais”, na qual a essa pesquisa, traz um aprendizado de que a paisagem não se limita à hierarquia da visão frente a outros sentidos, confirmando o que as teorias mais-que-representacionais sugerem: a paisagem é multissensorial, relacional e processual. As pessoas cegas vivenciam a paisagem através da sonoridade, do tato, do olfato, da temperatura, da memória pessoal e dos afetos, decifrando e construindo o espaço sem a pretensa superioridade do olhar.

Este capítulo consolidou a contribuição empírica do trabalho com pessoas com deficiência visual para o debate teórico da paisagem na Geografia. Ao serem integrados ao corpus teórico, esses aportes empíricos demonstram que a paisagem não pode ser reduzida a um objeto estático a ser visto, nem mesmo apenas a uma multiplicidade de representações. Ela é um fazer cotidiano, um sentir constante, um entrelaçar de sentidos. É a paisagem em sua totalidade vivencial, que a pesquisa de campo revelou de forma explícita e contundente.

CONCLUSÃO: PAISAGEM COMO FRAGÂNCIA DA ALMA

Tradicionalmente, conforme apontado por Cosgrove (1984, 2012), a paisagem tem sido entendida predominantemente através de uma ótica visual, centrada no olhar do observador e na representação pictórica do espaço. Essa abordagem, embora fundamental para a formação do conceito de paisagem, limita-se a uma dimensão sensorial restrita, desconsiderando a riqueza das experiências corporais e sensoriais que outras categorias de indivíduos, como os cegos, vivenciam.

O primeiro objetivo específico desta dissertação foi compreender os diferentes modos de percepção da paisagem por indivíduos com deficiência visual. Através das conversas e vivências com os usuários da APADEVI, ficou evidente que a percepção da paisagem varia significativamente conforme o tipo de deficiência visual, as experiências pessoais de cada indivíduo e o contexto em que estão inseridos. As interações revelaram que, para pessoas com deficiência visual, a paisagem não se resume a uma visão estática, mas é composta por múltiplos sentidos e é, muitas vezes, construída a partir das experiências vividas e das memórias sensoriais.

O segundo objetivo específico propôs investigar quais elementos constituem as paisagens para pessoas com deficiência visual. As respostas a essa questão se desdobraram a partir das rotinas diárias dos usuários, que, em suas falas, detalharam os diversos elementos que percebem e utilizam para construir sua compreensão da paisagem. Através do tato, da audição, do olfato e do próprio movimento no espaço, os participantes revelaram como identificam e organizam o ambiente ao seu redor. A paisagem, portanto, se configura não apenas a partir da visão, mas de uma interação sensorial ampla e dinâmica, que envolve a percepção de texturas, sons e até mesmo odores.

O terceiro objetivo específico foi explorar as diferenças na percepção e construção do conceito de paisagem entre pessoas com cegueira congênita e cegueira adquirida. As caminhadas realizadas dentro da instituição demonstraram que indivíduos com cegueira congênita, por não terem experiências visuais anteriores, tendem a construir a paisagem a partir de outros sentidos de maneira mais integradora e abstrata. Já aqueles com cegueira adquirida, que tiveram experiências visuais no passado, frequentemente mantêm uma imaginação da paisagem que reflete suas lembranças visuais, ajustadas pelas novas formas de percepção adquiridas após a perda da visão. Essas diferenças destacam como a história individual e as

experiências de vida influenciam a forma de construir a paisagem, revelando a complexidade e a subjetividade da percepção visual em diferentes contextos.

O objetivo geral que guiou a presente dissertação foi o de compreender o que é paisagem para os deficientes visuais usuários da APADEVI/PG, todo o trabalho realizado com os usuários da APADEVI evidenciou que a paisagem não se restringe àquilo que pode ser visto, mas se manifesta de maneira seletiva através de outros sentidos, como audição, olfato e tato, bem como através da memória corporal e afetiva. Os participantes demonstraram que a paisagem para eles é construída por meio de uma interação contínua com o ambiente, onde cada sentido contribui para uma compreensão e navegação espacial. Essa interação e percepção multissensorial não apenas desafia a visão clássica da paisagem, mas também a enriquece, ampliando a gama de sentidos considerados na análise geográfica.

Contudo, se a Geografia é profundamente associado há um pensamento visual, e por vezes as ideias de comprovação autoevidente em que a paisagem encarna essa forma de pensar, é válido tensionarmos a partir da conversa com W: “A visão é a maneira mais prática e fácil de você se localizar, né? Você não precisa usar tanto os outros sentidos, você basicamente só vê e já sabe. Tem noção de onde está cada objeto”. Assim desde a adaptação dos “*récents cegos*” com os veteranos na instituição, às relações de constância de disposição dos objetos é que ampliam que o conceito de visão não está apenas associado ao olho, finalmente remetem a paisagem como uma forma de se localizar dos deficientes visuais. A segurança, o reconhecimento dos padrões, a confiança nas narrativas dos videntes, a interação mediata por bengalas, constituem os sentidos necessários para que a localização viabilize os deslocamentos, a locomoção, constituindo desse modo em algo especial a ser considerado tanto na educação dos deficientes visuais, quanto nas políticas públicas de acessibilidade.

Além disso, as caminhadas realizadas no campo revelaram que a familiaridade com o espaço e a rotina de deslocamento são elementos fundamentais na construção da paisagem para os cegos. A habilidade de mapear mentalmente o ambiente através de estímulos sensoriais e práticas de mobilidade corrobora as afirmações de Macpherson (2010) sobre a paisagem como um processo dinâmico e relacional, onde corpo e o ambiente estão em constante co-construção.

Por sua vez, o movimento intrínseco a caminhada colocou em evidência a paisagem como parte fundamental para a mobilidade dos cegos. Tal qual argumenta

Tim Ingold (2000) o movimento através do espaço não é apenas uma forma de deslocamento, mas uma forma de engajamento que co-constitui o indivíduo e o ambiente. Por outro lado, entender e ampliar a ideia de paisagem a partir da experiência espacial e sensorial, por meio dos rastreamentos das bengalas que são ao mesmo tempo extensão do corpo, são meios pelos quais se promover o engajamento dos usuários da APADEVI como o mundo. Algo que não se deu por meio de elucubrações aprioristas, mas a partir daquilo que Thrift (2008) caracterizou como um conhecimento do mundo banal.

Em suma, o diálogo entre a paisagem clássica, a abordagem mais-que-representacional e as experiências empíricas dos cegos permitiu provocar a representações conceituais de paisagem na ciência geográfica. A contribuição dos participantes da APADEVI não apenas desafia a primazia do visual, mas também ilumina novas dimensões corporificadas que enriquecem a compreensão geográfica do espaço. Essa ampliação conceitual é essencial para uma Geografia mais inclusiva e representativa, capaz de captar a diversidade de experiências humanas e de promover um entendimento mais abrangente e profundo das interações entre indivíduos e seus ambientes.

REFERÊNCIAS

- ALVES, D. A.; MORAIS, G. B. S.; SILVA, W. N. O ensino de geografia para deficientes visuais: considerações sobre impedimentos e caminhos. *In: III CONEDU – Congresso Nacional de Educação*, 2016. **Anais [...]** Natal: Realize Editora, 2016.
- ANDERSON, B; HARRISON, P. **Taking-Place: non-Representational Theories and geography**. Reino Unido: Taylor & Francis group, 2010.
- APADEVI. **Projeto Político Pedagógico PPP Período: 2019 até 2021**. Ponta Grossa, 2018.
- ARRUDA, L. M. S. **O ensino de geografia para alunos deficientes visuais: metodologias para abordar o conceito de paisagem**. 2014. Dissertação (Mestrado em Geografia) - Universidade Federal de Uberlândia, Uberlândia, 2014.
- BESSE, J. M. Ver a Terra: seis ensaios sobre a paisagem e a geografia. **GEOgraphia**, v. 8, n. 15, 2010.
- BRASIL. **Convenção sobre os Direitos das Pessoas com Deficiência e Lei Brasileira de Inclusão**. 2016. Disponível em: <https://www.mds.gov.br/webarquivos/Oficina%20PCF/JUSTI%C3%87A%20E%20CIDADANIA/convencao-e-lbi-pdf.pdf>. Acesso em: 22 jan. 2025.
- CABRAL, D. **Imperial Instituto dos Meninos Cegos**. 2015. Disponível em: <http://mapa.an.gov.br/index.php/menu-de-categorias-2/327-imperial-instituto-dos-meninos-cegos>. Acesso em: 12 nov. 2023.
- CARVALHO, S. M.; CAVICCHIOLI, M. A. B.; CUNHA, F. C. A. Paisagem: evolução conceitual, métodos de abordagem e categoria de análise da Geografia. **Formação**, v. 2, n. 9, 2002.
- CLAVAL, P. A paisagem dos geógrafos. *In: CORRÊA, R. L.; ROSENDAHL, Z. Paisagens, textos e identidade*. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2004.
- CLAVAL, P. **Epistemologia da Geografia**. Florianópolis: Ed. da UFSC, 2011.
- CLAVAL, P. **Uma, ou algumas, abordagem (ns) cultural (is) na geografia humana. Espaços culturais: vivências, imaginações e representações**. Salvador: EDUFBA, p. 13-29, 2008.
- CLOKE, P; CRANG, P; GOODWIN, M. **Envisioning human geographies**. Londres: Arnold, 2004.
- CONDE A. J. M. **Definição de cegueira e baixa visão**. 2023. Disponível em: http://antigo.ibc.gov.br/images/conteudo/AREAS_ESPECIAIS/CEGUEIRA_E_BAIXA_VISAO/ARTIGOS/Def-de-cegueira-e-baixa-viso.pdf. Acesso em: 08 dez. 2023.
- CORREIO DOS CAMPOS. **Parque Monteiro Lobato recebe feira de adoção e bota fora de eletrônicos**. 2023. Disponível em:

<https://correiodoscamos.com.br/ponta-grossa/2023/02/20/parque-monteiro-lobato-recebe-feira-de-adocao-e-bota-fora-de-eletronicos>. Acesso em: 24 jan. 2025.

COSGROVE, D. A geografia está em toda parte: cultura e simbolismo nas paisagens humanas. In: CORRÊA, R. L.; ROZENDAHL, Z. **Paisagem, tempo e cultura**. Rio de Janeiro: Eduerj, 1998.

COSGROVE, D. **Geography & vision: seeing, imagining and representing the world**. New York: I. B. Tauris & Co. Ltd, 2012.

COSGROVE, D. **Social Formation and Symbolic Landscape**. Londres: The University of Winsconsin Press, 1984.

DORNELLES, T. G. **"Você está indo para onde?": relações afetivas do corpo-paisagem de pessoas cegas na cidade**. 2021. Dissertação (Mestrado em Geografia) - Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2021.

FRANCO, J. R.; DIAS, T. R. S. A pessoa cega no processo histórico: um breve percurso. **Benjamin Constant**, n. 30, 2005.

FERREIRA, J. **Parque Monteiro Lobato no Bairro Jardim Carvalho em Ponta Grossa Paraná**. 2023. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=sLBpbmrm-1s>. Acesso em: 24 jan. 2025.

GOMES, P. C. C. **O lugar do olhar: elementos para uma geografia da visibilidade**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2013.

IBGE. **Revistas do Senso**. 2010. Disponível em: <http://www.ibge.gov.br/censo/>. Acesso em: 09 mar. 2022.

INGOLD, T. **Being Alive: Essays on Movement, Knowledge and Description**. London: Routledge, 2011.

INGOLD, T. Against soundscape in Autumn leaves: Sound and the environment. **Artistic practice**, 10-13, 2007.

INGOLD, T. **The Perception of the Environment: Essays on Livelihood, Dwelling and Skill**. London: Routledge, 2000.

JANELA da alma. Direção: João Jardim; Walter Carvalho. Brasil: Espaço Filmes, 2001. 1 DVD (73 min.).

LACOSTE, Y. **A Geografia - isso serve, em primeiro lugar, para fazer a guerra**. São Paulo: Papirus, 1988.

LACOSTE, Y. A pesquisa e o trabalho de campo: um problema político para os pesquisadores, estudantes e cidadãos. **Boletim Paulista de Geografia**, n. 84, p. 77–92, 2017.

LARSEN, J. 'Running on sandcastles': energising the rhythm analyst through non-representational ethnography of a running event. **Mobilities**, v. 14, n. 5, p. 561- 577, 2019.

LEÃO, G. B. O. S.; SOFIATO, C. G. A educação de cegos no Brasil do século XIX: revisitando a história. **Revista brasileira de educação especial**, v. 25, n. 2, p. 283-300, 2019.

LE MOS, E. R.; CERQUEIRA, J. B. O sistema braille no Brasil. **Benjamin Constant**, n. 2, 1996.

LOGICALLY FALLACIOUS. **Texas Sharpshooter Fallacy**. 2022. Disponível em: <https://www.logicallyfallacious.com/logicalfallacies/Texas-Sharpshooter-Fallacy>. Acesso em: 23 jan. 2025.

LOMBARDI, A. **Espaços cotidianos das pessoas com deficiência: contribuição para uma geografia da deficiência brasileira**. 2018. Tese (Doutorado em Geografia) - Universidade Estadual de Ponta Grossa, Ponta Grossa, 2018.

LORIMER, H. Cultural geography: the busyness of being 'more-than-representational'. **Progress In Human Geography**, v. 29, n. 1, p. 83-94, 2005.

MACPHERSON, H. Articulating Blind Touch: Thinking through the Feet. **Senses & Society**, v. 4, n. 2, p. 179-194, 2009.

MACPHERSON, H. Cultural geographies in practice: between landscape and blindness: some paintings of an artist with macular degeneration. **Cultural geographies**, v. 15, n. 2, p. 261-269, 2008.

MACPHERSON, H. Guiding visually impaired walking groups: Intercorporeal experience and ethical sensibilities. *In*: **Touching space, placing touch**. Routledge, 2016a. p. 131-150.

MACPHERSON, H. **Landscapes of blindness and visual impairment: sight, touch and laughter in the English countryside**. 2007. Tese (Doutorado em Geografia) - Universidade de Newcastle, Newcastle, 2007.

MACPHERSON, H. Non-Representational Approaches to Body–Landscape Relations. **Geography Compass**, v. 4, n. 1, 2010.

MACPHERSON, H. Walking methods in landscape research: moving bodies, spaces of disclosure and rapport. **Landscape Research**, v. 41, n. 4, 2016b.

MAJEROVA, H. The person in a situation of visual impairment and its perception and imagination from the qualitative viewpoint. **Procedia-Social and Behavioral Sciences**, v. 237, p. 751-757, 2017.

MEINIG, D. W. O olho que observa: dez versões da mesma cena. **Espaço e Cultura**, n. 13, 2002.

NABOZNY, A. **Abordagens culturais na geografia brasileira: uma compreensão**. 2014. Tese (Doutorado em Geografia) - Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2014.

NABOZNY, A. Da paisagem como olhar do geógrafo à paisagem como olhar os olhares dos outros. **Geografia Ensino & Pesquisa**, v. 15, n. 1, 2011.

O ENIGMA de Kaspar Hauser. Direção: Werner Herzog. Alemanha: Werner Herzog Filmproduktion, 1974. 1 DVD (110 min.).

PAIVA, D. Teorias não-representacionais na geografia I: conceitos para uma geografia do que acontece. **Finisterra**, v. 52, n. 106, p. 159-168, 2017.

PAIVA, D. Teorias não-representacionais na geografia II: métodos para uma geografia do que acontece. **Finisterra**, v. 53, n. 107, p. 159-168, 2018.

PINK, S. **Doing Sensory Ethnography**. London: SAGE Publications, 2009.

PONTES, H. S.; MASSUQUETO, L. L.; KÖENE, R. Aspectos gerais da Furna do Bugio, Município de Ponta Grossa: novo registro de dolina em arenitos quartzosos nos Campos Gerais do Paraná. In: IX SINAGEO – 9º Simpósio Nacional de Geomorfologia, 2012. **Anais [...]** Rio de Janeiro, 2012.

RODAWAY, P. **Sensuous geographies: body, sense and place**. Londosn: Routledge, 2002.

ROMA, A. C. Breve histórico do processo cultural e educativo dos deficientes visuais no Brasil. **Revista Ciência Contemporânea**, v. 4, n. 1, p. 1-15, 2018. Semestral.

ROSSI, D. R. **Geografia multissensorial: uma contribuição para o ensino de pessoas deficientes visuais**. 2015. Tese (Doutorado em Geografia) - Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2015.

SALGUEIRO, T. B. Geografia e paisagem. **Revista Finisterra**, v. 36, n. 72, 2001.

SASSI, B. S.; NABOZNY, A.; CHAGAS, B. I. L. O corpo-sujeito, interconexões entre paisagem, assemblage e a rua — um exercício metodológico propositivo. **Percursos**, v. 22, n.48, p. 456-483, 2021.

SEEMANN, J. O fim das representações na geografia cultural? In: Romancini, S. R.; Rossetto, O. C.; Nora, G. D. **As representações culturais no espaço: perspectivas contemporâneas na geografia**. Porto Alegre: Imprensa Livre, 2015.

SPRINGGAY, S.; TRUMAN, S. E. **Walking methodologies in a more-than-human world: WalkingLab**. London: Routledge, 2017.

SUERTEGARAY, D. M. A. Pesquisa de campo em Geografia. **GEOgraphia**, v. 4, n. 7, p. 64-68, 2002.

THRIFT, N. **Non-representational Theory: space, politics, affect**. Oxon: Routledge, 2008.

TORRES, M. Sobre as fronteiras da paisagem: diálogos e construções. **Fronteiras da paisagem. Campo Mourão: Fecilcam**, p. 11-18, 2022.

VASCONCELOS, T.; CAMPOS, A. A. C.; CELERI, M. J. Abordagem da paisagem para alunos com deficiência visual: caminhos para um currículo que vá além da geografia tradicional. **Geosaberes: Revista de Estudos Geoeducacionais**, v. 10, n. 20, 2019.

VON DER WEID, O. **“Visual é só um dos suportes do sonho”: práticas e conhecimentos de vidas com cegueira.** 2014. Tese (Doutorado em Antropologia Cultural) - Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2014.

APÊNDICE A – TRANSCRIÇÃO EXERCÍCIO NA APADEVI

Caminhada com G

T: Então o seguinte, como é que é teu nome e tua idade?

G: Meu nome é Gabriel Filippo Fonseca, tenho 26 anos.

T: Certo, Gabriel.

T: Gabriel, o que você faz da vida?

G: Eu sou formado em jornalismo, já fiz uma pós-graduação a pouco tempo em gestão, comunicação e marketing no esporte pelo Centro Universitário Uninter. Atualmente eu participo aqui da APADEVI de diversas atividades, como por exemplo do Centro do Dia e da natação, do atletismo e do GoallBall. Essas atividades que eu tenho feito atualmente.

T: Certo. Peraí, vamos caminhar um pouquinho mais pro lado aqui que tem bastante... vamos voltar aqui pra... Sabe a direção do parquinho das crianças ali?

G: Não lembro.

T: É pra tua direita. Só que vamos ter que voltar para trás aqui porque tem esse degrau aqui.

G: Eu fui lá mas não lembro.

T: Pode virar em direção como se fosse entrar, totalmente pra você entrar.

G: Você já está gravando?

T: Estou gravando.

T: Vamos ali que não tem ninguém, dá pra nós ficarmos tranquilos.

G: Tá certo.

T: A parede está à tua direita.

G: Aí então?

T: Dá pra irmos andando pra cá, seguindo a parede, não tem ninguém.

T: Certo, Gabriel?

G: Sim.

T: Você consegue se localizar? O que você usa pra se localizar nesse lugar que a nós estamos?

G: Eu estou usando a bengala para me localizar, estou usando pra rastrear objetos e ambientes também. Eu estou usando a bengala e estou deslizando para rastrear os ambientes, rastrear também os locais, objetos. Aqui fora é dessa forma que eu estou fazendo.

T: Certo, Gabriel. E agora uma outra pergunta pra você, que é a seguinte: pra você, o que é visão?

G: Bom, pra mim que eu nunca enxerguei, se torna mais complexo responder, porque pra pessoa enxergar algo depende da luz, depende também da retina, também depende de imagens. É um conceito que se torna complexo de se dizer se for pensando de forma científica, porque a pessoa com deficiência visual, se for pensando bem, ela tem os sentidos mais apurados, como por exemplo, o fato, a audição, o paladar, o tato, que acaba compensando ou a perda da visão ou também quando a pessoa nasce cega, como é o meu caso, eu nasci cego.

T: Certo, Gabriel. Muito obrigado, Gabriel, por participar, eram essas três perguntas apenas, eram perguntas bem gerais assim nesse sentido e eu agradeço a tua participação. Muito obrigado, Gabriel.

G: De nada.

Continuação conversa com G

G: Ficando de forma mais completa quando alguém me fala, por exemplo, se me falaram que a bandeira do Brasil é verde, amarelo, azul e branco e se eu aprendi isso na escola, eu vou lembrar dessa forma. Por exemplo, não tendo muito a ver, mas por exemplo, que o céu é azul, que é o básico do básico, mesma coisa, o time que eu torço que é o Corinthians, eu sei que é preto e branco porque me falaram.

T: E como é que você imagina a cor, como é que você diferencia uma cor da outra?

G: Não, eu não consigo diferenciar, ou melhor, eu não tenho como diferenciar porque eu não tenho a noção exata das cores quando não é do sentido mais concreto ou quando falam para mim. Você torna bem complexo.

T: Como é que cor você está usando agora?

G: Não sei.

T: Você está com uma roupa inteira preta.

G: Aham, certo.

T: Toda preta. Você está com a jaqueta preta, camisa preta, calça preta, tênis preto.

G: Entendi.

T: Você sente também a diferença... Eu estava pesquisando sobre pessoas que nunca enxergaram e como é que eles veem cor e aí eu caí na... não sei se vocês conhecem o Lucas Radaeli.

G: Não, nunca ouvi falar.

T: Ele é um rapaz que é cego, nunca enxergou também e ele é bem famoso no YouTube e no Instagram, sabe? E aí ele fala que ele só sabe a cor que ele está usando por conta do calor, assim. Se está calor, ele sabe que talvez ele esteja com a roupa preta porque está esquentando muito e quando está muito quente ele vai de branco porque sabe que não esquentaria tanto, ele falou que é o único jeito que ele sabe diferenciar através da sensação térmica.

G: Interessante.

T: É diferente.

G: É diferente mesmo. Vou pesquisar esse youtuber que você falou.

T: É, o Lucas Radaeli ele é programador, ele é programador e ele trabalha no Google, ele trabalha no Google, ele é técnico de T.I no Google.

G: Interessante.

T: É, é bem da hora ele. Nossa, ele é muito, muito massa. E o que mais de diferente de cor assim que você também acha complexo, Gabriel?

G: É isso basicamente.

T: As cores não têm diferença.

G: Pouca diferença. Só se falarem para mim, na verdade, do que se trata, que daí eu tenho que memorizar como se estivesse decorando.

T: Tipo laranja, maçã.

G: Não, se falarem que determinada coisa tem determinada cor, eu tenho que memorizar isso que me falaram.

T: Aham.

G: Tem que confiar.

T: Para você não...

G: Tem que confiar nos que enxergam.

T: Certo. Quando você está imaginando, por exemplo, já foi para a praia?

G: Aham, sim, já.

T: Como é que é para você imaginar as cores da praia e da composição? De que forma assim que você está sentado na areia?

G: Eu já conheço a praia, já fui em várias.

T: Aham.

G: Para mim é mais fácil de imaginar porque eu já tenho a noção de como é, já tenho a noção do barulho do mar, já tenho a noção da textura da areia, já tenho a noção dos ambientes que compõem a praia, daí para mim é mais fácil de saber. Tendo noção é possível saber, é possível imaginar.

T: Essa noção é porque você já esteve lá e já sentiu, né?

G: Sim, já tive e senti.

T: Mas e se isso for um lugar que você nunca foi, mas só estão descrevendo para você e só falando assim, por exemplo, se você nunca tivesse ido na praia, mas falasse para você que a areia tem a cor amarelo queimado, o mar é azul, o céu é azul...

G: Se eu tivesse visto uma audiodescrição assim, ficaria curioso para ir conhecer. Verdade, ficaria curioso para conhecer.

T: Certo. E teus familiares, como é que você imagina isso? Só uma curiosidade.

G: *Eu imagino pelo que eles me falam com relação à cor de pele, pela aparência também, por ter já sentido, com o tato, as mãos de algumas pessoas ou até mesmo o rosto, é bem complexo de se dizer, de se definir, mas conversar, não, conversar com a minha família é tudo normal, com o meu pai, com a minha mãe, tudo tranquilo e com os demais familiares também, mas eu tenho que também ter a noção da rotina desses familiares, o que eles fazem para tentar imaginar algo. Algo ou coisas.*

Caminhada com W

T: *Tudo bem, o Alan? Como é que você está?*

W: *Tudo bem.*

T: *Como é que é o seu nome e sua idade?*

W: *W tenho 21 anos.*

T: *Certo. Será que a gente pode caminhar um pouquinho aqui pela APADEVI e conversar um pouco assim?*

W: *Claro.*

T: *Então bora então, vamos conversando. E aí W, como é que você está hoje? Está tranquilo?*

W: *Estou tranquilo.*

T: *W, me responde uma coisa assim, se fosse perguntar para você, o que você faz da vida? O que vocêalaria para mim?*

W: *Ah eu tento seguir a vida, né cara? Eu procuro evoluir na minha parte acadêmica, na minha parte adaptativa.*

T: *Aham.*

W: *Tento viver ao máximo que consigo.*

T: *Acho que vamos para lá, que aqui tá com as crianças e daí elas ficam falando.*

T: *Certo. E você está fazendo faculdade? O que você está fazendo?*

W: *No momento eu não estou fazendo nada, cara. No momento eu estou em tratamento, to em recuperação. Não tenho uma data específica para voltar a estudar.*

T: *E você terminou o ensino médio?*

W: *Sim, terminei em 2019.*

T: *Certo, e W, quando você consegue se localizar bem aqui pela APADEVI? Se eu perguntar para você que parte que é essa da APADEVI você sabe me informar bem?*

W: *Consigo consigo, eu já conheço o local, tenho um pouco de visão, então dá para se localizar bem.*

T: *Certo. E para você, já que você falou que tem um pouco de visão, o que é visão?*

W: *A visão é a maneira mais prática e fácil de você se localizar, né? Você não precisa usar tantos outros sentidos, você basicamente só vê e já sabe, tem noção de onde está cada objeto.*

T: *Certo. Muito obrigado, W*

W: *De nada.*

Conversa com C

T: *Tudo bem, Christopher? Como é que você está?*

C: *Estou bonito.*

T: *Está bonito?*

C: *Sim.*

T: *Como é que é o seu nome e sua idade?*

C: *C, tenho 40 anos.*

T: *40 anos. Beleza, C. e o que você faz da vida, C?*

C: *Sou paratleta do Goalball. Faço faculdade, né? Educação física, no segundo ano e no quarto período e passeio bastante.*

T: *Passeia bastante? Certo, mas me conte um pouco mais sobre você, sobre a tua trajetória de vida. Como é que você me descreveria?*

C: *Eu sou do estado de São Paulo, né? Araraquara.*

T: Ah, você é de São Paulo? Eu não sabia disso.

C: Eu morei lá 26 anos. Na cidade mesmo da família, depois, como paratleta, eu fui para a cidade vizinha, Boa Esperança do Sul e depois eu vim parar aqui, em Ponta Grossa porque eu tenho tio, avó, tia, avó, então, eu conheci a cidade e gostei. Comecei a vir passear uma vez, duas, três até que vim com mala e cuia e vim morar pra cá.

T: Que legal.

C: Aí, sou cego desde 2005, 26 de abril de 2005. Sou prematuro, né? 6 meses e 15 dias, queimou a retina na incubadora e a esquerda deu cegueira total na hora e a direita eu perdi em 2005. Eu fiz cirurgia no Hospital Santa Cruz, em São Paulo, na capital, mas não voltou. Tenho retinose pigmentar, aí eu tenho catarata e tenho cicatriz no fundo do olho, né?

T: Aham. Certo, e se eu for perguntar pra você, assim... Que local que é esse que você está, você consegue me dizer?

C: Da APADEVI?

T: É, que local que é esse que você está, assim da APADEVI?

C: Da calçada daqui de fora, assim, tudo assim? Tranquilo, isso daí, pra mim, não tem problema, que nós saímos da APADEVI às esquerdas. Nós estamos próximos às esquinas que se virar à esquerda, também subir pra subir na vera, etc. Essa parte eu tenho bastante conhecimento.

T: E como é que você se localiza, assim, ao certo?

W: Eu presto atenção muito no vento, o calor, tudo assim, conforme tá, né? Eu vim de lá pra cá, tenho o som do cachorro, ficou a voz deles lá pra trás, então... Eu presto atenção em tudo que tá ao redor.

T: Aham. E pra você, Christopher, o que que é a visão?

C: Visão? Eu já ouvi uma frase, que a visão, ela era a janela da alma, né? Mas hoje, pela vivência que eu tenho, eu considero que a mente é a janela da alma. Enquanto a mente estiver funcionando, você faz de tudo. Os olhos param de funcionar, você perde aquele encanto de olhar a pessoa nos olhos, de alguns detalhes assim que é fantástico de se ver, mas você não perde ainda a fragância da vida, né? O olho, ele traz a fragância pra vida. Ele te dá aquele perfume, ele te dá aquele brilho. Muitas coisas assim, tanto que... Como o famoso ditado, né? Quando eu joguei bola, algumas coisas que eu fiz... Por olhar, você já conhecia o que a pessoa ia fazer.

T: Aham.

C: Por olhar.

T: Entendi. Muito obrigado, por nossa conversa C

C: De nada.

T: Muito obrigado.

Caminhada com M

M: Na noite, se dá uma cesta também, você sabe.

T: Será que dá pra nós sair caminhando por aqui pela APADEVI ou talvez pela rua ali? Só pra nós caminhar?

M: Bora

T: Vamos caminhar então, você que sabe pra onde a gente vai. Vamos dar uma caminhada então, e conversando aí. Vamos sair aqui pra rua.

M: Uma voltinha né...

M: Vamos no sol, né? O sol é...

M: Não, não, vamos fazer uma entrevista, dar uma caminhada com o Thiago. Vamos pôr a direita.

T: Você que sabe, pra direita, pra esquerda, vamos seguir o sol.

M: Onde o sol tá...

T: Está reto aqui, reto pra nós, tem um sol, porque agora tá uma sombra aqui da APADEVI. É do outro lado da rua, tem sol.

M: Vamos, vamos lá então.

T: Bora então, não tá vindo nenhum carro mesmo. E aí... Marlon, então, essa conversa aqui são perguntas que são bem gerais, assim, não são difíceis, nem nada, tá bom? São mais perguntas, assim, pra gente conversar, ter uma conversa informal, bem tranquilo.

M: Para entender mais algumas...

T: É, é...

M: Agora... para o teu trabalho.

T: Sim, ainda assim são umas perguntas mais gerais, ainda não é uma pergunta bem específica, certo? Então, Marlos, o que que você faz da vida, Marlos?

M: Então, cara, eu fazia, eu, antes de acontecer a minha deficiência visual, eu tinha uma empresa na área de serviço terceirizado, né, que era portaria, jardinagem, zeladoria, né, parte de conservação em condomínio, em obra, e após eu ter ficado cego, né, eu perdi minha visão, foi no ano de 2020, em março de 2020, logo no início da pandemia, eu tive retinopatia diabética e glaucoma neovascular ao mesmo tempo, né, a pressão do olho não baixava, não baixava, e foi comprimindo o nervo, né, até que aconteceu a cegueira. Fiz implante, fiz cirurgias, fiz tratamento com colírio, com laser e ejeção anti-BGF, e após isso aí, foi feita as cirurgias necessárias, mas não alcançou a resposta positiva que a gente esperava, então eu perdi a visão dos dois olhos ao mesmo tempo, né, fiquei cego total, tenho 41 anos, e hoje eu frequento a instituição APADEVI. Hoje praticamente durante a parte da manhã até o fim da tarde, às 17h, eu frequento a instituição, né, fazendo atividades físicas, participo do esporte, faço o GoalBall, que é um esporte adaptado para deficiente visual, que são seis jogadores, três em cada lado, um gol, né, de 9 metros, a quadra, se eu não estiver enganado, ela é 18 metros, de comprimento e 9 de largura, então é um jogo com 12 minutos cada tempo, quando acontecer de um time fazer dez gols a mais com o outro, acaba o jogo, encerra o jogo, é game, né, e participo do atletismo também nas modalidades de lançamento de dardo e lançamento de disco, e aqui na APADEVI eu faço aula de música, toco violão, tô aprendendo, né, faço a academia, a educação física, também participo do Centro Dia, que é a parte do artesanato, esteirinha e bijuteria, colar e corrente, e participo também do grupo do com o psicólogo, que tem na sexta-feira, e também o bailinho da sexta-feira que a gente tem, né, na sexta-feira depois ao café da tarde, então hoje eu passo durante o dia aqui na APADEVI também pelo lado da minha esposa, que ela trabalha aqui também, também foi uma, mais uma coisa que a gente, graças a Deus deu certo de ela vir trabalhar e tem essa vontade de ajudar, né, sempre teve. Ela entrou aqui como voluntária, aí abriu uma vaga pra ela, ela era, é, aí como é que a gente fala, ela era, ela cuidava da van, né, ela era junto com o motorista, no caso ela era uma educadora, mas dentro da van, né, uma responsável pra colocar o cinto no pessoal, ver se não tava, é, fora do lugar, de pé na van, que a van buscava o pessoal de Carambeí. E daí após o encerramento do contrato ela desceu pra lanchonete, né, que a APADEVI tem uma lanchonete, e ela ficou ali até fevereiro desse ano, ela entrou em junho do ano passado. Ficou até novembro, aí novembro ela desceu pra rodoviária e agora em fevereiro ela retornou pra APADEVI como educadora social, fazendo as 44h semanais, né, então ela trabalha de segunda, sexta, das oito às 17h, né. Então pra mim também ficou muito bom, porque além dela já tá convivendo comigo 24h, né, dentro de casa, com deficiente visual, pra ela a experiência de tá comigo pra ela ajuda bastante, agrega bastante aqui na APADEVI, né. Então hoje eu sou assim, eu frequento a APADEVI, fiquei logo que eu fiquei cego, eu fiquei um ano em casa praticamente sem fazer nada de diferente, né, só ia na casa da minha avó, na casa da minha mãe, na casa dos meus primos, mas era mais restrito, né, não era assim muito como hoje, né. Porque daí eu aprendi a fazer a mobilidade um pouco aqui na APADEVI, agora retornei a fazer de novo, né, pra mim poder ser um pouquinho mais independente de poder pegar um ônibus, de eu poder sair sozinho, né, pra gente ter essa autonomia da gente, né, pra gente poder ter uma mais tranquilidade e voltar um pouco mais a viver como a gente vivia antes, né. Então assim, isso é importante, né, aqui dentro da APADEVI as pessoas recebem a gente, receberam a gente muito bem, né, a gente aprende muita história com as pessoas mais de vida, né, do que a gente, os idosos, né, então aqui é um lugar importante pra quem perde a

visão pra passar pela aquela, pela depressão, né, pra não entrar em depressão, porque aqui dentro a gente aprende a conviver, a conhecer a história porque às vezes você pensa que a tua vida é complicada, mas você escuta a história do próximo e às vezes do próximo é bem pior do que a tua, né. Então aqui é interessante e ajuda, né, a gente se autoconhecer e ver do que a gente é capaz né. Porque você só vai saber do que você é capaz quando vai precisar de verdade né, foi o caso que aconteceu comigo, a gente passou pela transformação, aprendeu a viver de novo né, porque como a gente tá acostumado de um jeito e de repente acontece o outro, né a passagem da cegueira de você começar a caminhar, ter a segurança pra caminhar com a bengala, aprender como que você anda com a bengala, então na verdade é como se fosse um nenê que nasce, que ele não sabe andar, não sabe caminhar, não sabe correr e com o tempo vai passando ele vai aprendendo, né, e assim a gente vai se adaptando a nova realidade, né.

T: Aham.

M: Então hoje a gente pratica o esporte, frequenta pra deve, em casa também no sinal de semana a gente sempre faz alguma coisinha com os amigos primos, né, um churrasquinho ali, uma coisinha pra dar uma melhorinha um pouco, né, porque a gente já já não é tão fácil a vida da gente, então a gente tem que ter esse momento de lazer também.

T: Sim, é importante, e Marlo, você consegue se localizar bem assim se perguntar que local que a gente tá bem ao certo, você consegue me dizer?

M: É, hoje a gente tá fazendo, né, que eu falei a respeito da orientação e mobilidade, né, com a questão da bengala, que tem um professor de educação física que ele trabalha nessa área, né, e a gente tá fazendo aula pra gente se localizar bem, se orientar bem, tem muitos lugares assim porque como eu andei bastante, eu conheci bastante a cidade aqui né, porque eu nasci, me criei aqui, então muitos lugares agora assim eu lembro bem, mas assim tem lugar que hoje por ter vilas novas aqui na cidade assim alteração de rua, né, que ia pra, antes era subir, agora só desce, às vezes era duas mãos, agora só uma, acionamento hoje não tem muitos lugares já não tem, mas assim, consigo me localizar razoavelmente bem, né, hoje também pelas aulas que a gente vai...

T: E que lugar é que a gente tá aqui? Aqui nós estamos em Olarias, né, no fundo do Colégio José Elias da Rocha, né, na APADEVI, aqui é a Rua Pernambuco, sem número, mas a gente conhece aqui como, o número se não me engano é 344 se não estiver enganado, que é a referência que o pessoal coloca.

T: Aham.

M: Mas aqui é a Olarias, Rua Pernambuco, sem número, aos fundos do Colégio José Elias da Rocha.

T: Certo. E Marlo, pra você, né, você falou que contou que perdeu a visão, né, o que que é a visão pra você?

M: O que é a visão? A visão pra gente ela se torna um órgão muito essencial na vida das pessoas, porque a pessoa que nasce cego, nasce sem enxergar ela tem uma capacidade maior de não sofrer como quem tem a visão e perde porque é um novo sentido que você, é uma nova vida que você tá aprendendo, porque a pessoa que nasce ela não tem a noção de como é, ela imagina ela trabalha muito com a imaginação, assim como a gente hoje ela também usa bastante a imaginação então eu acho, penso comigo, que a visão se torna 95% do essencial pra gente viver porque tudo passa pela visão, porque você perder um membro um braço, uma mão, um pé, é um trauma, é difícil não é fácil, mas você consegue se locomover tranquilo você consegue andar sozinho, você consegue fazer, você ter uma vida totalmente normal, não que a gente que perdeu a visão não tenha, mais, a gente tem que viver um dia cada década vez, a gente tem que matar um leão, todo dia a gente tá matando um leão.

T: Aham.

M: Porque a situação ela é delicada é um trauma muito, muito forte, porque você vê toda aquela cor, vê todo aquele movimento, todas aquelas imagens

e de repente você não vê mais, viver só com a imaginação da pessoa, como que é a pessoa se veste se ela é bonita, se ele é bonito, que carro que é esse que cor que é a casa, que cor que é a roupa que eu tô vestindo, o que que eu tô pegando então assim, faz muita falta a visão eu acho que é um dos órgãos mais importantes com exceção, coração, cérebro, os órgãos internos mas os olhos é muito fundamental, porque tudo o que você precisa enxergar pra você fazer, pra você fazer teu prato você tem que enxergar, pra você escolher uma roupa você tem que enxergar então assim, o deficiente visual que ele tem em apoio da família, da esposa da filha, de filho, de um pai, ajuda muito, mas aqueles que não têm sofre bastante, então assim, a depressão deles é muito forte é uma coisa assim que aqui dentro da APADEVI mesmo a gente vê as pessoas sorrindo por fora, mas por dentro não é o que parece. Porque eu convivo com isso todo dia eu falo pras pessoas assim, que as vezes a gente tá rodeado de pessoas tá cheio de pessoas, mas você tá sozinho, porque você não tem a visão você não sabe quantas pessoas, o que que elas tão fazendo, você fica só imaginando então assim, a visão eu acho que é muito importante muito fundamental na vida da gente.

T: Certinho, obrigado Marlon pela entrevista e pela sua participação muito obrigado Marlon

Conversa com A

T: Seria o primeiro assim, qual é o seu nome?

A: Altair Cruz.

T: Altair Cruz, qual a sua idade?

A: 56 anos.

T: Você é baixa visão ou você é cego?

A: Cego.

T: E há quanto tempo que você perdeu a visão?

A: Há uns três anos.

T: Três anos?

A: Três anos.

T: Por conta do que, Altair?

A: Diabetes.

T: Diabetes.

A: Diz que o diabo não é chifrudo, mas eu to com a mulher dele.

T: Com a diabetes haha

T: Então, para você, o que é a paisagem? Para você hoje, ou toda a sua vida, o que é a paisagem?

A: A paisagem é o que eu via antes, vamos supor eu via, vamos supor apassimentado, isso nunca mais vai sair da minha cabeça, então a paisagem são lembranças, ficaram em lembranças, você procura não esquecer, entendeu?

T: Sim. Qual é a principal diferença para a paisagem que você tem na lembrança e para a paisagem que você percebe hoje com sons, com o tato, com o cheiro?

A: A é bem, é muito diferente, hoje a gente vê, enxerga com outros olhos, os olhos é a mão, o tato, você não enxerga totalmente, você procurar não vê com os olhos

T: Você falou que você não vê com os olhos.

A: Sim.

T: E como que você vê?

A: Como que eu vejo? Escuro. Não consegue ter uma noção séria

T: Você não vê nem a claridade?

A: Não. Essa pergunta do como você vê, eu acho que o que eu quis perguntar não era necessariamente o como...

A: Como enxerga.

T: Seria mais no sentido de qual que é o principal elemento que te ajuda na hora de formular essa paisagem?

Por exemplo, se você for num lugar que você nunca foi antes, mas que te falaram assim, nós vamos lá em um campo, e aí chegando lá nesse campo

você começa a escutar o barulho das árvores, os pássaros, vacas, e o senhor vai criando na sua cabeça uma imagem do que você está ao seu redor? Como é que é?

A: Sabe que eu nunca pensei nisso, sabe? Que você para e vê as árvores a gente se balançando, a vaca no milho, mas nunca passei isso pra “uau ali tem uma vaca” sabe? Você escuta o barulho e você procura virar para lá, né? Mas nunca imaginei assim, sabe como?

T: Sei, entendi. Você nunca parou para pensar assim, nunca constrói uma imagem da onde você está?

A: Não, porque você quase não tem imagem, né? Então não procura nem você não sabe que nunca pensei isso, uma coisa bem incrível, nunca pensei isso. A perda da visão me deixou muito... sem visão, sabe? Você não vê, ó tem esse carro passando você nem liga.

T: O senhor não..., mas, por exemplo, uma pessoa que o senhor está conversando nova, você imagina essa pessoa? Ou é para o senhor...

A: Ah, sim, você para mim... é...

T: Eu me apresentei, né? Aquele dia eu falei que eu era moreno.

A: É, isso eu não podia falar.

T: Eu sou um pouco mais claro para o senhor.

A: Igual o que o Lucas significou, ah, eu sou barbudo, eu uso o “pirce” no meu nariz, nossa, foi uma surpresa, para nós, para mim... mas para mim foi uma surpresa. Porque você acha que um psicólogo é...

Camiseta... ou uma camiseta social, uma calça. Ele falou que estava de calção.

T: Entendi.

A: Estava de calção, camiseta...

T: Ele está lá mais à vontade.

A: Mais à vontade, barbudo, cabeludo, “pirce” no nariz. Basicamente foi um choque, né? Porque você imagina uma pessoa... porque... para mim essa imagem... Eu não gosto de pessoas assim, tatuada...

T: Entendi.

A: Cheia de “pirce” ..., mas eu não gosto. Eu não acho legal, né? Falar que eu não gosto... Eu não acho que eu vou ter uma pessoa muito... centrada no que ele faz, sabe?

T: Sim. Mas e se eu fosse para um lugar que o senhor nunca foi? Vamos imaginar um lugar que o senhor nunca foi ou até mesmo os lugares que o senhor vai... Qual que é o... A principal... A principal coisa que te ajuda... A formar ali... para você aonde você está... A paisagem. Por exemplo, é o som?

A: O ouvido.

T: É o som?

A: É o som.

T: Alguns falam que é o tato, o som... ou o cheiro.

A: Porque eu vou na praia... Eu imagino, sabe? Só o som já... E também... A mente... A cabeça da gente, né? Eu fui... Em Caiobá?

T: Eu gosto bastante de Caio Barra.

A: Eu fui lá no Cristo lá. Fiquei bem perto do Cristo.

T: Sei.

A: Então... para mim tinha uma montanha. E o mar caía para cá. Então eu imaginava mais ou menos isso.

T: Sei. Entendi.

A: Bem diferente.

T: Basicamente era isso, Altair. Eu estou ainda começando a... A meio que ajeitar essas perguntas. Sabe? Para ficar melhor compreensível para vocês, né? Para ver como que é. Mas achei interessante o senhor falar que... O senhor nunca tinha pensado sobre... imaginar o lugar que você está.

A: É. A gente vai no... no local, olha aqui a sala, a gente nem se preocupa, né? Senta aqui, sai daqui. Nunca pensou como que ela é. Ou como que... Onde está a mesa.

T: O senhor não se preocupa mais com isso?

A: Não se preocupa.

T: E como que é os lugares que você está? Se você está andando ou entrando...

A: Tanto que... Você viu, eu entrei lá... na cozinha não sabia sair.

T: Aham.

A: Você perde a noção de onde você está.

T: Entendi. Mas você consegue... Você foi para a praia... Depois de perder a visão já? E da mesma forma você achava bonito? Ou legal?

A: É porque eu morei na praia, né?

T: Ah, você morou na praia?

A: Estou dois anos na praia, sabe? Daí a gente... Eu sei como que é a praia, tudo... e..., mas a Guaratuba nunca tinha ido. E fui quando estava cego... então... A gente foi na beira da praia... com um monte de gente... E para mim tinha uma montanha ali, sabe?

T: Eu acho que eu sei onde é. Mas tem um morro ali na Guaratuba.

A: Mas não dentro da praia, né?

T: Não dentro da praia, mas do lado tem.

A: Bem no pé do Cristo, sabe? E as ondas ali não tem onda.

T: É mais calmo, né?

A: Mais calmo.

T: Então você conseguiu ver bastante diferença de Guaratuba pra Caiobá?

A: Sim, sim. Eu morei em Ipanema.

T: Ipanema, eu sei.

A: Então ali era bem diferente, sabe? Então a gente... Mais ou menos... Joga a imagem pra Ipanema, né?

T: Entendi. E aqui na cidade o senhor se locomove independente?

A: Não, de jeito nenhum.

T: Ainda não?

A: Não. Quando eu enxergava até se locomovia... mas agora, cara... Incrível a gente ter... As ruas aí são muito difíceis, cara, muito, muito, muito, muito. É... é degrau, nossa, cara, olha, eu tiro o chapéu pra essas pessoas que andam aí, sabe? Ando correndo, cara.

T: Tem bastante usuário aqui, né? Que anda muito bem, né?

A: Putalavida, eu ando numa... "gatinhando", "gatinhando" cara. Sabe que se a professora... se a professora não me dá o braço, eu quase... Eu não sei... Eu ando se agarrando nos muros, quando não tem muro, então, meu Deus do céu... Como é difícil.

T: Você anda muito com o tato, né?

A: E também se segurando, né? Porque... O rapaz do céu... descendo aqui pra baixo... As calçadas eram assim, ó... Você anda meio... Inclinado, cara, difícil.

T: E onde que você mora?

A: Eu moro lá no Cerejeira.

T: No Cerejeira? Alguém te traz aqui?

A: A minha filha.

T: Aham. E pra você? O que é a APADEVI ver pra você?

A: Nossa, cara. Tudo.

T: Tudo?

A: Sim.

T: Qual que é a principal diferença? É... acho que não seria a principal diferença, mas... O que que... Fora esse tudo, o que você poderia falar mais sobre a APADEVI? O que você acha da APADEVI? Se ela tem algum problema? Se ela tem alguma coisa de bom? Ou pode melhorar? Algo assim?

A: Melhorar sempre é bom mesmo.

T: Aham.

A: Mas... pra você ver, cursos, né? Então...

T: Eu acho que a pergunta boa seria... O senhor ficou cego e o senhor logo veio aqui pra APADEVI ou demorou um tempo ainda?

A: Demorou, cara.

T: E antes de você vir aqui na APADEVI, qual que foi a principal diferença de antes pra agora?

A: *Porque... antigamente eu tinha só a limitação só de dentro de casa, só pra dentro do muro. Hoje eu... Eu saio... não sozinho, mas eu saio, eu vou até o carro da minha filha, de repente sozinho, então... Ali dentro de casa mesmo, eu não uso a bengala, sabe? Então me ajudou bastante, sabe? Aqui mesmo, eu... Eu... se eu sair daqui eu vou lá no banheiro, né? Então eu sei no que é, né? Então muito bom. A APADEVI foi muito... foi muito... Diferença da limitação.*

T: *Entendi. Ah, muito obrigado, Altair.*

A: *Que é isso, Thiago*

T: *Essa conversa me ajudou muito.*

Da APADEVI ao parque Monteiro Lobato

T: *Então, beleza.*

C: *Meu nome é M.*

M: *Meu nome é C.*

M: *C.*

C: *O meu nome é M.*

M: *Ah é, é isso mesmo, C. Então... C.L.*

T: *Como a AS comentou, vocês não sabem pra onde a gente tá indo.*

Todos: *Não.*

T: *Confiam nela?*

M: *Não, é melhor não ficar bem.*

AS: *Confiam em mim?*

M: *Lembrem-se de confiar nela, porque hoje tá de pé.*

C: *Vamos ver então.*

M: *Tá de pé, né?*

G: *Viu?*

M: *E a AS hoje tá alegre porque ela também tá de férias. É. Ela tá hoje com o sorriso de orelha a orelha.*

G: *Vou me passar por M.C.N. hoje.*

C: *Você me preocupa ou você entra de férias?*

G: *Vou passar por M.C.N., porque todo mundo que a gente pegava assim nas férias tá indo embora.*

T: *Vocês têm algum palpite de onde a gente tá indo?*

C: *UEPG?*

M: *Hã?*

T: *Vocês sabem onde a gente tá?*

M: *Não sei.*

C: *Eu não sei.*

G: *Estamos no carro.*

(Todos riem).

M: *Nossa... Estamos no carro, o motorista está nos levando para algum lugar.*

G: *Eu sei, medo.*

T: *Tá muito quente hoje, tá louco.*

C: *E tem freio?*

M: *Vamos lá no Cachoeiro da Mariquinha.*

G: *Seria legal a gente na Cachoeira da Mariquinha.*

M: *Vamos lá no São Jorge.*

T: *Vocês já foram na Cachoeira da Mariquinha?*

M: *Não.*

G: *Vista do São Jorge agora ficou só um pedacinho, agora não é mais que nem era antes.*

M: *Agora eles cercaram lá, ficou particular. Tem segurança e tudo, para não invadir a área privada.*

T: *Quando que você foi a última vez lá, M?*

M: *Faz cinco anos.*

T: *Cinco anos?*

M: *Foi antes de eu ficar cego, né? Porque eu trabalhava no iate.*

T: *Você trabalhava no iate?*

M: É, eu tinha uma empresa de segurança, daí minha empresa fazia segurança do late Clube.

T: Que legal! Você tem vontade de voltar no São Jorge?

M: Não, cara, hoje não.

C: Nós íamos agora, M, fala que tem.
(Todos riem).

T: A AS sabe dirigir, né?

AS: Sei.

G: Então, fechou. Vamos pra praia de Castro.

C: Vamos oferecer o Thiago por lá, com as pesquisas dele.

M: Ela vai dentro de ajudar a pesquisar lemanjá.

M: Tem dois, né? Porque o G está fazendo curso também.

AS: O G?

C: O G está fazendo o seu curso, está estudando de novo.

G: Eu vou agora voltar a estudar assim que possível.

T: Você vai voltar a estudar, G?

G: Estou falando que talvez eu vou tentar algum mestrado ou estudar para concurso público mesmo. Nos próximos meses eu vou voltar ainda.

M: Educação física.

(Todos riem).

M: G, você deixou as coisas lá?

G: Esqueci o material na sala do centro de dia. Esqueci meu celular.

M: Esqueceu o celular?

G: Esqueci meu celular.

M: Olha! Aqui tem algo de lanche.

C: Cheiro de ovo frito.

T: Como você sabe?

M: Cheiro de ovo frito.

C: Que carro que é esse, Thiago?

T: É um Peugeot 308.

M: Você não quer doar para a APADEVI?

C: Você não quer doar para a assistente social? Às vezes ela precisa sair para fazer visita, alguma coisa assim, ter um carro próprio.

AS: Estão precisando, né? (Risadas)

AS: Vocês têm noção de onde a gente está?

C: Nós tínhamos saído, passado, virado... Deixa eu ver... Se ele fez o contorno pela esquerda, ele não fez o balão do ginásio, fez o balão do Oficinas.

M: Estamos perto do terminal?

T: Mais ou menos.

C: Não, nós estamos para o lado da feirinha, não é?

T: Da feirinha?

T: Estamos bem para lá da feirinha.

M: Passamos a feirinha!

C: Passamos a feirinha já faz tempo. Volta lá, hoje é dia do pastel.

M: É, por isso que eu falei que tinha cheiro de lanche.

C: Lá era o restaurante popular aquela hora?

AS: Não.

C: Vocês estão para o outro lado. Mas fica tranquilo, Thiago, onde você quiser ir, nós estamos indo com você, fique em paz.

G: Terminal central? UEPG?

C: Tem o ônibus ali.

M: Aqui é uma preferencial.

C: Ele veio pelo caminho que gasta mais gasolina.

T: Tá travado o centro hoje.

M: Esse aí é uma caminhonete.

C: Agora é um ônibus.

M: Agora é um caminhão.

C: O que aconteceu com o caminhão ali na frente? Oh, psiu, preferencial, tem três cegos.

(Risadas).

C: Temos até uma assistente social, ela tá falando que é verdade.

M: Três cegos total ainda.

C: Dois cegos e um surdo. Você usa aparelho, né, G?

G: Sim.

C: Aí então, dois cegos e meio.

(Risadas).

G: Surdo cego.

AS: Vocês conseguem imaginar onde a gente está?

C: Estamos descendo agora, ladeira. Favela.

M: Eu não sei se aqui não é a rua do Banco do Brasil, não é? Não é Augusto Ribas, né? Não é o morro. Aqui é Augusto Ribas.

G: Estamos passando por perto de algum açougue, está com cheiro de açougue agora.

M: Não, não é o Thiago.

(Todos riem).

G: Tem um cheiro de linguiça defumada.

M: Estamos perto daquela clínica de imagem lá.

C: M, ele está levando nós para o Pronto Socorro.

M: Eu acho que é na Santa Casa.

C: É o antigo Pronto Socorro.

G: Para a UPA.

M: Já passamos uma UPA, já passamos o Pronto Socorro.

T: A gente vai fazer um passeio na Santa Casa. Vamos fazer o caminhão lá.

M: Acho que ele vai nos levar na mata, isso sim. Nos deixar na mata. Ele vai levar nós lá.

G: A subida da Santa Casa?

C: Ele vai levar nós com o Ramiro lá.

G: O Ramiro.

M: Vai encerrar o sítio, ficar 50 dias lá.

G: O lugar próximo aqui é a UEPG.

M: Não é a UEPG do centro, mano.

G: Aqui é a UEPG Central.

M: Não é a UEPG Central. Ou ele vai levar a gente na praça dos bichos.

M: Tá muito calor.

G: Você trouxe o dominó e a Coca gelada?

M: Não, a Coca que paga eu deixei ali.

G: Mas o Thiago também?

T: Eu tenho que pagar uma Coca pra vocês?

C: Ué, Thiago. Nosso serviço vale. Estamos fazendo atividade. A disponibilidade do horário. O G deixou até o iPhone pra trás.

T: Deixou o iPhone pra trás?

C: Deixou, você acredita?

M: Deixou o iPhone, deixou o necessário.

C: iPhone 19.

G: É um iPhone 13.

M: O Papai Noel vai pegar um 15.

G: Não é, Papai Fonseca, me dá um 15.

M: Papai Fonseca Noel.

G: Um 15 Plus.

M: Não é o Pro Max?

G: Não, é o Pro Max, melhor ainda.

C: Tá vendo? Se você não arrumar um pai desse, você pode arrumar o Fonseca.

C: Pode me deixar aqui que eu saio.

G: Thiago, pode ficar tranquilo que eu não vou abandonar a pesquisa.

T: Olha só, tinha outra coisa.

G: Seja onde você estiver indo, estaremos juntos. Não vamos abandonar.

G: C pode abandonar.

M: Aqui é a subida da Monteiro Lobato?

T: Sim.

M: Vamos na UTFPR.

G: Antigo CEFET.

M: No meu tempo era CEFET, lá nós fazíamos mecânica, elétrica e alimentos.

G: Fim de mundo.

C: Não, fim de mundo é onde eu fui ontem, é Canaã.

T: Canaã?

C: Aham, fomos lá fazer se dava pra fazer um espaço de acessibilidade, que eles querem fazer um evento para o Natal ali. Aí perguntei: 'Mas viu, é para o ano inteiro que vocês querem fazer essa mudança?' – Não. Então por favor, nem precisa. Já vai ter audiodescrição e alguém para explicar como chegar lá, no meio de uma praça, lá no fim do mundo, só para deficiente. Mas é bonito lá.

C: Você vai entrar de férias, AS, agora que o pessoal vai precisar de você? Vai abandonar a gente, cheio de coral de Natal.

T: Estamos relativamente perto do nosso destino.

M: Está levando nós no Franco da Rocha.

AS: O M acertou!

M: Uhum. Na praça Monteiro Lobato?

C: Agora tá ficando legal.

M: Aqui é a praça do Monteiro Lobato.

T: Estamos chegando, M.

M: Se não é no Franco da Rocha é no Monteiro Lobato.

T: Chegamos.

M: Eu falei que era a praça Monteiro Lobato.

C: Eu não vou pegar nenhuma dentadura de velhinho aí, já estou avisando.

C: Pode abrir aqui, Thiago?

T: Pode abrir.

M: Todo mundo sai pela esquerda?

AS: Podem sair pelos dois lados e esperar.

Caminhando e encontrando um avião

T: O que você observa daqui G?

G: Tô observando uma rampa, tô escutando o barulho dos passarinhos, é só isso até agora. Talvez seja alguma paisagem que tem natureza, não é fazenda, mas é alguma coisa que tenha natureza, talvez tenha plantas, é... eu tô imaginando, mas não estou sentindo com o tato para ver.

T: Como você tá imaginando?

G: Pode ser um ambiente com pássaros, com várias plantas, natureza. Isso pode ser que seja, não tenho absoluta certeza, eu escutei o canto dos passarinhos e uma rampa, isso tá certo.

G: Parece que tá com cheiro de alecrim.

AS: Tem uma quadra de areia à direita de vocês, uma academia ao ar livre.

T: À direita de vocês tem um círculo para caminhar.

M: Quando eu vinha jogar bola aqui era saibro.

C: Essas árvores são muito altas que os passarinhos estão cantando lá em cima?

T: Bem altas.

AS: São bem altas.

Começamos a caminhar pela grama.

G: Essa grama está com algum problema, com a bengala fica difícil, vou ter que fazer o movimento de toque. Com a ponteira roller fica difícil de subir.

T: Tem quantos tipos de ponteira?

G: Tem dois. Tem um outro que é mais tradicional que eu não sei o nome, e tem esse aqui que é a ponteira roller. O outro é melhor para toque, não sei o nome exato."

Avião gigante.

T: À esquerda de vocês tem um avião gigante de brinquedo no parquinho das crianças.

C: Ah não, eu vou ter que colocar a mão nele.

M: Vamos colocar o G lá dentro.

G: Mas ele funciona ou não funciona?

C: É de controle remoto, G.

T: É um avião bem colorido. O bico dele é amarelo, a parte central é laranja, a parte de trás dele é azul e a parte de trás dele termina com um escorregador, tipo um tobogã azul.

M: T, qual é a ideia dessa atividade?

T: Fazer uma caminhada.

M: Qual é o intuito das caminhadas, as conversas, sua pesquisa?

T: O intuito é sairmos caminhando, conversando.

C: Uma coisa mais natural.

G: Aqui eu já conhecia.

M: Viu, Thiago, a questão é assim, só o fato de você sair da rotina já é uma coisa diferente. Porque assim, estamos acostumados a ir na APADEVI e ficar naquilo ali, naquilo ali, naquilo ali. Quando você tem alguma coisa diferente que não seja treino, que não seja APADEVI, já é uma coisa, pra gente, importante. Porque a gente tá acostumado com aquilo ali e outra coisa. Porque eles reclamam das pessoas, principalmente, né AS, eles não gostam que os profissionais se envolvam com os alunos. A gente faz um churrasco, e por que quando a gente faz um churrasco vem um monte de gente? Porque a gente tá acostumado com aquela monotonia do dia a dia. APADEVI casa, casa APADEVI.

C: Fica muito mecânicas as coisas.

M: Quando acontece qualquer fato diferente, de sair daquela mesmice, já é, a verdade é assim, é diferente, já dá um ânimo pra gente, fica mais prazeroso. Cara, tudo demais assim é muito chato. E ali o pessoal assim, a AS é a prova disso, eles querem fazer, mas quando comentam em fazer, é meia dúzia.

M: O problema ali na APADEVI é que eles são muito, muito, muito, muito rotineiros. O centro-dia, os idosos, eles reclamam, reclamam, mas são os primeiros a não querer fazer nada. Fazem gincana, bingo, karaokê, e aparece meia dúzia.

C: O comodismo acontece muito.

Piquenique

P: Cachorro-quente...

G: Cachorro quente, café e pizza.

G: O que fazem vocês voltar no lugar?

P: E eu vou acrescentar a pergunta

G: Uma experiência boa me faz querer voltar de novo

T: Acho que é uma experiência boa também se eu gostar do lugar, se eu não gostar, eu não volto

G: A pergunta que eu quero é...

G: Pizzaria, ser bem atendida, ser bem gostosa.

G: Se você chegar no lugar...

P: O que você se sentiu vendo nós lá no avião? Como você se sentiu?

T: Como eu me senti? Cara, eu vou falar muito sincero pra vocês, Eu me senti muito feliz porque vocês estavam feliz ali. Eu fiquei muito feliz em ver você ali, Christopher animado, eu me senti muito feliz.

P: E eu me dei a virtude no caso.

T: Primeiro eu fiquei com um pouco de receio. Meu Deus, o Christopher vai cair dessa escada, porque é alta

G: Eu entrei empolgado, mas minha expectativa acabou.

T: É que é apertado dentro do avião, eu estava feliz, eu fiquei muito animado em vocês estarem animados, mas eu senti meio receio, eu falei, meu Deus, o Christopher vai subir.

G: Vai virar uma cambalhota lá de cima.

T: Mas aí você foi tranquilo.

T: Mas eu entro no negócio assim, eu não ligo se vai virar uma cambalhota alguma coisa. Quando eu estava lá, se esse negócio descer comigo eu vou deitado já.

T: Tem aqui, o último sonho.

T: O sonho acabou.

G: Igual o Gabriel falou ele chegou lá em cima e acabou o sonho.

G: Acabou o sonho dele.

P: Porque quando eu chego num lugar assim, parque, alguma coisa assim, o pessoal fala, eu vou comer, se eu vim, o resto é resto. Se tiver SAMU pra socorrer já era.

T: O que mais ajudou você, o que mais ajudou vocês agora? O Marlon já veio aqui e o Gabriel também você nunca tinha vindo aqui?

P: Não, aqui não, e olha que eu passo perto, porque minha família mora aqui por Santa Monica

T: Mora aqui perto?

P: A Rosemari mora aqui no Monteiro eu já vim várias vezes no condomínio, mas aqui mesmo, nessa parte passear não.

T: Como vocês descreveriam a APADEVI, a APADEVI não, como vocês descreveriam aqui o parque para alguém que nunca veio pra cá?

P: Momento de sossego.

T: Não, mas é descrever fisicamente.

P: Fisicamente? Eu falaria que era algum espaço, para você sentir o vento, sentir que tem vida lá fora, você encontrar onde tem espaço você sabe que tem criança, tem esperança. Quando você falou que tem coisa de criança eu falei, nossa, tem muita esperança pela frente.

T: Tinha uma criancinha ali brincando

P: Mas tem esperança. Onde tem coisa de criança você sabe que não está velho o mundo ainda. Eu falaria, olha gente tem árvore, tem pássaros, tem brinquedo, tem um avião pra você ó "inhaaaaaauuum"

P: Tem banco

T: Tem banco para sentar, tem mesa, tem churrasqueira

G: Eu já levo vocês ali antes de a gente ir

T: É, dá para a gente passar por ali

P: Trouxe a carne para o almoço? Orra M! M do céu!

G: Vamos indo então, porque é 11h20, aí a gente passa lá.

T: Até chegar lá.

Sonia

S: Você como uma atividade que teve na minha igreja.

T: É? Esses dias eu fui uma atividade que era só de mulheres.

T: Uhum.

S: E aí ela pegou um chapéu, que ela era festa junina, né? Ela pegou um chapéu e colocou no fundo do chapéu, ela colocou um espelho. E aí ela vinha ali, cada mulher e ela falava assim, você pega um papelzinho, como se tivesse um papel novo de todos nós ali. Ela disse, você pega um papelzinho e vai falar as qualidades dessa pessoa, Só que daí ela cochichou e falou pra mim no meu ouvido que era um espelho, porque eu não enxergo, eles sabem disso. Então eu estaria me vendo a mim mesma, eu teria que falar de mim mesma, minhas qualidades e é bem difícil você falar de você, as qualidades tua, sempre alguém falando de você é mais fácil.

T: Sim.

S: E a mesma coisa seria agora você definir quem é você, as vezes você não se conhece também, você não sabe como você é definido, bem definido, talvez você seja isso. No dia a dia da gente, a gente levanta, a gente já começa fazendo as coisas da casa, eu vou todos os domingos de manhã, eu levanto pra igreja, eu dei volta da igreja, daí começo depois fazer o almoço. Então é a gente faz todo o serviço normal de casa e fica lá, assiste um pouco, escuta um pouco de tv, escuta um pouco de rádio, agora dizer quem é você, você é um ser que quer continuar vivendo apesar da deficiência, você quer ter o teu lugar e continuar tendo um espaço. Então você procura se adaptar com o que você pode, com agora com a diferença de você ter menos visão ou pouca visão, cê continua sendo uma filha, continua sendo uma irmã, continua sendo uma mãe, muitas vezes alguma avó, bisavó. Você quer só

conseguir continuar sendo uma pessoa que te respeite, que tenha os mesmos direitos dos outros.

T: Certo, o Joaquim tinha levantado a mão.

J: Sabe quando alguém fala, responde essa pergunta que você fez, sabe quando?

T: Quando?

J: Quando a pessoa morre, aí as pessoas que estão em volta, as vezes até membros da família, pessoas que te conhecem, aí eles falam, respondem essa pergunta que você fez.

Quem é você, você já notou? Que daí eles chegam e dizem assim, mas era tão bom fazer isso, fazer aquilo, era humilde, era né? É só quando morrem, sabe? Porque quando você é vivo, é mais fácil as pessoas fazerem uma imagem e uma biografia de você do lado ruim. É mais fácil eles, como a pessoa costuma falar, é mais fácil eles fazerem a sua caveira do que falar coisa boa de você. Dificilmente a pessoa vai mostrar suas qualidades.

R

R: Então eu tenho que fazer uma tabunha aqui, uma tabunha aqui, uma tabunha aqui, entendeu?

T: Entendi.

R: Daqui eu tenho que fazer um fundo, daí aqui eu tenho que fazer como se fosse uma pessoa que estivesse sentada, uma corda e um animal.

T: Você desenha tudo?

R: Entendeu?

T: Aham

R: Daí a estrada, primeiro você faz a estrada pra depois você montar a carroça, entendeu?

T: Entendi.

R: Então eles... Quando eu dava aula pra me chegar nesse nível, eu fiz muitos cursos.

T: Aham

R: E o professor de pintura falou que eu tenho um QI muito alto de memória fotográfica.

T: Aham entendi.

R: Daí ele falou que isso facilitava muito a minha vida, quando eu pintava.

T: Aham

R: Se você ver as minhas pinturas que eu pintava, eu era perfeccionista.

T: Eu não vi suas pinturas de antes, eu só vi a...

R: Você tem minhas pinturas aí? Pra mostrar pra ele? Ela vai mostrar pra você minhas pinturas. Então tudo que eu fazia eu era muito detalhista, assim.

T: Aham

R: Então eu tenho todas as lembranças como eu pintava.

T: E, por exemplo, então pra você é fácil, você consegue...

R: Não é que seja fácil.

T: Não, não é fácil, mas é se orientar e conseguir criar tipo a paisagem... pela descrição.

R: A descrição não faz eu criar paisagem. Através de você me descrever, eu crio a paisagem na memória e eu pinto aquilo que você tá falando pra mim.

T: Mas é tudo através da tua memória.

R: Tudo através da memória.

T: Se você...

R: Uma paisagem que eu nunca vi. Se você me descrever...

T: É que, por exemplo, eu tava conversando com o Gabriel, o Gabriel nasceu cego, né?

R: Uhum

T: E ele... Eu perguntava pra ele, por exemplo, como é que é tal lugar? Como é que é tal lugar? E ele me descrevia sobre relatos do que ele estudava, então ele ia pesquisar sobre o lugar que ele ia, então ele pesquisava internet e, sei lá, ele sabia que o lugar, por exemplo, era arborizado.

R: Sim

T: Era... tinha um rio, e aí através disso, pelos barulhos, pelos sons, ele conseguia tentar imaginar como é que era aquele espaço que tava em volta dele.

R: Sim, agora eu, se você falar pra mim, como fui vidente um dia, eu já consigo criar.

T: Mas e se você tiver num lugar que você nunca foi antes e se ninguém falar nada pra você, como é que você imagina esse lugar?

R: Aí eu sinto.

T: Você sente...

R: Pelo som.

T: O som?

R: A água, eu escuto os passos, então assim, a minha percepção é boa.

T: É muito sonora?

R: Entendeu? Então eu consigo pássaros balançar folhas, assim, as vezes quando tá vento, assim, eu sinto o balançar quando eu saio na porta da minha folhagem.

T: Aham

R: Eu consigo escutar o barulho da folhagem.

T: Caraca.

R: Entendeu?

T: Aham

R: Então, assim, o vento, ele faz eu escutar, só que isso é um ponto que você tem que ter muita concentração.

T: Entendi.

G: Eu já pego mais lá. Só.

R: Não, eu digo no celular, eu tenho foto, esse aqui foi foto.

T: Esse aqui que eu tinha visto.

R: É, então, foi esse aqui da, com a ponte.

R: Isso, e eu vou fazer novamente a ponte ali.

T: Esse aqui com os pássaros também.

G: Esse aqui também é da Rosane.

R: Esse aqui foi que eu pintei segunda-feira.

T: Esse que você falou que era a maçã e a laranja e a uva.

R: Isso.

T: Caraca, pô, muito certinho e até...

R: Entendeu? Sem molde.

T: Mas como é que funciona o molde? Eu não sei como é que funciona o molde.

G: Deixa eu mostrar aqui, eu tenho foto.

R: Eu pinto sem molde, eles conseguem pintar com molde, eu não consigo.

T: Eu posso tirar uma foto do teu quadro?

R: Claro.

T: Vou tirar. Eu gostei desse quadrado que tem as montanhas no fundo, os pássaros no ângulo e tem meio que como se fosse um lago ou um rio.

R: Isso.

T: Com a plantação e tem umas flores amarelas.

R: Isso.

G: Esses aqui são os moldes a pessoa pinta dentro e depois você tira esse molde e deixa exatamente o...

T: O formato, né?

G: O formato da arte.

T: Aham

R: Agora, eu não consigo usar, ela já tentou usar molde comigo e não consegue, eu não consigo. Por quê? Eu já aprendi a pintar.

G: Deixa muito limitado.

T: Limita, né?

R: O molde me limita e eu não gosto do limite, se eu gosto de usar a minha, ela me deixa livre.

G: Uma coisa, Thiago, que eu tinha uma curiosidade, sabe?

T: Pode falar, João

G: Porque nós aqui, todo mundo perdeu a visão mais tarde, né? Mas eu tinha uma curiosidade, porque esse tempo eu estava conversando com o Gabriel.

T: Sim.

G: Daí eu perguntei pra ele, que ele nasceu cego, né? Eu perguntei pra ele sobre cor, como é que ele imaginava, verde, azul, vermelho. Daí ele imaginava, mas eu não soube explicar por que ele nunca viu, né?

T: É, eu conversei já com ele também, conversei com outras pessoas e também já pesquisei mais sobre cegos que já nasceram cegos e que nunca viram cor como é que eles imaginam e como é que eles têm essa construção da cor na imaginação e muitos deles não conseguem, de fato, imaginar a cor da cor. Só que, com o passar do tempo e com o aprendizado, eles sabem, por exemplo, que o vermelho é uma cor quente, eles têm essa percepção da construção de tons, os tons, eles conseguem entender, por exemplo, que o escuro vai tendendo pra falta ou o azul é uma cor mais neutra, o verde é uma cor mais neutra, enquanto o amarelo, o vermelho são cores mais quentes só que isso, eles entendem para o dia a dia. Então, por exemplo, tem muitos cegos que já nasceram cegos que sabem que roupa que eles querem usar, dependendo, por exemplo, do clima, se está quente, eles vão colocar roupas de cor mais claras, eles sabem a roupa que eles estão usando justamente por essa questão de se você colocar uma roupa mais clara num dia ensolarado vai ficar mais fresco, né? Enquanto se usar uma roupa mais escura, se usar uma roupa preta, num dia ensolarado vai ficar muito mais quente então, tem gente, tem cegos que arrumam as suas cores pela vestimenta que eles utilizam Enquanto outras pessoas que perderam a visão muito cedo, por exemplo, crianças que perderam a visão e ficaram cegas há relatos que elas perdem a capacidade de imaginar cor. Então, muitas delas enxergaram azul, vermelho, amarelo, roxo, mas, com o passar do tempo, elas esquecem de como é a cor e elas relatam que, por exemplo, tudo que elas imaginam, elas imaginam agora sem cor, depois de 30, 40 anos sem ver nada com cor. Eles falam até que é como se fosse um acinzamento, sabe? Vai perdendo a cor com o passar do tempo. Mas é uma questão bem interessante essa que você conversou com o G eu conversei com ele também já, e é uma dúvida que muitas pessoas têm de como um cego que já nasceu cego imagina cor, é diferente.

S: Eu queria dizer, nós temos uma baixa visão a gente não distingue para enxergar as cores escuras, você torna uma coisa só você não sabe definir se o azul é um preto o escuro, se é um preto, por é se o azul é, se é preto, preto se é marrom. Eu não imaginava o Aguinaldo que ele era um moreno e ele não é, agora esses dias eu fiquei sabendo que ele não era um moreno. Que é claro e eu achava que ele era um moreninho e eu ainda tenho uma baixa visão não consegui distinguir que ele era. Daí quando a Patrícia trouxe ele perto de mim para me ver falei que era eu tinha visto nada de que ele não era um moreno que eu imaginava ele bem moreno. Daí eu até brinco que eu falei crendo quando eu olhei de perto ele disse, agora você está se... não é que eu já assustei com você eu fiquei espantada comigo mesmo.

T: Aham.

G: Então a gente mistura para nós depois que a gente acaba de visão nós não conseguimos distinguir o tom da cor quando é mais claro a gente ainda consegue dar uma definição, mas quando vem o tom do escuro a gente não consegue distinguir se é um verde, se é um azul, se é um preto, se é marrom.

P¹: Por que vocês não compartilham com mais?

G: Nós escutamos

G: Nós falamos

P¹: Abrimos esse espaço pra vocês falarem, porque a gente tem experiências de pessoas viventes né, nós trazemos as provocações assim, gostaríamos de ter coisas para compartilhar nesse sentido também. Não sei se o Thiago ou a Tainá querem compartilhar algo.

G: Essa questão de cor assim é até interessante, eu conversei com o Gabriel sobre isso, já tinha tido essa curiosidade que o João Batista teve, que o Thiago teve. E eu achei interessante porque quando a gente fala assim ah é azul, ele imagina o azul, porque ele sabe que o céu é azul o mar é azul, mas é tudo um azul só. Mas pra nós que enxerga ou tem essa lembrança a gente sabe que, nossa, azul tem tantos, né? Desde azul clarinho até azul escuro vai ter um azul mais chamativo, um azul mais neutro que eles são os pasteis que a gente chama hoje que são os pretens apagadinhos assim.

Grupo 1

G: Não sei por que foi marcado essa consulta. Porque meu corpo eu sinto que não tenho nada, sabe? Não tenho nada. Só unicamente a minha perna que é dificultada assim para me andar. E..., mas o organismo do corpo assim não tem nada, mano. Eu sinto que não tem nada. Eu tenho essa aguda de terra. E... não sei... A minha irmã marcou a consulta. O médico me encheu de conversa lá, sabe? Não sei. Não sei não, mas... agora que é quando for fazer o exame, ela não tem jeito de me negar aquilo, né?

T: Aham.

G: É isso aí o que eu tenho que falar.

T: Obrigado, Samuel.

G: Tô mostrando direitinho.

G: Desculpe, você quer ter uma esperança.

G: Não se preocupe.

G: Alguém mais quer compartilhar alguma coisa? Vocês entenderam qualquer proposta da pergunta? Se não entenderam, podem falar que a gente explica de novo.

T: É, podem me perguntar.

P: Acho que a maioria não entendeu bem.

P: Não é só pra as pessoas saírem, é só pra as pessoas com baixa visão, né? O Thiago está querendo saber assim como que vocês compreendem o local que vocês estão, né? Como que vocês entendem o que vocês viam antes e agora vocês não têm a mesma percepção. Não quer dizer que vocês não sentem a coisa que está no ambiente. Porque aqui na sala, as pessoas que chegaram e viram a sala antes de perder a visão e agora como é agora. Por exemplo, pessoas que chegaram aqui cegas soltas já e como que era antes e como que é agora, mas principalmente essa mudança de vida, né? Que você perde o sentido total assim, como que é pra vocês agora, né? Quando vocês voltam pra praia, né? Como que é, como que vocês percebem a praia, depois a primeira visão, depois a baixa visão também, mas esse sentido, essa relação afetiva, mas também o que mudou pra vocês, como que é?

G: Eu sinto mais medo de entrar na água. Já não entrava antes porque tinha medo agora não entro de jeito nenhum porque dá uma tontura. A gente fica tonto e parece que já vai cair. Pelo menos eu me sinto assim. Não gosto muito de ir na beradilha mais. Parece que eu já vou cair e já vou lá pra dentro, tenho medo.

T: Certo, medo.

G: Não, se não era assim. Não sei se alguém senta mesmo a sensação. Vocês não sentem?

G: Não.

G: eu fui pra praia uma vez só com a minha mãe, agora que eu fico na escola de novo. É muito bonito o barulho da água. Da onda, né? O barulho da onda. Daí andei bastante. Andei até em volta da praia, quase, eu com a mãe da diretora e é muito bonito a praia a água, aquela água deve ser muito, mas dá medo, mas tem medo, cuidado.

G: Também tem medo?

G: Eu tenho.

G: Eu tenho muito medo.

G: Daí, isso e aqui é a escola quando a primeira vez que eu entrei aqui estava tudo igualzinho, mas porque o mundo aqui a gente pega o cabelo. Mas está do mesmo jeito.

T: Do mesmo jeito.

G: Não tem mais nada. Por que o que é que eu vou falar? Eu como arroz com feijão.

T: Mas pessoal, é bem no sentido do que vocês estão falando. Pode ser um lugar que vocês já tiveram, uma paisagem que vocês têm na memória, uma lembrança afetiva que vocês têm.

G: Em casa é esgoto é bonito de ver esgoto.

T: Esgoto? Mas é nesse sentido.

G: É o aberto, né? Vou te contar. Não é muito fácil não. Aquele cheiro quando vem.

T: O esgoto é o aberto.

G: Mas é onde a gente tem pra morar, né?

P1: Vai começar por essa sala. Essa sala que eles lidaram. Ela era uma sala inteira. Dividida em duas. Era uma sala de educação física aqui ai tinha os aparelhos.

G: E agora?

P1: E agora é uma sala que eles dão aula de reeducação visual. E eles fizeram da sala que era uma só virou duas salas. Então duas professoras. Aqui tem a divisão do meio. E é onde fica uma sala pra cá e uma sala pro lado de lá. E aqui era toda a sala de educação física era bom que cabia bastante alunos. Quando eu vinha, vinha o grupo todo lembra que quando nós íamos fazer exercícios. Fazer todos juntos.

P1: Sim. Essa sala toda era só de educação física. Eles dividiram. Ficou... dividiram. Ficou um pouco aqui e um pouco na sede.

G: Tem as duas estrelas estragadas tem mais aparelho ainda.

P1: Está lá na sede agora eles punharam um pouco pra lá e ficou um pouco aqui. Porque aquela sala que estava lá era a sala que o Renato dava aula de música. Lembra? Era menor.

G: Tem aparelho aqui.

P1: Aqui a gente... aqui a gente repara cada vez, não sei como é que é a cada ano que nós pegamos férias assim do final do ano quando nós voltávamos eles pra ver que mudou alguma coisa eles aumentavam eles faziam uma sala. emendavam para fazer uma parte para fazer mais uma sala pra fazer a mesma coisa. Entendeu?

T: Aham.

G: Para quem... para gente que tem um pouco de visão não consegue se localizar. As pessoas que são total fica meio perdida não é? A gente não consegue encontrar as salas. Porque aquela sala era daqueles troca de lugar as salas. Então para quem não tem visão deve mudar as coisas de lugar. É uma coisa mais difícil para a gente na casa da gente, a gente já tem que deixar todas as coisas no mesmo lugar. Porque se for dentro de mais lugar. Às vezes a gente tem baixa visão não consegue. E aqui eles fazem muito disso quando nós pegamos férias e voltamos tem uma sala maior, tem uma sala mais, eles põem uma divisão, a sala do fulano é lá, a sala do fulano é lá, não, já não é mais lá, já foi mais para o lado. Uma vez nós chegamos lá no refeitório tinha mais uma sala que eles emendaram lá

G: Lá no refeitório?

P1: Bem no cantinho onde fica aquela... Que você vai para o banheiro.

G: Aham

P1: Que você vira ali da sala.

P1: Tinha uma sala de fisioterapia ali.

G: Ja era.

P1: Então... cada hora as vezes era uma coisa diferente. Onde que está esse pessoal ta difícil de achar... O pessoal não saía, entravam, mas não conseguiam sair. Pessoal de total visão essas mudanças no ambiente que a gente... Já está acostumado, para o que modifica, para nós é mais difícil. Para nós se nos acostumarmos é como se a gente tivesse que fazer uma

nova mobilidade. Daí você tem que aprender todo de novo o trajeto que você já estava acostumado de fazer.

G: Essa mudança que teve no refeitório agora.

P1: Sim. Agora tem mais mesas para você... Você tem que desviar de mais obstáculos. Colocaram aquela máquina de... De café que até agora não funciona, daí você tem que desviar daquilo, estão acompanhando assim. Igual baliza, igual fazer baliza, daí você vai aprender a dirigir. Você tem que estar tirando uma carteira nova, cada dia, do motorista. No ambiente que você está, e modifica, para nós é prejudicial.

APÊNDICE B – CARACTERIZAÇÃO DOS USUÁRIOS

Para esta pesquisa foi realizado o levantamento sistemático dos arquivos utilizados pela APADEVI para registro e controle dos usuários que frequentam a instituição. O levantamento dos arquivos e caracterização se dividem em duas partes, uma relacionada aos arquivos dos usuários que já não fazem mais parte da instituição, chamado de Arquivo Morto, e outra parte chamada de Arquivo Vivo, referente aos usuários que frequentaram a instituição no ano de 2023 (ano de realização do trabalho de sistematização na presente pesquisa).

Primeiramente, foi pensado sobre como trabalhar com os arquivos, uma vez que o Arquivo Morto consistia em arquivos em papéis, guardados em caixas organizadoras que se organizavam da letra A até Z. A instituição não sabia quanto era o número de usuários que estavam fichados.

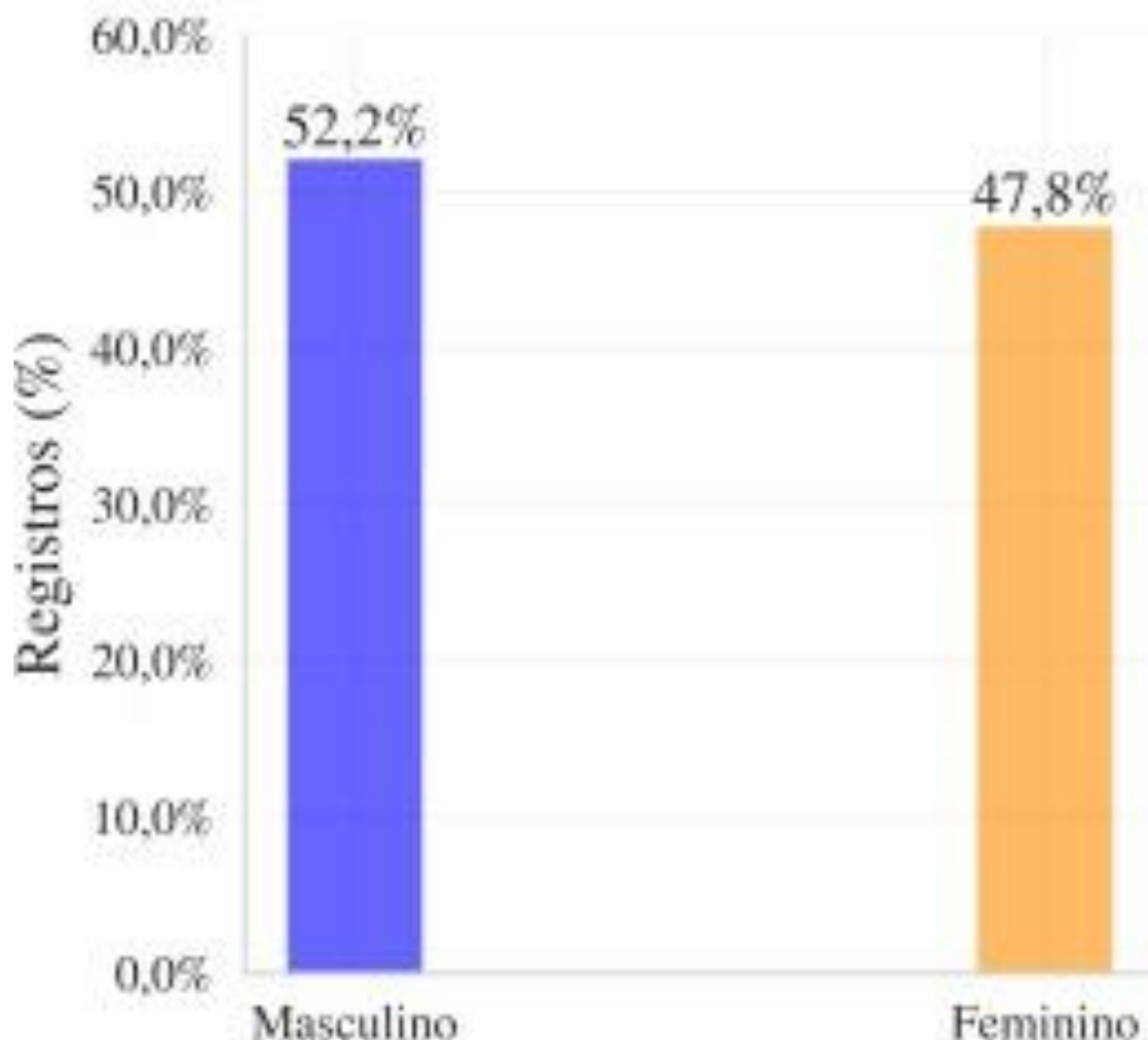
Então, primeiramente comecei utilizando uma divisão para uma melhor organização dos dados e para uma facilitação para a instituição poder utilizar as tabelas criadas. Na tabela criada para o Arquivo Morto, foi criado as seguintes colunas: "ID" (identificação); "Nome"; "Sexo"; "Idade" (data de nascimento somente o ano); "Laudo"; "Cego Congênito?"; "Entrada" (Data referente a entrada do usuário na instituição); Saída (Data referente a saída do usuário da instituição); Endereço.

Entretanto, para o "Arquivo Vivo", a configuração da tabela se deu de forma a ficar mais parecida com o modelo atual de registro da instituição, contendo: "ID" (identificação); "Nome"; "Sexo"; "Idade" (data de nascimento somente o ano); "Laudo"; "Entrada" (Data referente a entrada do usuário na instituição); Endereço.

Arquivo morto

No Arquivo Morto, foram encontrados 631 registros de usuários que já passaram pela instituição (1985-2023). Desses registros, pode-se realizar algumas análises a partir dos dados obtidos. Foram realizados os levantamentos de distribuição por sexo declarado dos usuários em suas fichas de matrículas, qual foi obtido uma amostra de que a maior dos usuários atendidos na APADEVI, são do sexo masculino (Figura 8).

Figura 8 - Distribuição dos usuários do Arquivo Morto da APADEVI - distribuição por sexo



Fonte: O autor

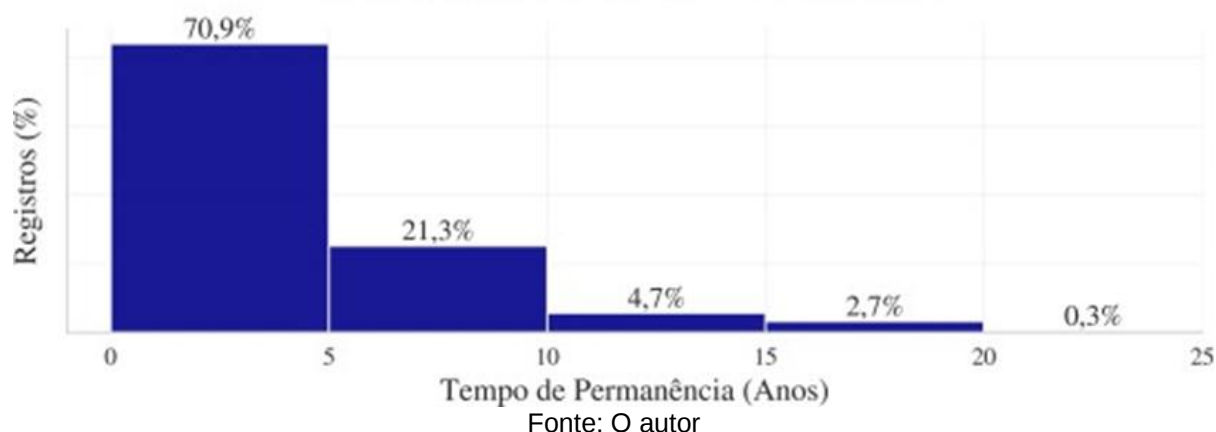
Essa afirmação sobre a predominância de usuários do sexo masculino na APADEVI a partir da análise dos registros pode levantar questões sobre a representatividade da amostra.

Dentre os dados obtidos estava o dado de “Entrada” e “Saída” dos usuários da instituição. Dentre os 631 registros disponíveis, apenas 298 apresentaram valores simultâneos não nulos para as variáveis “entrada” e “saída”, isso se deve ao fato que uma grande maioria dos registros encontrados no Arquivo Morto, não conterem com um termo de desligamento, ou algo que data o encerramento da participação do usuário na APADEVI, no qual, muita das vezes o que acontece, é o usuário não retornar a instituição depois de um período e seu histórico ser arquivado no final do ano letivo.

A fim de calcular o tempo de permanência, realizou-se a subtração dos valores não nulos de saída pelos valores não nulos de entrada. Esses 298 registros

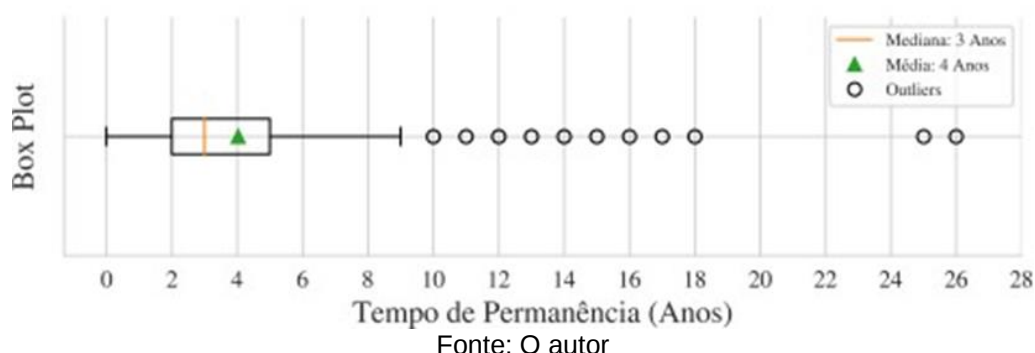
constituem o conjunto de dados para a variável "tempo de permanência". Para entender a distribuição desse tempo de permanência, os registros foram agrupados a cada intervalo de 5 anos, e a proporção de registros em cada grupo foi anotada. Essa análise permitiu calcular a porcentagem desses 298 registros em relação ao tempo de permanência (Figura 9).

Figura 9 - Tempo de permanência dos usuários na APADEVI (registrados no Arquivo Morto)



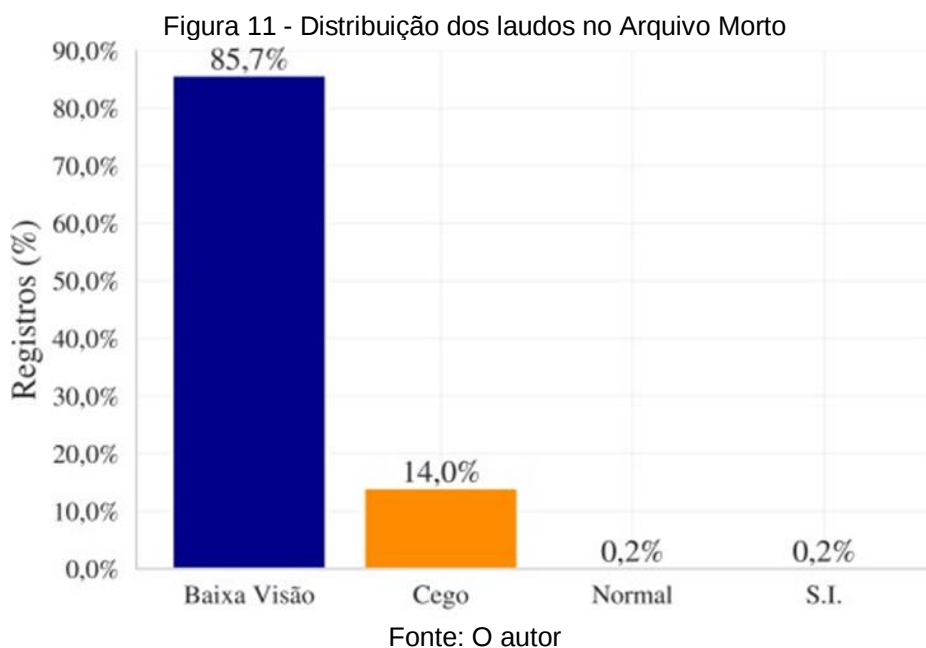
Considerando o tempo de permanência como uma variável numérica, foi possível calcular medidas estatísticas descritivas. A média amostral foi calculada para estimar o tempo médio de permanência nos registros, enquanto a mediana foi utilizada para identificar o tempo de permanência mais frequente, conforme demonstrado no Figura 10:

Figura 10 - Distribuição do tempo de permanência dos Registros



Segundo Conde (2023) a cegueira é um termo que não é absoluto e engloba diferentes graus de capacidade visual remanescente. Não implica necessariamente a total incapacidade de enxergar, mas sim uma limitação que interfere na realização das atividades diárias. Existe a "cegueira parcial" ou "legal/profissional", na qual os indivíduos conseguem apenas distinguir luz e sombra, perceber vultos ou contar dedos a curta distância. Mais próximo da cegueira total estão aqueles que veem

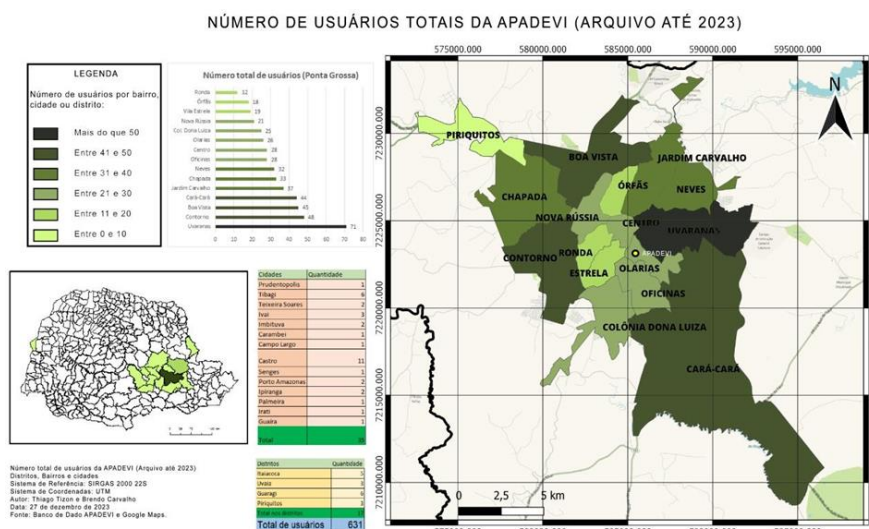
apenas projeções luminosas, conseguindo identificar a direção da luz. Já a cegueira total, também conhecida como amaurose, implica na perda completa da visão, em que até a percepção de luz está ausente, sendo denominada no jargão médico como "visão zero" (Conde, 2023). Foi obtido através dos registros os seguintes dados, sobre a distribuição da classificação dos laudos em Cego e Baixa Visão (Figura 11).



Uma pessoa é considerada cega se sua melhor visão corrigida for de 20/200 ou menos, indicando que ela vê a 20 pés o que uma pessoa com visão normal vê a 200 pés, ou se o diâmetro mais amplo de seu campo visual é de até 20°, mesmo que sua visão dentro desse campo seja melhor que 20/200. Isso é frequentemente chamado de "visão em túnel" ou "ponto de alfinete", sendo algumas vezes referido como "cegueira legal" ou "cegueira econômica".

Na categoria de visão subnormal ou baixa visão, estão aqueles com acuidade visual entre 6/60 e 18/60 na escala métrica e/ou com um campo visual entre 20° e 50°. Pedagogicamente, uma pessoa é considerada cega se, mesmo com visão subnormal, necessitar de instrução em Braille (sistema de escrita em relevo). Aqueles com visão subnormal podem ler tipos impressos ampliados ou com a ajuda de recursos ópticos potentes (Conde, 2023). Com o campo Endereço foi levantado os dados de distribuição espacial dos usuários no espaço urbano de Ponta Grossa-PR. Esse dado se faz importante para a instituição conseguir espacializar seus usuários uma vez que uma grande parcela deles, se desloca diariamente para a APADEVI. Na Figura 12, pode-se observar a distribuição de usuários que passaram pela instituição até 2023.

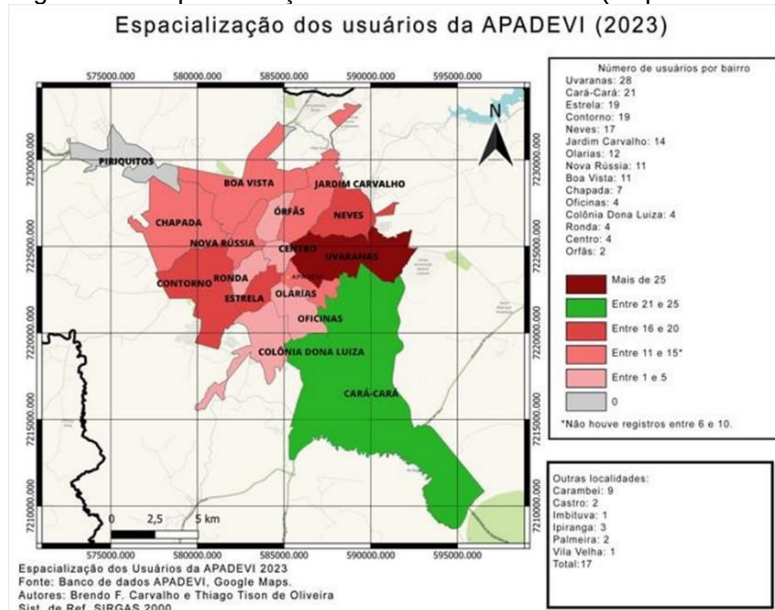
Figura 12 - Espacialização de usuários APADEVI (Arquivo Morto)



Fonte: O autor

Para a construção deste mapa foi utilizado os dados de endereço dos usuários em suas fichas de registro. Desse dado foi retirado apenas a localização do bairro no qual o usuário estava morando quando foi feito o registro de seu endereço. Optou-se pela utilização dos bairros como forma de espacialização. Pode-se observar uma maior concentração de usuários próximos a APADEVI que está localizada no bairro de Olarias. O mapa foi realizado a pedido a própria instituição que gostaria de saber sobre seus usuários. No arquivo vivo durante a pesquisa, resultava num montante de 187 usuários ativos e devidamente cadastrados na instituição. Dentro desse montante, foi apurado a espacialização dos usuários por Bairros de Ponta Grossa (Figura 13).

Figura 13 - Espacialização de usuários APADEVI (Arquivo Morto)



Fonte: O autor

Esse mapa, confeccionado a partir das aspirações da instituição, poderá ser utilizado para visualizar melhor como se dá a espacialização dos usuários ativos na APADEVI, podendo servir de fonte para pedidos de ajuda e intervenção municipal para rotas de ônibus e mais assistência para esta comunidade.